



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS  
E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA  
MESTRADO ACADÊMICO

DARNLEY DIAS CAMPOS

SABERES DA TRADIÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS  
MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE CHÃ DA PIA, AREIA-PB

Campina Grande-PB  
2022

DARNLEY DIAS CAMPOS

SABERES DA TRADIÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS  
MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE CHÃ DA PIA, AREIA-PB

Trabalho de Conclusão de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

**Área de concentração:** Ensino de Ciências e Educação Matemática.

**Orientadora:** Profa. Dra. Márcia Adelino da Silva Dias

Campina Grande-PB  
2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C198s Campos, Darnley Dias.  
Saberes da tradição e a percepção ambiental dos moradores da comunidade Chã da Pia, Areia-PB [manuscrito] / Darnley Dias Campos. - 2022.  
99 p. : il. colorido.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Acadêmico em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Márcia Adelino da Silva Dias, Departamento de Biologia - CCBS."

1. Percepção ambiental. 2. Saberes da tradição. 3. Comunidade tradicional. 4. Loixa de barro. 5. Trilha cultural. I. Título

21. ed. CDD 738.3

DARNLEY DIAS CAMPOS


SABERES DA TRADIÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS  
MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE CHÃ DA PIA, AREIA-PB

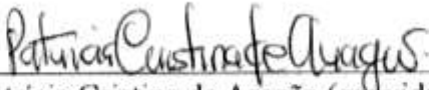
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.


**Área de concentração:** Ensino de Ciências e Educação Matemática.

Aprovada em: 12/08/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Márcia Adelino da Silva Dias (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Patricia Cristina de Aragão (convidada interna)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (convidado externo)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Dedico esta dissertação, primeiramente, a Deus, depois aos meus pais, irmãos, namorada, professores do mestrado e a UEPB, amigos e aos moradores da comunidade rural tradicional de Chã da Pia. Todos possuem um lugar especial em meu coração.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, agradeço por estar sempre comigo, me confortando com teus abraços e guiando com tua luz. A ti, meu Deus, também sou grato a sabedoria e a força que tens me dado durante toda a minha trajetória no mestrado, enxugando minhas lágrimas e as transformando em sorrisos que tocaram minh'alma. Sou e serei eternamente grato a ti. Eu não seria nada sem Deus a frente de tudo, me livrando de todo mal. Toda honra e glória a ti.

Os meus pais (Daniel Campos Martins e Maria de Fátima Dias Campos): agradeço o apoio, carinho e a paciência que tiveram comigo. Feliz por ser motivo de orgulho a vocês. Dou graças a Deus pela criação que tive, pois sei que deram o melhor para que me tornasse uma pessoa de bem. O apoio incondicional foi muito importante para que este momento fosse possível. GRATIDÃO! Eu os amo muito!

Aos meus dois irmãos (Davison Dias Campos e Dalowsier Dias Campos): agradeço de coração por cada palavra de apoio dita, pois sei que não importa o quantitativo delas, mais o qualitativo.

A minha bela namorada (Deise Luci Andrade): não tenho palavras suficientes para descrever o quão és importante em minha vida profissional e pessoal. O apoio vem desde o processo de seleção do mestrado. Nele, estiveste ao meu lado o tempo todo: para ouvir os meus desabafos, enxugando minhas lágrimas, etc.. Praticamente todo o mestrado foi durante a pandemia. Uma dificuldade adicional que superamos juntos! Isso tudo me trouxe mais tranquilidade e segurança para prosseguir.

Aos colegas e amigos que estiveram, e estão, comigo sempre, desde quando eu era aluno especial do mestrado: agradeço a cada um de vocês por cada diálogo construtivo e apoio moral e/ou profissional. Destaco um para representar a todos: Daniela Gomes. Você, minha amiga, sou grato por cada frase que me deste de apoio, pois sabemos o que passamos para chegarmos até aqui. Você já defendeu a sua dissertação, e vi, na sua emoção, a descrição do dever cumprido.

A minha orientadora profa. Dra. Márcia Adelino: agradeço pela oportunidade que me deste. Dou graças a Deus por ter sido seu orientando no mestrado. Obrigado pelas orientações construtivas nesta dissertação e no Produto Acadêmico, das conversas e no cuidado com cada etapa. Saiba que sempre sou e serei grato a você. Grato pela compreensão. Isso foi extremamente importante na construção da minha trajetória pessoal e profissional.

Aos professores do mestrado que tive o prazer em rever e de conhecer: agradeço pelos ensinamentos, apontamentos, indicação de referências para a minha pesquisa, palavras de incentivo. Foram importantes para a minha dissertação, e serão mais importantes ainda para a minha vida acadêmica.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGECM): Agradeço pela paciência e compreensão de todos (coordenadores e secretários), pois sempre foram solícitos para me ajudar. Foram peças importantes na minha trajetória no mestrado.

Aos moradores da comunidade rural tradicional de Chã da Pia, Areia-PB: não tenho palavras para descrever a honra que foi conviver com cada um de vocês. Vocês sempre me receberam muito bem, desde a minha primeira ida. Foram pacientes e solícitos em todas as etapas desta pesquisa. A cada conversa com cada um, eu aprendia um pouco mais sobre a tradição dos artefatos de barro que produzem. Diálogos descontraídos sobre temas variados... enfim, é sempre prazeroso conversar com todos vocês.

A todos, de coração: **MUITO OBRIGADO!!**

## RESUMO

Os moradores da comunidade rural tradicional de Chã da Pia, Areia-PB, muitas vezes não se sentem valorizados por serem artesãos e artesãs. Alguns estão tendo que direcionar um futuro diferente para os filhos. Isto posto, não podemos permitir que uma cultura milenar tradicional se perca no tempo e nem este saber milenar tradicional, porque morrendo a cultura milenar tradicional, morrerá parte da nossa identidade também. Isso me inquietou em realizar este estudo. Esta pesquisa foi desenvolvida na comunidade rural tradicional de Chã da Pia, a noroeste do município de Areia-PB. O objetivo geral deste trabalho consiste em pesquisar, em uma perspectiva socioambiental, os saberes da tradição dos moradores de Chã da Pia/Areia/PB, analisando a sua percepção ambiental na produção da louça e utensílios fabricados manualmente com barro e durante a prática da cultura de subsistência desenvolvidas pelos moradores da localidade. Os objetivos específicos são: Identificar aspectos da percepção ambiental entre os moradores da comunidade de Chã da Pia, em seu fazer laboral; Analisar como os saberes da tradição são ensinados de geração a geração entre as pessoas da comunidade; Elaborar um plano de trilhas ecológicas de visitação aos “Quintais da Chã da Pia”, com o intuito de reforçar a tradição entre os moradores da comunidade. Esta pesquisa possui abordagem etnográfica, de cunho qualitativa descritiva, por ser mais adequada para compreender a natureza de um fenômeno social. As fases desta pesquisa se desenvolveram em modo híbrido. A coleta dos dados se deu de maneira on-line, através do *WhatsApp* e *Google Meet*, com entrevistas e aplicação dos questionários semiestruturados aos participantes. Os dados coletados foram alocados na plataforma Microsoft Office Excel 2016, e foram analisados de acordo com análise de conteúdo. Entre o intervalo de 10 anos (2004 - 2014), houve decréscimo de artesãos ativos. Além da atividade com o barro de loiça, 57,1% praticam agricultura de subsistência, com cultivares de milho e feijão. Quanto ao ensinar os saberes tradicionais a outras pessoas, 5 responderam que sim e talvez ensinariam isso. Os saberes da tradição são repassados dos que possuem mais idade aos mais novos através da oralidade e experimentalmente de geração a geração, pela tradição. Os dados mostram que só as mulheres repassam estes saberes: mãe, irmã e avó. A percepção ambiental predominante entre os participantes é a antropocêntrica, com 71,4% deles. As etapas da produção das loiças de barro, constata-se questão de gênero muito forte e evidente. A pesquisa que realizei não é aleatória, a ermo, uma vez que intenciono, com esta pesquisa de dissertação; que os moradores da comunidade se sintam respeitados e valorizados como os seres humanos íntegros que são. Esta serve de instrumento de valorização da cultura milenar local e dos moradores da comunidade. Ela possui importância tanto para a Ciência quanto para a comunidade rural tradicional de Chã da Pia (ou Pia) e a cultura paraibana, quiçá do Nordeste.

Palavras-chave: percepção ambiental; saberes da tradição; comunidade tradicional; loiça de barro; trilha cultural.



## ABSTRACT

Residents of the traditional rural community of Chã da Pia, Areia-PB, often do not feel valued for being artisans. Some are having to direct a different future for their children. That said, we cannot allow a traditional millenary culture to be lost in time and neither this traditional millenary knowledge, because the traditional millenary culture dies, part of our identity will also die. This made me anxious to carry out this study. This research was developed in the traditional rural community of Chã da Pia, northwest of the municipality of Areia-PB. The general objective of this work is to research, from a socio-environmental perspective, the traditional knowledge of the residents of Chã da Pia/Areia/PB, analyzing their environmental perception in the production of crockery and utensils made manually with clay and during the practice of subsistence culture developed by the residents of the locality. The specific objectives are: To identify aspects of environmental perception among the residents of the community of Chã da Pia, in their work; Analyze how traditional knowledge is taught from generation to generation among people in the community; Develop a plan of ecological trails to visit the “Quintais da Chã da Pia”, with the aim of reinforcing the tradition among the residents of the community. This research has an ethnographic, descriptive qualitative approach, as it is more adequate to understand the nature of a social phenomenon. The phases of this research were developed in hybrid mode. Data collection took place online, through WhatsApp and Google Meet, with interviews and application of semi-structured questionnaires to participants. The collected data were allocated to the Microsoft Office Excel 2016 platform, and were analyzed according to content analysis. Between the 10-year interval (2004 - 2014), there was a decrease in active artisans. In addition to the activity with clay, 57.1% practice subsistence agriculture, with maize and bean cultivars. When teaching traditional knowledge to other people, 5 answered yes and maybe they would teach that. The knowledge of tradition is passed on from the older to the younger ones through orally and experimentally from generation to generation, through tradition. The data show that only women pass on this knowledge: mother, sister and grandmother. The predominant environmental perception among the participants is anthropocentric, with 71.4% of them. In the stages of production of clay tableware, there is a very strong and evident gender issue. The research I conducted is not random, by the way. This dissertation is for and for the residents of the rural community to feel respected and valued as the righteous human beings that they are. This serves as an instrument for valuing the local millenary culture and the residents of the community. It is important both for Science and for the traditional rural community of Chã da Pia (or Pia) and the culture of Paraíba, perhaps the Northeast.

Keywords: environmental perception; knowledge of tradition; traditional community; earthenware; cultural trail.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Percepção ambiental dos participantes, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2022. ....	59
Gráfico 2 - Decréscimo dos artesãos ativos em 10 anos, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2022.....	63
Gráfico 3 - Participantes da pesquisa dentre o universo de moradores da comunidade e os participantes do projeto “Quintais Culturais de Chã da Pia”, Areia-PB. Ano: 2022. ....	64
Gráfico 4 - Participantes que praticam agricultura de subsistência, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2022. ....	65
Fotografia 1 - Peças zoomórficas (A e B - respectivamente 2019 e 2021) e antropomórficas (B) produzidas pelos homens da comunidade rural tradicional de Chã da Pia, Areia-PB. ....	66
Fotografia 2 - Cartaz produzido pelas artesãs de Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2019. ....	66
Gráfico 5 - Participantes que responderam se ensinariam os saberes tradicionais a outras pessoas, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2022. ....	70
Gráfico 6 - Familiares que ensinaram os saberes aos participantes, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2022. ....	70
Fotografia 3 - Peças utilitárias produzidas por uma loiceira da comunidade rural tradicional de Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2021. ....	73
Fotografia 4 - Banner exposto na Casa da Cultura, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2021. ....	74

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 - DISCUSSÃO TEÓRICA</b> .....	16
<b>1 CULTURA E SABERES DA TRADIÇÃO</b> .....	16
1.1 <b>Cultura: histórico e posicionamento conceitual</b> .....	16
1.2 <b>Saberes da tradição</b> .....	21
1.2.1 <i>Cultura de subsistência, extrativismo e êxodo rural</i> .....	24
1.3 <b>Educação e tradição</b> .....	29
<b>2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL</b> .....	33
2.1 <b>Preservação e conservação ambientais</b> .....	36
<b>CAPÍTULO 2 - PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	44
<b>1 ORGANIZAÇÃO DAS ETAPAS DA PESQUISA</b> .....	44
1.1 <b>Escolha do local e participantes da pesquisa</b> .....	44
1.2 <b>Planejamento da pesquisa</b> .....	45
<b>2 TIPO DE PESQUISA</b> .....	47
<b>3 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO</b> .....	47
3.1 <b>Município de Areia-PB: origem e cultura</b> .....	47
3.2 <b>Caracterização dos participantes</b> .....	49
<b>4 CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	50
4.1 <b>Categorias Teóricas de Análise</b> .....	50
4.1.1 <i>Percepção ambiental</i> .....	50
4.1.1.1 <i>Naturalista</i> .....	50
4.1.1.2 <i>Antropocêntrica</i> .....	51
4.1.1.3 <i>Preservação ambiental</i> .....	51
4.1.1.4 <i>Conservação ambiental</i> .....	51
4.1.2 <i>Cultura</i> .....	52
4.1.3 <i>Saberes da tradição</i> .....	52
4.2 <b>Categorias Empíricas</b> .....	53
4.2.1 <i>Atividade ocupacional</i> .....	53
4.2.1.1 <i>Agricultor</i> .....	53
4.2.1.2 <i>Artesão</i> .....	53
4.2.1.3 <i>Artista</i> .....	54

4.2.2 <i>Saber da tradição e cultura</i> .....	54
<b>5 PLANO DE PRODUTO ACADÊMICO</b> .....	55
<b>CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	58
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	75
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	78
<b>APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA</b> .....	90
<b>ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)</b> .	92
<b>ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VÍDEO (TCFV)</b> .....	95
<b>ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ (TAGV)</b> .96	
<b>ANEXO D - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)</b> .....	97

## INTRODUÇÃO

Sou natural de Cajazeiras-PB, mas moro em Campina Grande-PB desde os 5 anos de idade. Nasci no ano de 1984. No ensino básico jamais repeti de ano. Prestei vestibular para cursar Ciências Biológicas na UEPB para o turno noturno, tendo sido aprovado na terceira tentativa. A partir deste ponto, a minha vida mudara consideravelmente.

A minha trajetória acadêmica teve início no ensino superior em 2007, mais precisamente na turma noturna de Ciências Biológicas - licenciatura - 2007.2. Tive o prazer em ser “cria” da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - Campus I), lugar onde construí e caminhei na bela estrada do conhecimento. Na minha graduação, defendi meu TCC no final de 2013 e coleei grau no ano seguinte. Foi emocionante. Em uma atitude ousada, decidi dar um salto e caminhar de volta na estrada do conhecimento. Em 2019, cursei duas disciplinas como aluno especial do Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, ainda na UEPB, e me integrei no Grupo de Estudos da Complexidade e da Vida (GRECOMVIDA), sendo a minha orientadora (professora Dra Márcia Adelino) a coordenadora. O passo seguinte foi participar da seleção para ser aluno regular do mesmo. Em 2020, iniciei a minha trajetória na pós-graduação, no Mestrado Acadêmico.

O simples e os detalhes se fazem presentes em meu ser, impregnados no meu Eu. Tenho em mim que as grandes coisas são construídas de simplicidade e detalhes singulares. A peça artesanal de barro, por exemplo, cheia de significados e de beleza única, um dia foi torrão de barro agregado ao solo. Sem visibilidade, sem valor para muitos, mas riquíssimo para os artesãos e artesãs que os modelam. O encanto pelo saber tradicional faz parte do meu DNA.

Os moradores desta comunidade, muitas vezes não se sentem valorizados pelo que fazem. Alguns estão tendo que direcionar um futuro diferente para os filhos. Isto posto, não podemos permitir que uma cultura milenar tradicional se perca no tempo e nem este saber milenar tradicional, porque morrendo a cultura milenar tradicional, morrerá parte da nossa identidade também. Um dos moradores relatou que pensou em desistir do artesanato, mas esta pesquisa veio para “reavivar a nossa cultura”. Valorizar o trabalho artesanal é valorizar a cultura de uma região. A ameaça desta atividade tradicional se dissolver no tempo me estimula a fazer algo, para que esta atividade milenar ainda viva.

Os autores Lévi-Strauss (1989), Chauí (2000), UNESCO (2002), Almeida (2018), Barros e Dias (2018) e Barros (2018) contribuíram positivamente para melhor compreensão do termo “cultura”. Os autores Almeida (*et al.*, 2013), Brasil (2007), Severo e Almeida (2011) e a

Associação dos Amigos de Areia (2014) foram as principais referências que fundamentaram no tocante aos saberes tradicionais. Já em relação à questão socioambiental, os autores Brasil (2016a), Carvalho (2017) e Leff (2009) moldaram neste quesito, aparando arestas conceituais, resultando em uma compreensão fluida. O termo topofilia foi melhor compreendido me debruçando sobre os escritos de Tuan (1980).

No tocante à percepção, tive uma contribuição significativa dos autores Oliveira (1996), Marin (2008), Chauí (2000) e Gil (2002). A partir da compreensão deste termo, fica mais encaminhado o entendimento da percepção ambiental, consolidado através dos autores Barros e Dias (2018), Maturana (2001), Lucena (2010), Melazo (2005), Pereira e Dias (2011) e Lerner (2008).

O município paraibano de Areia, localiza-se na mesorregião Agreste e microrregião Brejo, é conhecido como a terra da cultura (AREIA, [20--]; BRASIL, 2014). Esse município possui o conjunto Histórico, Urbanístico e Paisagístico muito rico, e foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – em 2006 (BRASIL, 2014).

A dissertação presente aborda a cultura tradicional na comunidade rural de Chã da Pia, localizada a noroeste de Areia-PB (BRASIL, c2017). Os moradores possuem descendência indígena, provavelmente dos Buxaxás, Tupis ou Cariris (BRASIL, 2014; BRASIL, c2017) e também quilombola. A relação do ambiente e os saberes da tradição é muito relevante, nesta comunidade, pelo fato de que os moradores utilizam dos recursos naturais disponíveis no próprio local para produzirem seus artesanatos. Esses recursos são finitos. Esta comunidade é considerada tradicional pelo fato dos conhecimentos na produção das loiças de barro serem transmitidos de geração a geração, pela tradição, e a transmissão do que aprendem é perene (ALVES, 2004; ALMEIDA; DANTAS, 2020; BRASIL, 2007). Isso requer a singular percepção de cada morador.

A sazonalidade da produção de artefatos de barro e a agricultura estão presentes em uma convivência perfeita (CÓRDULA, 2013). O artesanato produzido faz parte da expressão cultural deste local, com o saber-fazer próprios e singular (ALVES, 2004; ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014). Isso é construído com muito esforço e suor.

A presente pesquisa (aprovada pelo comitê de ética, nº 5.181.861) é muito importante tanto para as Ciências quanto para a comunidade rural de Chã da Pia e a cultura paraibana, quiçá do Nordeste, pois é da identidade de um povo aguerrido que está no cerne da questão. Os artefatos de barro são únicos, tanto na morfologia quanto nos significados.

Os saberes da tradição é o saber próprio da comunidade em questão, no caso desta pesquisa, a comunidade rural de Chã da Pia. É uma cultura que receberam como herança (SEVERO; ALMEIDA, 2011), tendo como o saber-fazer uma prática enraizada na identidade dos moradores (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014).

A abordagem da percepção ambiental é realizada por vários autores, a exemplo de Barros e Dias (2018), Lucena (2010), Lermen (2008), Pereira e Dias (2011), Severo (2012) e Barros (2018). Nesta pesquisa, é pertinente pelo fato dos conhecimentos que possuem sobre ambiente, os fazem agir sobre ele. Ela é o momento de consciência do ser humano em relação ao ambiente (BARROS; DIAS, 2018). Para Severo (2012), a percepção ambiental é a compreensão do fenômeno da natureza, nos deixando próximos dos seus processos.

Os moradores de uma determinada área reagem e respondem de maneiras distintas sobre o ambiente, e esses são resultados das percepções, coletivas e/ou individuais, e expectativas de cada um (BARROS; DIAS, 2018). A percepção ambiental está correlacionada com a cultura, experiência de vida e o espaço físico onde cada pessoa está inserida (LERMEN, 2008).

A percepção ambiental de uma determinada comunidade sofre influência cultural e da rotina do desenvolvimento desta região onde se inserem, sugerindo que a maioria dos problemas ambientais podem ser decorrentes da percepção equivocada que eles possuem acerca do meio (PEREIRA; DIAS, 2011). A preservação ambiental é a proteção mais rígida e total do ambiente, não importando seu valor econômico e nem utilitário. Ela é intocável, utilitária para admiração e observação (LIMA, c2020). A autora conceitua a conservação ambiental como o uso racional da natureza, a utilizando de maneira planejada e racional, tendo o homem com a função de gestão, cujo mesmo faz parte dela. Este uso pode ser através das trilhas ecológicas e/ou educação ambiental, por exemplo. Sendo assim, o impacto ao ecossistema é reduzido.

A indagação é inevitável: o que é Educação Ambiental? Segundo a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, em seu artigo 1º, Educação Ambiental (EA) é a construção, através do indivíduo e a coletividade, do saber e valores sociais, no intuito da conservação ambiental. O ensino formal na EA, no artigo 10 da Lei nº 9.795/1999, será desenvolvido em práticas constantes, educativas e integradas, sem excluir nenhuma modalidade ou nível de ensino. (BRASIL, 1999).

A Educação Ambiental não formal, segundo o artigo 13 da Lei nº 9.795/1999, são práticas educativas com o objetivo de sensibilizar o coletivo sobre esta temática ambiental, sendo a organização e a participação dela defender um ambiente de qualidade (BRASIL, 1999). A EA tem que ser praticada todos os dias.

A pesquisa que fiz não é aleatória, a erro. É para e pelos integrantes desta comunidade rural se sentirem respeitados como seres humanos íntegros que são. Não podemos permitir que essa tecnologia primitiva e tradicional se dissolva no tempo, devido as novas tecnologias. Se não monitorar o avanço desenfreado do progresso agora, toda a tradição pode se autodestruir (JACOBI, 2005).

O objetivo geral deste trabalho consiste em pesquisar, em uma perspectiva socioambiental, os saberes da tradição dos moradores de Chã da Pia/Areia/PB, analisando a sua percepção ambiental na produção da louça e utensílios fabricados manualmente com barro e durante a prática da cultura de subsistência desenvolvidas pelos moradores da localidade. Os objetivos específicos são: Identificar aspectos da percepção ambiental entre os moradores da comunidade de Chã da Pia, em seu fazer laboral; Analisar como os saberes da tradição são ensinados de geração a geração entre as pessoas da comunidade; Elaborar um plano de trilhas ecológicas de visitação aos “Quintais da Chã da Pia”, com o intuito de reforçar a tradição entre os moradores da comunidade. Esse plano será o Produto Acadêmico.

Esta pesquisa é útil como instrumento para mitigar o êxodo rural, com incentivos ao turismo rural, aquecendo a oferta de geração de emprego e renda locais. Esta comunidade rural é um espaço primordial na produção e conservação da cultura e conhecimento tradicional, que são educativos, porque possibilitam a Educação Ambiental.

Os conhecimentos vêm contribuir para a área de concentração: Ensino de Ciências e Educação Matemática, e para o Programa na linha de pesquisa 3: Metodologia, Didática e Formação do professor no Ensino de Ciências e Educação Matemática, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática - PPGECM.

As categorias de análise geradas foram as teóricas e as empíricas. As geradas na primeira foram: percepção ambiental (subdividida em naturalista, antropocêntrica, preservação ambiental e conservação ambiental); cultura; saberes da tradição. Já as categorias empíricas são: atividade ocupacional (subdividida em agricultor, artesão e artista); saber da tradição e cultura.

A presente dissertação está organizada em: introdução, três capítulos, considerações finais, referências, um apêndice e quatro anexos, sendo eles: capítulo 1 de discussão teórica, o segundo com o percurso metodológico, terceiro refere-se a discussão dos resultados e finalizado com as considerações finais.

O capítulo teórico: Discussão teórica - consta uma breve história e posicionamento conceitual do termo Cultura; Saberes da tradição; Cultura de subsistência, extrativismo e êxodo



rural; Educação e tradição; Percepção ambiental; Preservação e conservação ambientais. O capítulo 2: Percurso metodológico está organizado em: Organização das etapas da pesquisa; escolha do local e participantes da pesquisa; Planejamento da pesquisa; Tipo de pesquisa; Caracterização do local de estudo; Município de Areia-PB: origem e cultura; Caracterização dos participantes; Categorias de análise dos dados. Finalizando com o Plano de Produto Acadêmico. O capítulo 3, trata da discussão dos resultados obtidos da coleta de dados. As considerações finais vêm logo em seguida, fechando a parte textual desta dissertação.

Após as Referências, o apêndice “A” compreende o Instrumento de coleta de dados da pesquisa, nada mais é do que o questionário aplicado na entrevista on-line. Nos anexos compreendem os termos referentes a permissões e ciência da pesquisa, são eles: Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Anexo B - Termo de Autorização para Uso de Imagem e Vídeo (TCFV); Anexo C - Termo de Autorização para Gravação de Voz (TAGV); Anexo D - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

A presente pesquisa tem finalidade etnográfica, cujos dados receberam tratamento qualitativo descritivo, pelo fato de se tratar de uma comunidade tradicional de artesãos e produtores rurais que praticam a agricultura de subsistência, e para aprender os significados (ROCHA; HANDEM; MATIOLI, 2009). Esse tratamento é devido também ao foco ser a percepção de ambiente dos moradores da comunidade rural de Chã da Pia (HANDEM *et al.*, 2009). A pesquisa qualitativa é a metodologia mais adequada para compreender a natureza de um fenômeno social, se utiliza diferentes concepções filosóficas e estratégias de investigação (CRESWELL, 2010; RICHARDSON *et al.*, 1999).

## **CAPÍTULO 1**

### **DISCUSSÃO TEÓRICA**

Este capítulo, compreende o arcabouço teórico. É descrito sobre a relação homem-ambiente, e também o diálogo entre os conhecimentos científicos e popular. Aqui está descrito em dois tópicos e seus respectivos subtópicos: 1- Cultura e saberes da tradição (subdividido em Cultura: histórico e posicionamento conceitual; Saberes da tradição (subdividido por Cultura de subsistência, extrativismo e êxodo rural); Educação e tradição; 2- Percepção ambiental (subdividido em preservação e conservação ambientais). Nesta, contempla a sustentabilidade e suas dimensões.

## **1 CULTURA E SABERES DA TRADIÇÃO**

### **1.1 Cultura: histórico e posicionamento conceitual**

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009) - foi considerado o mestre da antropologia moderna - escreveu o livro intitulado “O Pensamento Selvagem” (FRAZÃO, 2019). Nesse livro, consta que o domínio do ser humano em relação às grandes artes da civilização - agricultura, cerâmica, tecelagem e domesticação de animais - foi consolidada no período neolítico (LÉVI-STRAUSS, 1989).

Não basta ser preciso com a identificação de todos os elementos componentes do ambiente em que uma determinada comunidade vive, ou dos fenômenos naturais evocados nos mitos e nos rituais, é importante saber a função que cada cultura atribui em um sistema de significações (LÉVI-STRAUSS, 1989). O autor ressalta que o conhecimento acumulado durante séculos e estes transmitidos de geração a geração, apenas alguns são retidos “[...] para destinar ao animal ou à planta uma função significativa num sistema” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 70). Precisa-se reintegrar à cultura com a natureza, para melhor compreensão do ambiente que temos em volta, pois a relação é dinâmica (LÉVI-STRAUSS, 1989).

As autoras Luiz e Leite (2018) destacam que a antropologia propõe alternativas para que as dualidades ocidentais sejam superadas. Isso dialoga perfeitamente com a última afirmação do Lévi-Strauss (1989) supracitada, mesmo ele dando a entender que exista esta dicotomia. Sendo assim, deixa claro que o Lévi-Strauss é dicotômico com as próprias afirmações.

O sociólogo francês Bruno Latour (nascido em 1947) é o fundador dos estudos etnográficos, e escreveu o livro intitulado “Jamais Fomos Modernos” (MASSONI; MOREIRA, 2017), no qual se refere a dualidade homem-ambiente. O sociólogo, em seu livro, já mostra diferença de pensamento, ao considerar que a sociedade e a natureza são construídas (LATOUR, 1994). O autor mostra que não se fala os termos Cultura e natureza, mas Culturas e naturezas, formando o único termo: naturezas-culturas.

A autora Chauí (2000, p. 372) descreve a etimologia do termo Cultura: “[...] vinda do verbo latino *colere*, que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar [...]”. O conceito deste termo é polissêmico. Chauí (2000) corrobora com tal afirmação. Cultura pode significar o cuidar do homem com a natureza (CHAUÍ, 2000). Chauí (2000, p. 372), ressalta que cultura, a partir do século XVIII, passa a ser sinônimo de civilização, porque “[...] os resultados daquela formação ou educação dos seres humanos, resultados expressos em obras, feitos, ações e instituições: as artes, as ciências, a Filosofia, os ofícios, a religião e o Estado”. Cultura nos remete a criação coletiva de ideias, valores e símbolos de uma determinada sociedade (CHAUÍ, 2000). No sentido da antropologia, cultura é o:

[...] conjunto de práticas, comportamentos, ações e instituições pelas quais os humanos se relacionam entre si e com a Natureza e dela se distinguem, agindo sobre ela ou através dela, modificando-a. Este conjunto funda a organização social, sua transformação e sua transmissão de geração a geração. (CHAUÍ, 2000, p. 375).

A cultura, para se tornar como tal, precisa de uma série de fatores que envolve o modo dos seres humanos se relacionarem entre si e com o meio, diferenciando-se, interagindo sobre o ambiente, causando modificações. Disso, surge as organizações sociais, e a transmissão é pela tradição. Com isso, considero o homem como um dos componentes do ambiente.

Os seres humanos são culturais, e acrescenta os animais como seres naturais, isso no contexto do século XIX. As leis de causa e efeito governam a Natureza, a cultura é a prática da liberdade. É através da cultura que se dita o agir do homem sobre o ambiente (ao mesmo tempo sobre ele mesmo), assim, produzindo cultura, ou como diz Latour (1994): naturezas-culturas. E para que a Cultura se manifeste, é necessário o trabalho, linguagem e noção de tempo, cujos seres humanos são capazes de realizar (CHAUÍ, 2000). Na realidade da comunidade rural de Chã da Pia, o fazer das peças artesanais de barro e a agricultura de subsistência fazem parte da cultura local. O dualismo se faz presente nesta perspectiva cultural, porque:

A cultura é a criação coletiva de ideias, símbolos e valores pelos quais uma sociedade define para si mesma o bom e o mau, o belo e o feio, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o puro e o impuro, o possível e o impossível, o inevitável e o casual, o sagrado e o profano, o espaço e o tempo. (CHAUI, 2000, p. 61).

Não existe construção cultural de maneira isolada, individual. Ela é coletiva e colaborativa. E a manutenção da mesma requer também a colaboração de todos, ou pelo menos, da maioria.

Por outro lado, Sampaio (2003, p. 43) ressalta que cultura é um processo, seja de “[...] cultura de vegetais, criação, reprodução de animais e, por extensão, cultivo ativo da mente humana”. A autora destaca que cultura é continuidade, mudança e transformação. Isso demonstra que o conceito de cultura é mutável e adaptável, passível de mudanças.

Vindo do inglês e do alemão, no final do século XVIII, o termo Cultura referia-se à generalização ou a configuração do espírito, informando o modo de vida de uma determinada comunidade local. Pela primeira vez, naquele século, a cultura foi utilizada no plural. Usar o termo Culturas seria fundamental, no século XIX, para o desenvolvimento da antropologia comparativa, ou seja, cultura continua designando o modo de vida característico de um povo. Isso nos permite reconhecer a cultura como plural, ou seja, com diversidade cultural (SAMPAIO, 2003).

Os estudos sobre cultura e seu conceito não são recentes. No final do século XIX, o antropólogo britânico Edward Burnett Tylor - desde 1877 - foi o primeiro a conceituar o termo Cultura como sendo “[...] todos os produtos comportamentais, espirituais e materiais da vida humana” (MARCONI; PRESOTTO, 2010; MINTZ, 2009). A cultura é uma estratégia adaptativa do ser humano “[...] que foge aos domínios da adaptação natural”, ou seja, “[...] arcabouço do saber-fazer [...]” facilmente transmitida pela “[...] rápida conversa ilustrativa [...]”, adquirindo conhecimento (GERALDINO, 2014, p 410).

Discordo um pouco sobre a utilização do termo “rápida” feito pelo autor, porque a transmissão do saber-fazer é um processo complexo, não no sentido de ser complicado, mas na perspectiva de necessitar de inúmeras participações de variáveis que o meio em questão proporciona, a exemplo da subjetividade, por tanto, o meio simplista não é pertinente.

No século XX, surgiu com mais ênfase a concepção de cultura (culturalismo), reconhecendo que “[...] cada cultura tem uma história própria, singular [...] assim se faz plural e diversa”, onde não a Cultura, mas Culturas diferentes (GUSMÃO, 2008, p. 60). Refletindo um pouco mais sobre cultura, podemos discorrer que:

[...] uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constitui no momento da recepção [...] A noção de “cultura” que a perpassava era uma noção demasiado restrita, que os avanços da reflexão antropológica vieram desautorizar. (BARROS, 2005, p. 128).

A prática cultural se inicia logo na transmissão dos saberes, no tocante a Chã da Pia, pela oralidade e a prática. O conceito de cultura é descrito diferente por Avelar (2011, p. 1): no final do século XIX para o início do século XX, passa a ser compreendida como “[...] conjunto de valores, crenças, costumes, artefatos e comportamentos com os quais os seres humanos interpretam, participam e transformam o mundo em que vivem”. Esta transformação está incluída o próprio ser humano, pelo fato de que ele também faz parte do meio. O dicionário online Michaelis (2015, p. 1), semelhante aos autores citados anteriormente, ressalta que é o “Conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social.” Cultura é característica humana, praticada através do tempo, construída pelos conjuntos de significados “[...] que dão sentido às ações humanas” (CASTILHO *et al.*, 2017; GODOY; SANTOS, 2014, p. 34) sobre ele mesmo e o ambiente.

Escrever sobre as observações de cultura é muito complexo (OLIVEIRA, 1996). Portanto, partindo da premissa do conceito de cultura que Chauí (2000) descreveu, conceito que cultura são costumes, conhecimentos empíricos e tradicionais, construídos e adquiridos, transmitidos de geração a geração através da oralidade e prática, ditando o modo de agir do homem sobre o ambiente e ele mesmo, e assim construindo cultura.

Fortalecer a nossa cultura é sinônimo de valorizar a nossa própria história. Complementando, Dickmann e Carneiro (2021, p. 108) descreveram que “Cultura é a ação humana no mundo, transformando-o em trabalho.” E este trabalho pode ser entendido a utilização dos recursos naturais para a produção de artefatos artesanais, no caso desta pesquisa, de barro. Existem mais de 160 conceitos de cultura, e os autores ainda não chegaram a um consenso (MARCONI; PRESOTTO, 2010), porque não existe conceito errado. O que nos remete a pensar que o mesmo é plural.

De acordo com o artigo 1º da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, a diversidade cultural é tão imprescindível para os seres humanos quanto a diversidade biológica é para a natureza. O artigo 4º desta Declaração discorre que a diversidade é um dever ético, indissociável do respeito da dignidade da pessoa humana, respeitando os direitos humanos e as liberdades fundamentais (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION - UNESCO, 2002).

O conceito de Cultura, de acordo com a UNESCO, se assemelha com os autores citados anteriormente, como sendo:

[...] o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”. (UNESCO, 2002, p 1).

O que importa existir é o respeito com as culturas existentes, porque a singularidade é importantíssima para coexistência de culturas e o que as caracterizam. A diversidade é o maior patrimônio da cultura, porque em diferentes culturas, as práticas em cada uma são singulares (ALMEIDA *et al.*, 2013). Isso me faz lembrar da interculturalidade. Portanto, tenho o dever de respeitar as diferentes culturas na qual não faço parte, ser tolerante, mas isso não é concordar com certas práticas e ritos culturais de outros povos. Combater a intolerância cultural é um ato de amor e empatia.

Os seres humanos produzem e são produtos da cultura, acumulando-a pela ressignificação de diversas vias, reorganização e transferência de informações (ALMEIDA, 2018). A autora ressalta que o homem é capaz de produzir cultura e construir a própria história, o que o faz se distinguir dos outros elementos componentes do ambiente. O homem faz parte do meio, e isso é um paradoxo.

A cultura e as experiências podem influenciar as diversas percepções sobre o meio (BARROS; DIAS, 2018). As autoras destacam que é necessário incorporar a cultura nas explicações das relações do homem com o meio, compreender as influências da cultura de como observamos o mundo, as normas, as pessoas e seus comportamentos, assim como a sua subjetividade, a exemplo dos sentimentos.

O termo cultura possui vários conceitos. Em sua dissertação de mestrado realizada na comunidade rural de Chã da Pia, Barros (2018, p. 15) também destaca que, para as loiceiras desta comunidade, “[...] cultura está relacionada com o conhecimento intergeracionalmente construído a partir da oralidade”, cuja mesma é peça chave na manutenção da tradição e dos seus saberes. Esta prática cultural tradicional faz parte da identidade dessa comunidade. Esses conhecimentos modelam o modo de agir desses moradores sobre eles mesmos e o ambiente. Relação esta dinâmica, que perdura por centenas de anos, com construção e produção de cultura.

## 1.2 Saberes da tradição

A tradição está presente em várias culturas, sejam elas no ambiente de origem ou não. Um dos exemplos é a tradição de uma família em fazer determinada cerimônia em uma época bem particular da mesma, ou cravar em algo que não necessariamente faça parte da própria tradição. A moeda de um real do Brasil é um outro exemplo. Ela pesa 7 g e 27 mm de diâmetro e possui dois lados, o anverso (imagem da efígie) e o reverso (valor facial e o ano de cunhagem da moeda), e ambos os lados em sua borda anelada e dourada consta detalhes dos grafismos que são encontrados em peças de barro indígena marajoara, cuja tribo ligada as raízes brasileiras (AMATO; NEVES, 2015; MOEDAS DO BRASIL, c2021).

Os saberes da tradição são transmitidos, dos que possuem mais idade aos mais novos, de forma experimental e pela oralidade (ALMEIDA *et al.*, 2013). Na perspectiva da comunidade rural de Chã da Pia, a oralidade é o cerne dessa transmissão. Isso é pelo fato de que não existe nada escrito ensinando o saber-fazer da tradição milenar da fabricação de loiças de barro e de como seja o manuseio na agricultura. Sendo assim, o ato de aprender requer uma teia de estímulos diários na base da memória, sejam eles da visão, audição ou tátil, como também os estímulos internos, a exemplo dos pensamentos e reações emocionais (CURY, 2003). Estes saberes se manifestam através das peças de barro que produzem, na agricultura de subsistência e na transmissão intergeracional desses.

Os saberes da tradição é o saber próprio da comunidade em questão, no caso desta pesquisa, a comunidade rural de Chã da Pia. É uma cultura que receberam como herança (SEVERO; ALMEIDA, 2011) indígena e traços quilombola. Seus modos próprios de nomear a matéria prima, assim como a utilização de instrumentos para modelagem das loiças e o artesanato que fazem, respectivamente, o barro de loiça e a loiça de barro, são próprios em um saber-fazer local.

A coleta, tratamento do barro de loiça, produção e cocção dos artefatos produzidos na comunidade da Pia seguem a tradição do saber-fazer local. A coleta do barro é realizada em barreiros, com auxílio de uma enxadinha (pequena enxada que os moradores locais a chamam), e transportada - com o auxílio de bacias e baldes plásticos por muitas vezes carregados na cabeça ou até mesmo no automóvel de alguém conhecido - para um depósito no terreno vizinho à residência, coberto por uma lona plástica até o próximo passo: quebrar e umedecer com água (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014).

Antes da modelagem (técnica principal das artesãs), o barro é amassado até virar uma pasta homogênea para retirar fragmentos de rocha que possam prejudicar na confecção e cocção da peça artesanal, e na modelagem, as loiceiras não usam torno e nem moldes para auxiliar na produção (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014).

Após o barro de loiça passar por essas etapas, transforma-se em loiça de barro, que vai para secar ao sol e depois é submetida ao processo de queima, etapa esta realizada por majoritariamente homens, moradores dessa comunidade rural tradicional, em fornos artesanais ao ar livre, nas próprias residências (na maioria das vezes). Essas peças permanecem no forno no tempo médio de 2 horas. Em seguida, elas serão comercializadas em feiras locais e outras em municípios limítrofes. Em Campina Grande-PB, também são comercializados esses artefatos de barro.

O que me chama atenção é o “encontro” das tecnologias: o barro e sua modelagem (tecnologia primitiva) e o plástico (tecnologia moderna, em relação ao barro). Na perspectiva do saber-tradicional, ambas participam harmoniosamente do processo da fabricação das loiças de barro. O balde plástico e/ou a bacia plástica, servindo de recipiente para conduzir o barro na volta para a casa e/ou terreno da moradora, assim como a lona plástica utilizada para cobrir o barro de loiça e o proteger das intempéries físicas (chuva, sol, vento, por exemplo). Esse encontro, no mínimo, merece uma reflexão mais aprofundada. Ficará para o momento oportuno.

Com o acesso à internet, a distância entre as pessoas diminuiu. O acesso à informação se tornou mais fácil e rápido. Do que foi visualizado *in loco*, os moradores da comunidade rural de Chã da Pia têm acesso a internet. Esse povoado possui a criatividade a florada. O acesso à internet possibilitou a observar outras comunidades que também fabricam peças de barro, servindo de inspiração (ou até copiam os grafismos e/ou peça) para a fabricação de novos modelos de artefatos de barro.

Saliento aqui que a manutenção da cultura e tradição dessa comunidade rural, sem copiar de nenhuma mais, é manter também a identidade deles. A elaboração de novos modelos das peças pode ser decorrente do fluxo de vendas delas, ou seja, as que são mais vendidas serão as mais fabricadas. Os pedidos por encomenda fazem com que as peças também sejam mais diferenciadas das que são comumente fabricadas.

No decorrer desta dissertação, escrevi, algumas vezes, o termo Comunidade Tradicional. Afinal, o que é comunidade tradicional? O que o caracteriza para ser considerado como tal? Começo a conceituar me debruçando no Decreto de nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, em seu art. 3º, inciso I, Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos



Povos e Comunidades Tradicionais, discorre o conceito de Povos e Comunidades Tradicionais, que são:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007, p 1).

A distinção destes grupos reconhecidos como tradicionais possui relevância na nossa identidade. É imensurável a importância das pesquisas sobre os saberes da tradição, porque a nossa identidade ou de uma comunidade, depende da manutenção disso. Conhecer e preservar o modo como os saberes são transmitidos também é atitude de empatia e altruísmo, pelo fato de que, sem isso, o conhecimento iria se findar, juntamente com a tradição.

A temática saberes da tradição me fez refletir sobre senso comum (ou conhecimento empírico). Ele é conceituado por Menezes (2022) como “[...] o conhecimento adquirido pelas pessoas a partir dos costumes, das experiências e vivências cotidianas”. Este conhecimento também é transmitido de geração a geração (MENEZES, 2022). Sendo assim, o senso comum e saberes da tradição não possui diferença significativa. Os conceitos possuem sua gênese no senso comum, e os mesmos se tornam científicos quando a barreira do cotidiano é rompida (FRANCELIN, 2004).

O senso comum e o conhecimento científico se relacionam entre si, e fazem parte do cotidiano do humano, cujo segundo é mais elaborado metodologicamente e mais técnico (FRANCELIN, 2004). O termo Técnica vem do grego *tékhnē*, que é relacionada com o manusear dos instrumentos, porém pode significar também a habilidade para fabricar algo (GERMANO, 2011). As técnicas tradicionais que alguns dos moradores dessa comunidade rural utilizam são os saberes não contaminados - por completo - pelo conhecimento científico, isso quer dizer que as habilidades e saberes são derivados “[...] das experiências práticas e sem a necessidade prévia de bases teóricas”. (GERMANO, 2011, p. 40). Isso ocorre no diálogo da tradição oral e prática, na perspectiva da tradição.

Segundo Germano (2011) afirma que as técnicas são saberes não contaminados pelo conhecimento científico linear, sendo as habilidades e saberes derivados, sem a necessidade prévia de fundamentos teóricos. Não existem saberes puros, e sim saberes construídos pelo contato com novas culturas e saberes científicos. Contaminação completa remete a morte da cultura local, conseqüentemente, de uma parte da nossa comunidade.

O pensamento tecnicista não abre espaço para um pensamento reflexivo, conseqüentemente, vai de encontro do criar e da criatividade. Vamos resistir ao tecnicismo, pois não podemos fragmentar os saberes milenares da tradição da ciência moderna (ALMEIDA; DANTAS, 2020).

Os saberes da tradição em Chã da Pia, no que se refere a agricultura de subsistência e a produção dos artefatos de barro figurativos e utilitários, são dignos de admiração. Estes saberes milenares possuem valor inestimável, é atemporal.

### ***1.2.1 Cultura de subsistência, extrativismo e êxodo rural***

Visto posto, seria interessante e de melhor compreensão também verificar, *a priori*, o conceito do termo Subsistência antes de adentrar, de fato, na cultura de subsistência.

Segundo Correia (2013), o sistema de subsistência visa a sobrevivência da própria família. O Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis (2015, p. 1) conceitua mais amplamente a subsistência, como sendo o “Conjunto dos meios mínimos necessários (alimentação, moradia etc.) para a sustentação da vida”. O termo Subsistência foi primeiramente aplicado na Inglaterra, no século XIX, pelos pesquisadores sociais Charles James Booth (1840-1916) e Benjamin Seebohm Rowntree (1871-1954) (AUGUSTYN *et al.*, 2020; COSTA, 1984; INFED.ORG, 2020). Costa (1984) compreendeu o conceito de subsistência de Rowntree na perspectiva da sustentação física, mas o autor ressalta que não basta só ficar no campo do físico, pois a subsistência compreende também os aspectos de natureza social e cultural.

De acordo com Coelho e Fabrini (2014, p. 73), não podemos compreender a subsistência como algo que remete, exclusivamente, a produção de autoconsumo, mas também “[...] como um conjunto de necessidades que garantem a reprodução física e social dos indivíduos”. Os mesmos autores afirmam que devemos refletir e levar em consideração do que seja subsistência a partir não só do que “[...] está relacionada ao conjunto do autoconsumo, e também com o mercado para a manutenção da família [...]”, afirmando que o mercado não está no cerne das necessidade e existência de uma determinada família, pois “[...] não existe a separação de produção de autoconsumo e subsistência” (COELHO; FABRINI, 2014, p. 73).

Com o descrito anteriormente sobre autoconsumo e subsistência, irei adentrar sobre cultura e agricultura, ambos não são iguais. Nesta abordagem, o conceito de cultura que a autora Chauí (2000, p. 372) descreveu foi que “[...] significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar [...]”.

Já a agricultura é o conjunto de técnicas aplicada ao cultivo em questão, na preparação do solo para o acomodar, suprindo as necessidades do homem, de acordo com o dicionário on-line de língua portuguesa Michaelis (2015).

Partindo desse pressuposto, cultura de subsistência pode significar o cultivo suficientemente - de algum vegetal, direcionado ao consumo próprio ou não - para a sustentação da vida (COSTA, 1984), incluindo o contexto social e cultural. Seguindo esse raciocínio, agricultura familiar é a produção organizada, baseando-se no trabalho de todos da família, com a finalidade da subsistência da mesma (JESUS; JESUS, 2004). Carvalho (2013, p. 34) descreve o principal objetivo da agricultura de subsistência como sendo “[...] a produção de alimentos que permita a manutenção e a reprodução da família e do grupo, com base num sistema cultural diversificado”. A união de todos no grupo familiar é essencial para esta atividade tenha êxito.

No que se refere a agricultura familiar, só terá sucesso se tiver a iniciativa da comunidade rural em questão, sendo que, alguns autores, tomam como sinônimos os termos agricultura familiar e agricultura de subsistência (CARVALHO, 2013; CORREIA, 2013).

A insegurança alimentar, infelizmente, ainda vejo presente em muitas famílias em áreas rurais. A policultura é uma atividade que dá:

[...] resposta às necessidades do homem, que, como ser omnívoro, obtém os nutrientes de que necessita de vários alimentos. O que prevalece nesta agricultura é a procura da autonomia alimentar, embora se verifique a venda de alguns produtos. O que é determinante na policultura é o rendimento alimentar das culturas praticadas [...]. (CARVALHO, 2013, p. 34).

O ponto chave nesta temática: autonomia alimentar. Mas isso não quer dizer que não possam comercializar produtos cultivados pelo grupo familiar.

A utilização dos recursos naturais para sobrevivência própria e da comunidade, seja da agricultura de subsistência quanto a retirada do barro de loiça para a produção dos artefatos, não é recente. De acordo com Alexandre (2002), a história do extrativismo no Brasil está associada aos diversos ciclos da extração dos produtos para exportação, inicialmente com o pau-brasil. O extrativismo já era praticado até antes da “descoberta do Brasil”, sendo essa a atividade praticada pelos povos indígenas que povoavam todo o território (OLIVIERI, 2014), em harmonia e conexão com a natureza a quem dependiam. No Brasil, essa prática está interligada aos ciclos de extração de matéria-prima para exportação (ALEXANDRE, 2002).

A extração em massa e desordenada do pau-brasil (*Paubrasilia echinata* Lam. - madeira de cor vermelha, os indígenas a conheciam como ibirapitanga) durou vários séculos e foi o primeiro ciclo econômico do país, cuja mesma bem intensa na época da ocupação e exploração

da colônia, esta madeira é muito apreciada pelos Europeus (HOMMA, 2012; LIRA, c2021; OLIVIERI, 2014). Lamentavelmente, não se limitou a exploração de madeira: animais também eram apreciados, seja pela aparência diferenciada como pelo alto valor comercial (OLIVEIRA, 2014).

Os povos indígenas, habitantes primitivos do Brasil já realizavam extrativismo (caça, pesca e coleta de produtos naturais) como forma de subsistência dentro de agrupamentos nômades ou sedentários, antes da ocupação portuguesa. Parte dessa cultura se manteve, especialmente no norte/nordeste do país [...] (BRASIL, 2016b, p. 2).

Por tanto, a centenas de anos que os indígenas (ainda nos dias de hoje) já se utilizam dos recursos naturais de maneira racional, através do saber tradicional local, no intuito de não faltar para a geração atual e a seguinte. Porque tudo que precisavam encontravam no ambiente.

Quando se fala nas utilizações dos recursos naturais, devemos discutir, no contexto social em questão, as suas funções (HOEFFEL; SORRENTINO; MACHADO, 2004). Os moradores da comunidade de Chã da Pia praticam o extrativismo mineral e vegetal. Podemos afirmar que a comunidade rural de Chã da Pia pratica o extrativismo vegetal e mineral. O extrativismo mineral pelo fato de que as peças artesanais são feitas de barro retirado do solo da própria comunidade e adjacentes. O extrativismo vegetal por conta da coleta de mudas de plantas que ocorrem no local (a exemplo de alguns tipos de cactos) para comercializar, e da madeira para servir de combustível nos fornos artesanais (localizam-se ao ar livre, na área externa das casas) para a queima dos artefatos feitos de barro.

Brasil (2016b) divide o extrativismo em 3 tipos diferentes de extrativismo: mercantil-capitalista, comunitária e pequena produção familiar, cujas duas últimas citadas são praticadas por “[...] pequenos produtores camponeses e por povos e comunidades tradicionais” (BRASIL, 2016b). A comunidade de Chã da Pia se encaixa nesses dois últimos tipos. Isso me remete adentrar na questão socioambiental.

O envolvimento social e o ambiental é muito pertinente, tendo em vista o que consta no artigo 225 da nossa Constituição Federal de 1988, que é responsabilidade do “[...] Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo [...]”. (BRASIL, 2016a, p. 67). Isso quer dizer: não é só a responsabilidade e dever dos nossos governantes, mas também a nossa de cuidar do meio, a responsabilidade socioambiental é de todos.

Carvalho (2017) descreve que esta visão socioambiental é a interação de pertencimento mútua da natureza com os humanos, e a sociedade com o ambiente, tornando isso uma biosfera única, ou seja, é a relação do homem com o ambiente. Nesta perspectiva, guia-se por uma “[...]”

racionalidade complexa e interdisciplinar[...]”, abre reflexões sobre o ambiente, não como algo que não se possa tocar, mas como uma relação entre sociedade, cultura e os fundamentos físicos e biológicos no processo da vida (CARVALHO, 2017, p. 40). A autora complementa que os atores dessa relação mutuamente e frequentemente se transformam, e nem sempre o resultado disso é algo desagradável.

A perspectiva socioambiental está agregada profundamente com a comunidade pesquisada nesta dissertação, porque a relação dos moradores com o meio é pacífica, utilizando racionalmente os recursos naturais encontrados no ambiente, para assim expressar a cultura e tradição deste povoado rural, além de ser palco para a transmissão dos saberes tradicionais intergeracionais.

A força da crise ambiental abriu novas reflexões acerca do conhecer, do saber e da natureza do ser (JESUS; JESUS, 2004). A ação antrópica no ambiente é algo que se deve levar em consideração. No caso dos moradores desta comunidade não é diferente. Todos utilizam o ambiente como meio de sobrevivência, seja trabalhando na produção das peças de barro como na agricultura. Isso, de certa forma, gera impacto no meio. Este impacto já ocorre na busca pelo barro de loiça (cavando o solo para coletar, e após se fecha a abertura) e a coleta da madeira para realizar a queima do barro no forno artesanal. Suponha-se que este impacto não é relevante, perante a centena de anos que se é praticado esta atividade ceramista. O que se sabe é que o saber ambiental de milênios é bem-sucedido, se for levar em conta o tempo que perdura.

O saber ambiental [...] é uma inquietude do nunca sabido, que falta saber sobre o real, conhecimento que emerge do que ainda não é. Assim, o saber ambiental constrói novas realidades. [...] O conhecimento não se forma apenas nas relações de validação com a realidade externa e em uma justificação intersubjetiva do saber. (LEFF, 2009, p. 18).

O saber ambiental não é só nas relações de validação. Ele está ali, pronto para ser conhecido. Por tanto, é importante estar ciente deste modelo em novas realidades, construindo novos saberes.

Para manter este saber tradicional desta comunidade rural, devo me debruçar sobre o tema êxodo rural, cuja vitalidade desta prática tradicional depende da mitigação da desruralização. As reflexões sobre como manter o homem no campo vieram me mostrar algo, que desde o tempo do ensino básico já ouvia: a temática do êxodo rural, essa não poderia deixar de ser abordada nesta pesquisa. Afinal de contas, por que manter o homem no campo? Quais os atrativos e/ou necessidades fazem com que o morador rural não migre, ou o motivo que o

faz sair, para o ambiente urbano? São alguns dos questionamentos pertinentes que busco esclarecer no decorrer deste subtópico.

A Topofilia é, no sentido amplo, a ligação afetiva do homem com o ambiente material (TUAN, 1980). Esse termo não condiz com a intensa emoção humana, pois o ambiente “[...] é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo”. (TUAN, 1980, p. 107). O que conheço é que a topofilia, termo utilizado também por Marin (2008), deve ser levada em consideração, pelo fato de que o sentir-se bem e feliz é um dos motivos que o fazem ficar no ambiente rural.

Nas décadas de 1960 e 1970, intensificou a modernização na agricultura brasileira, privilegiando os setores mais capitalizados, no âmbito da produção em larga escala para o mercado internacional, estimulando a intensa urbanização e o êxodo rural, este último termo poderemos chamar de desruralização (SILVA; ANTONIAZZI; NOVAK, 2019; VINHAES; ROCHA, 2020). A década de 1980 foi assolada por um momento conturbado por alguns acontecimentos, a exemplo da “inflação, instabilidade de mercados e agravamento dos problemas sociais”. (VINHAES; ROCHA, 2020, p. 176).

Segundo a Lei nº 13.445/2017, artigo 1º, parágrafo 1º, incisos II e III - respectivamente - traz bem claro os seguintes conceitos: imigrante é a “[...] pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil; emigrante: brasileiro que se estabelece temporária ou definitivamente no exterior”. (BRASIL, 2017, p. 1). Nesta pesquisa, será referente com a realidade da comunidade rural de Chã d a Pia.

A manutenção da população rural no campo nos remete ao conceito de êxodo rural, que é bem objetivo: movimento migratório das pessoas da zona rural - do campo - para a zona urbana com intuito de melhorar as condições de vida, e isso não se limita ao Brasil, porque isso ocorre em todo mundo (SILVA; ANTONIAZZI; NOVAK, 2019). Atenuando o êxodo rural, pelo menos, vai manter o homem no campo, além de abrir a expectativa para o possível regresso dos que já migraram.

Alguns dos motivos que foram listados pelos autores Fonseca (*et al.*, 2015), Silva, Antoniazzi e Novak (2019), Santos, Silva e Oliveira (2009) referente ao êxodo rural são: modernização da agricultura, assim, estará em desvantagem no mercado; desemprego; preconceito rural; infraestrutura e serviços deficitários (hospitais, escolas, transporte, etc.); fatores “atrativos” nas cidades (lazer, esporte, etc.); falta de incentivo do governo; desvalorização da agricultura familiar; o desmatamento e a degradação do solo; por fim, o

extrativismo predatório. Em Chã da Pia, o maior problema é a indisponibilidade de água encanada.

No contexto da comunidade de Chã da Pia, a manutenção dos moradores nesse ambiente rural significa também a manutenção de uma tradição milenar: fabricação artesanal de peças de barro, seja para decoração ou utilitária doméstica, e da agricultura de subsistência. Por isso, é importante sanar esse êxodo para que a tradição não finde, e conseqüentemente, a identidade paraibana. E os possíveis atrativos para manter a tradição viva, é a melhoria das condições de vida no meio rural, a exemplo do emprego e renda, e o mais importante: a dignidade e o orgulho de serem portadores de uma cultura tradicional milenar devem estar aflorados.

### 1.3 Educação e tradição

A temática cultural e ambiental está muito presente na comunidade rural de Chã da Pia (ou Pia), pelo fato dos moradores utilizarem os recursos naturais para manutenção deles mesmos e da cultura local. Na comunidade existe uma escola, e nela alguns moradores locais frequentam o EJA (Educação de Jovens e Adultos). Infelizmente, não sendo possível o acesso ao currículo da escola, mas vale salientar que, de acordo com a Lei de nº 9.394/1996 - a nossa LDB (Lei de Diretrizes e Bases) - no caput do artigo 1º diz que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996, p. 1). Por tanto, a educação deve ser integradora em todas as áreas da vida dos moradores dessa comunidade, sejam ela educacional, social, cultural e/ou no que remete a tradição local.

Esta pesquisa possui algumas pontes entre educação, cultura e tradição. Um dos elos é a Educação Ambiental. Segundo a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, em seu artigo 1º, Educação Ambiental (EA) são:

[...] os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999, p. 1).

No âmbito do ensino, ela compreende a educação formal e a educação não formal. A EA no ensino formal, no artigo 10 da Lei nº 9.795/1999, será desenvolvida em “[...] uma prática educativa integrada, contínua e permanente [...]”, sem excluir nenhuma modalidade ou nível de

ensino. No seu parágrafo 1º discorre que a EA não deve ser abordada como disciplina específica no currículo de ensino. Isso pelo fato de que dialoga em harmonia com o artigo 2º e o artigo 8º (parágrafo 3º, inciso I), afirmando que essa temática é essencial e deve ser abordada de maneira permanente, interdisciplinar e articulada em todos os níveis e modalidades de ensino (BRASIL, 1999, p. 3). Educação Ambiental não formal, de acordo com o artigo 13 da Lei nº 9.795/1999, são “[...] as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente” (BRASIL, 1999, p. 3). Esta pesquisa será mais um instrumento para promover a valorização cultural e tradicional, assim como a Educação Ambiental em ambiente não formal, assim como no educar pela oralidade, aproximando a EA não formal com a prática da subsistência deles.

É imprescindível estar ciente dos obstáculos que ainda existem para colocar em prática os projetos que articulam geração de renda com a redução da degradação ambiental (JACOBI, 1999). A cada tempo que passa, a Educação Ambiental se consolida cada vez mais como uma função transformadora, cuja mesma necessária na modificação do quadro com crescimento exponencial de degradação socioambiental (JACOBI, 2003).

Na perspectiva da comunidade de Chã da Pia, a sensibilização ambiental é imprescindível para a manutenção da cultura e tradição local, cuja utilização de recursos naturais é indispensável na viabilidade da identidade local. A educação não formal e a EA são ferramentas-chave para tal manutenção. Jacobi (2003, p. 196) ressalta que “[...] a educação ambiental deve ser acima de tudo um ato político voltado para a transformação social”.

A EA é uma ferramenta importante para sensibilizar pessoas de todas as idades. Ela deve ser ferramenta permanente da aprendizagem, tanto no ensino formal quanto no não formal, e de valorização das diversas formas de conhecimento (JACOBI, 2003). A agregação de todas as crianças, jovens e adultos podem ser estimulados pelos sistemas educacionais, oportuniza o acesso equitativo em todos os níveis da educação, assim como oferece conexões e possibilidades de transição flexíveis entre a educação formal e a não formal (UNESCO, 2008). Segundo esta Organização, a educação de adultos e a aprendizagem são importantes componentes da aprendizagem no decorrer da vida, tendo como elemento basilar a alfabetização, promovendo o bem-estar da própria pessoa e uma cidadania ativa.

A EA surge de um novo saber que transcende a objetividade do conhecimento das ciências (LEFF, 2009). De acordo com Leff (2009, p. 18) “O saber ambiental integra o conhecimento racional e o conhecimento sensível, os saberes e os sabores da vida.” Isto posto,



a EA é um dialógico processo que abrange “[...] as possibilidades para que se chegue a ser o que ainda não se é.” (LEFF, 2009, p. 23).

A UNESCO (2008, p. 5) descreve que “Uma educação de qualidade desempenha papel central para a redução da pobreza, melhoria das condições de vida e responsabilização da população. É a pedra angular para construir sociedades mais justas e sustentáveis.” Isto significa que a educação, seja ela formal ou não formal, é a rocha fundamental para construir sociedades sustentáveis e firmes na construção do conhecimento, seja onde for, em grandes centros urbanos ou em comunidades rurais, com empatia e amor.

A educação contribui para o desenvolvimento de todos, sem distinção de povos e sociedade, sendo assim, um bem direito que ninguém deve ser privado (UNESCO, 2008). Esta Organização ressalta que, em uma perspectiva sustentável, as escolas e outros contextos de aprendizagem deveriam se transformar para atender às necessidades de todos os membros de uma comunidade e se adaptar à diversidade de alunos, independente da origem social e morfologia cultural ou individual.

Nas conclusões deste documento da UNESCO (2008, p. 8), reconhece-se que a educação é um elemento essencial e principal para a construção de sociedades mais justas, pacíficas, adaptáveis e livres da pobreza, pois “[...] nenhum dos objetivos de desenvolvimento internacional será alcançado sem a educação”.

De acordo com o documento da Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura - UNESCO - a Estrategia a Plazo Medio para 2008-2013, parágrafo 32:

O desenvolvimento e a prosperidade econômica dependem da capacidade dos países de educar todos os membros de suas sociedades e proporcionar-lhes aprendizagem ao longo da vida. Uma sociedade inovadora prepara sua população não apenas para aceitar e se adaptar às mudanças, mas também para controlá-las e influenciá-las. A educação enriquece as culturas, cria compreensão mútua e sustenta sociedades pacíficas. O que norteia a UNESCO é seu desejo de defender a educação como um direito humano e como um elemento essencial para o desenvolvimento integral do potencial humano. (UNESCO, 2007, p. 17, tradução nossa).<sup>1</sup>

Esse parágrafo citado anteriormente dialoga perfeitamente com outro documento da UNESCO (2008), pelo fato de discorrer que a educação é um direito fundamental e essencial dos membros de uma comunidade, enriquecendo culturas e possibilitando aprendizagem

---

<sup>1</sup> “*El desarrollo y la prosperidad económica dependen de la capacidad de los países para educar a todos los miembros de sus sociedades y ofrecerles un aprendizaje a lo largo de toda la vida. Una sociedad innovadora prepara a su población no sólo para aceptar el cambio y adaptarse al mismo, sino también para controlarlo e influir en él. La educación enriquece las culturas, crea entendimiento mutuo y sustenta a las sociedades pacíficas. Lo que guía a la UNESCO es su afán por defender la educación como derecho humano y como elemento esencial para el desarrollo integral del potencial humano.*” (UNESCO, 2007, p. 17).

integral ao longo da vida do potencial da pessoa humana. Segundo os dois documentos da UNESCO (2007, 2008) educação caminha de mãos dadas com a cultura, a enriquecendo.

Levando para o contexto da comunidade rural de Chã da Pia, a educação também caminha de mãos dadas com a tradição, pelo fato de estar em consonância com o artigo 3º da LDB, que discorre sobre 14 princípios do ensino, e desses, o inciso X destaca a “valorização da experiência extraescolar”, e o inciso XI que ressalta a “[...] vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”. (BRASIL, 1996, p. 1). Esse inciso merece uma atenção especial, pois ele está intimamente relacionado com os moradores desta comunidade, pelo fato de que muitos ainda estudam no ensino básico, trabalham e são guardiões de uma tradição milenar na fabricação de artefatos de barro e prática da agricultura de subsistência.

O que até agora foi descrito neste subtópico me remete a tecer comentários sobre o saber científico e o saber tradicional. Existe um embate entre esses saberes. Algumas pessoas concluem que a Ciência vai de encontro com a tradição, ou seja, colide com os saberes do senso comum, e a tentativa de deixar acessível e popular esta linguagem científica é cortejar com a descontextualização negativo (GERMANO, 2011). Eu discordo, porque popularizar isso não irá de maneira alguma distorcer o conhecimento científico, mesmo com suas diferenças em relação ao conhecimento empírico.

O autor descreve que outras pessoas saem em defesa da democratização do acesso ao conhecimento científico (o que eu concordo e defendo plenamente), cujo conhecimento sendo patrimônio universal da cultura. Este debate entre popularizar ou não, ainda consta a questão da invasão cultural “[...] e do respeito a outras formas de conhecimento, confrontando o multiculturalismo a uma possível uniformização da cultura pela ciência e a tecnologia” (GERMANO, 2011, p. 26). Não existe conhecimento inútil, mas conhecimento apropriado ou não para um determinado momento.

A construção de uma ponte que liga o conhecimento científico e os saberes populares é complexo (GERMANO, 2011). Educação e tradição são termos-chave para a manutenção da cultura na comunidade rural de Chã da Pia. O amor pelo ambiente, pelo que faz e pelas peças que produzem só se aprende dentro de si mesmo.

Educação, cultura e tradição dessa comunidade não devem ser apagadas, e sim preservadas/conservadas. Freire (1987) já dizia que o nosso papel é sempre o diálogo, sem nenhuma imposição do nosso mundo aos outros. A estratégia é afetiva e educativa.

Nesta comunidade rural tradicional, a oralidade e a prática são questões centrais na transmissão dos saberes tradicionais. Isso porque não existe nada escrito para servir de guia no

saber-fazer milenar da fabricação de loiças de barro e de como seja o manuseio na agricultura. É educar pela oralidade.

Na perspectiva da Chã da Pia, não devo impor a visão de mundo, nem a educação (no tocante ao grau de instrução) que tenho aos moradores dessa comunidade camponesa, devo sim dialogar com eles sobre a visão deles e sobre a minha. Portanto, o respeito é a chave mestra para abrir todas as portas do conhecimento e alicerces para construir novos. Tenho muito o que aprender com os moradores da Pia.

O que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus “temas geradores”. (FREIRE, 1987, p. 50).

Venho trazer essas palavras com o olhar humano que devemos - isto mesmo, sempre devemos - ter em relação aos outros. A empatia deve sempre ser cultivada nas terras férteis do coração e alma. Reflitamos e pratiquemos.

A educação e tradição, na perspectiva da comunidade de Chã da Pia, devem caminhar de mãos dadas, pois a percepção deles irá refletir na interação com o meio. Sendo assim, o próximo tópico discorrerá melhor sobre a percepção ambiental.

## 2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Não podemos falar de percepção ambiental sem antes tecer comentários sobre o termo Percepção. Segundo Oliveira (1996, p. 15) “[...] no Olhar e no Ouvir ‘disciplinados’ [...] se realiza nossa ‘percepção’ [...]”. O Olhar e o Ouvir não são totalmente independentes, devem caminhar juntos em uma pesquisa (OLIVEIRA, 1996). O mesmo autor sugere que o primeiro contato do pesquisador no campo mostra-se na “[...] domesticação teórica do seu olhar [...]”. Eu discordo com o termo “domesticar”, pelo fato de que o Olhar não é selvagem, ele é único e individual de cada um. Eu prefiro utilizar o termo “olhar sensibilizado pela teoria disponível”, utilizado por ele mais adiante no mesmo artigo que escreveu.

O termo percepção vem do latim *perception* (MARIN, 2008), conceituado pelo dicionário on-line Michaelis (2015, p. 1), é um “ato ou efeito de perceber”. Conceito bem simplista e reducionista, até. Outro conceito que consta neste mesmo dicionário: “Capacidade de distinguir por meio dos sentidos ou da mente”. Em resumo: são as sensações que afloram no momento em que entra em contato com qualquer estímulo externo. Essa percepção é captada

através dos 5 sentidos humanos. O conhecimento é construído através da “soma e associação das sensações na percepção”, e isso depende “da frequência, da repetição e da sucessão dos estímulos externos e de nossos hábitos” (CHAUÍ, 2000, p. 152). A percepção é subjetiva (GIL, 2002). Sobre alguns sistemas perceptivos:

Os sistemas perceptivos não sensoriais (memória, imagem mental, cultura, personalidade, experiência, transmissão da informação, orientação geográfica e leitura) são os que mais influenciam a percepção do indivíduo, uma vez que a cultura está enraizada no mesmo, fazendo com que perceba, reaja e responda de forma diferente às ações sobre o meio. As respostas ou manifestações são, portanto, resultado das percepções, dos processos cognitivos de cada indivíduo. (LUCENA, 2010, p. 6).

A percepção é singular em cada ser humano. Nesta perspectiva, a interpretação possui um papel de protagonista, devido a todos nós não percebemos, de forma direta, o ambiente em que estamos inseridos, pelo fato de que “[...] a nossa percepção é sempre uma interpretação desse mundo” (MATOS; JARDILINO, 2016, p. 27). E o descrito corrobora com os descritos do dicionário on-line Michaelis (2015), Chauí (2000), Lucena (2010) e Oliveira (1996): a percepção se dá pelo intermédio dos sentidos humanos.

Nesse sentido, Marin (2008) destaca que a percepção é a utilização dos sentidos para reconhecer o objeto e responder a estímulos. Sendo assim, percepção “[...] é uma organização e interpretação de dados sensoriais” que “[...] resultam em uma consciência de si e do ambiente”. (MATOS; JARDILINO, 2016, p. 27). Isto posto, conceituou percepção como a captação das informações externas através dos 5 sentidos humanos, com a decodificação do cérebro, que resulta em consciência de existência. A percepção ocorre de maneiras individualizada e diferente em cada pessoa (ANSELMO; XAVIER, 2014).

A Teoria da Gestalt, surgida no início do século XX, se volta contra isso e afirma que não se pode ter conhecimento do todo através das partes, e sim das partes através do todo e que só através da percepção da totalidade é que a razão pode decodificar e assimilar uma imagem ou um conceito. (MARIN, 2008, p. 208).

A percepção ambiental é o momento de consciência do ser humano em relação ao ambiente. Cada morador de uma determinada área reage e responde de maneiras distintas sobre o ambiente em questão, cujos mesmos são resultados das percepções, coletivas e/ou individuais, e expectativas de cada um (BARROS; DIAS, 2018). Isso se dá pela compreendido e decodificação de cada parte, até chegar no entendimento do todo.

Na experiência, não se pode diferenciar a ilusão da percepção. Ela faz parte da condição dos seres vivos. Mas essa diferença só pode ser feita se assumir que pode fazer referências a algo distinto de mim. Na perspectiva estrutural, os seres humanos são sistemas determinados, e isso faz com que não se permita a distinção entre ilusão e percepção. Por tanto, não é pelo sistema que a distinção é feita, mas é pelo observador, a *posteriori* (MATURANA, 2001).

Os estudos com a temática Percepção Ambiental (PA) iniciaram na década de 1970, onde começaram a serem melhor elaborados e estudados no Brasil (LUCENA, 2010). A autora, na página 6 da sua dissertação de mestrado, destaca que esta temática de estudo surgiu “[...] a partir das necessidades sociais e culturais, devido aos riscos ambientais”. A percepção ambiental está correlacionada com a cultura, experiência de vida e o espaço físico onde cada pessoa está inserida (LERMEN, 2008).

O meio onde o ser humano vive é perceptível através dos sentidos que todos nós conhecemos (visão, olfato, paladar, tato e audição) associados com o cognitivo (MELAZO, 2005). É através deles que a construção do conhecimento aflora.

O ambiente natural assim como os ambientes construídos são percebidos de acordo com os valores e as experiências individuais dos homens onde são atribuídos valores e significados em um determinado grau de importância em suas vidas. [...] As diferentes percepções do mundo estão relacionadas às diferentes personalidades, à idade, às experiências, aos aspectos socioambientais, à educação e à herança biológica. (MELAZO, 2005, p. 3).

A percepção é singular em cada ser humano. As autoras Novaes, Gonçalves e Pereira (2020, p. 86) descrevem que “O conhecimento empírico aponta que a imaginação e a criatividade são fenômenos mágicos e misteriosos e que se resume a devaneios da mente humana [...]” (NOVAES; GONÇALVES; PEREIRA, 2020, p. 86). Não é possível que a mente humana reduza a imaginação a um mero produto de fantasia. É bem mais que isso. As autoras afirmaram que Vigotski descreveu que a imaginação não é um dom, ela é ligada diretamente à realidade. A imaginação aflora da experiência cotidiana (NOVAES; GONÇALVES; PEREIRA, 2020).

O conhecimento que o ser humano possui acerca de um ambiente em questão, e/ou como o mesmo percebe, Pereira e Dias (2011) teceram o conceito de percepção ambiental. A percepção ambiental de uma certa população (estendo para uma comunidade local) sofre influência cultural e da rotina do desenvolvimento desta região onde se inserem, sugerindo que a maioria dos problemas ambientais podem ser decorrentes da percepção equivocada que os moradores possuem acerca do meio (PEREIRA; DIAS, 2011). Para compreender melhor as

relações entre homem e ambiente, o estudo da percepção ambiental é uma escolha pertinente (JESUS; JESUS, 2004).

É necessário esse percurso conceitual do termo percepção, nos fazem compreender com mais naturalidade o termo percepção ambiental. Diante disto, refletir mais objetivamente sobre a percepção ambiental no meio rural, cuja condução deve ser com cautela, por conta da sua natureza complexa e transdisciplinar, não deixando passar nenhum detalhe importante, no tocante ao seu significado (MARIN, 2008).

Levando em consideração esses conceitos, posso destacar que a percepção ambiental são as sensações e conhecimento prévio que o ser humano possui acerca do ambiente em questão. Sendo assim, compreender os fenômenos da natureza nos deixa mais próximos, como sujeito, dos seus processos (SEVERO, 2012). A forma que o ser humano se relaciona com o ambiente é indissociável da consciência que o mesmo possui do meio (CÓRDULA, 2014), pois as ações são, algumas vezes, materializações da percepção.

A percepção ambiental se articula com a preservação do ambiente dentro das comunidades tradicionais (BARROS, 2018). A autora destaca a necessidade de agregar a cultura na explicação das relações do homem com o ambiente. O próximo tópico eu diferenciei preservação ambiental da conservação ambiental.

## **2.1 Preservação e conservação ambientais**

Barros (2018) descreveu, em sua dissertação de mestrado, que o desenvolvimento da civilização humana está ligado ao ambiente. Ele, por sua vez, é a relação do meio físico com o biótico. Essa relação me abriu o questionamento: qual a diferença entre preservação e conservação ambientais? No decorrer deste texto, será explanado essa diferença, assim como algumas reflexões sobre.

Por mais que se assemelham, preservação e conservação ambientais possuem conceitos diferentes. De acordo com Lima (c2020), a preservação ambiental é a proteção mais rígida e total da natureza, não importando seu valor econômico e nem utilitário, ou seja, não usufrui do meio ambiente. Ela é "intocável", utilitária para admiração e observação. A autora conceitua a conservação ambiental como o uso racional da natureza e "manejo criterioso [...] executando um papel de gestor e parte integrante do processo". Este uso racional pode ser através do ecoturismo, trilhas ecológicas, trilhas culturais, aulas de campo e educação ambiental, por

exemplo. Esta utilização responsável da natureza não gera tanto impacto ao ecossistema, a fauna e nem à flora em questão.

Logo abaixo é citado o Art. 225 da Carta Magna de 1988:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (BRASIL, 2016a, p. 67).

O caput do Art. 225 da nossa Constituição Federal de 1988 merece algumas observações pontuais. Os termos Todos e Qualidade de Vida inclui quem? Todos os seres humanos ou todas as formas de vida? O descrito neste artigo sugere o lado antropocêntrico em “seu DNA”. Também é nosso dever preservar e defender o ambiente, pois a geração atual não poderá desfrutá-la, caso não cuidemos é isso que ocorrerá, infelizmente. Reitero que o homem faz parte do meio ambiente e vice-versa.

O turismo rural (ou campestre) é contemplado como uma das ferramentas de conservação ambiental, porém sendo ela não controlada e desordenada, prejudicará a paisagem e a vida rural. (PINHEIRO, 2004). Este artigo 225 nos remete a sustentabilidade ambiental, assim como também é bem pertinente estendê-lo para a tradição e a cultura local da comunidade rural de Chã da Pia, pelo fato de que sem preservar a cultura local, a identidade dela sucumbirá à modernidade.

Perceber-se inseridos no ambiente é fundamental para o uso racional e sustentável dos recursos naturais, seja qual for o propósito. Conhecer a relação dos moradores da comunidade rural de Chã da Pia com o meio é de grande importância, tanto para a valorização da cultura milenar ceramista como também deles mesmos se sentirem valorizados pela arte/artesanato que produzem. Esses moradores da Pia são fundamentais na cultura paraibana, merecendo o prestígio de todos (ALVES, 2004), por se tratar de “[...] uma atividade realizada principalmente por mulheres com técnicas artesanais adquiridas de seus ancestrais. Essas ceramistas são guardiãs de tradição multimilenar [...]” (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014, p. 13).

Os moradores da comunidade rural de Chã da Pia fazem parte do ambiente, e o ambiente faz parte desses moradores. O ambiente, por sua vez, fornece condições de plantio de culturas variadas, além de matéria-prima para a fabricação das loiças de barro e demais artefatos de barro (retirados do solo). Tudo está ligado em uma teia vital para todos que fazem parte. Esse

hibridismo dos saberes da tradição com o ambiente é algo que perdura a milênios. Isso abre reflexões sobre a sustentabilidade.

O termo sustentabilidade foi concebido, primeiramente, por Lester Brown, fundador do Worldwatch Institute da ONU, no início da década de 1980. Isso contribuiu para a compreensão de comunidade sustentável como sendo “[...] aquela capaz de satisfazer às próprias necessidades sem reduzir as oportunidades das gerações futuras” (HAIDUKE, 2013, p. 30119-30120). De acordo com Haiduke (2013, p. 30120) sustentabilidade é “[...] a garantia da sobrevivência da espécie humana”. A autora ressalta que sustentabilidade:

[...] é uma filosofia que propõe, ao ser humano, a vida em harmonia com o planeta Terra e isso abarca questões tanto ambientais, quanto sociais, políticas e econômicas. Ser sustentável é saber gerir os recursos naturais de modo a preservá-los e garanti-los às futuras gerações. (HAIDUKE, 2013, p. 30126).

A sustentabilidade é ter empatia com a geração atual e as seguintes. Esta temática se faz necessário estar presente na nossa sociedade, porque a construção de um futuro sustentável é urgente (HAIDUKE, 2013). Além da relação homem-ambiente, a relação homem-homem é extremamente importante, pelo qual devem “[...] ser baseadas na tolerância e no respeito ao próximo” (HAIDUKE, 2013, p. 30126). Sendo assim, respeito e o amor também são peças chave para as relações harmônicas entre os próprios seres humanos e deles com o ambiente.

Os prováveis motivos básicos que excitam práticas ecologicamente predatórias são atribuídos aos valores adotados pela sociedade, sistemas de informação e comunicação e as instituições sociais (JACOBI, 1999). Isso dialoga, contrariamente, com o que Haiduke (2013) conceitua sobre sustentabilidade, no que se refere à vida harmônica com o planeta Terra. Jacobi (1999) ressalta que a sustentabilidade necessita da inter-relação entre justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e o desenvolvimento com a capacidade de suporte.

Durante vários anos, o termo sustentabilidade ganha cada vez mais destaque, devido aos problemas ambientais causados pela ação antrópica, não levando em conta que os recursos naturais são finitos (IAQUINTO, 2018). O autor considera que a sustentabilidade possui dez dimensões, dentre elas, quatro quero destacar aqui: a dimensão ecológica (ou ambiental), a dimensão social, a dimensão econômica e a dimensão cultural.

A dimensão ambiental da sustentabilidade envolve vários agentes da área educativa, potencializando várias áreas do conhecimento, assim como capacitando profissionais desta área, no que se refere a interdisciplinaridade, contemplando a necessidade da inter-relação do meio ambiente com o social, tendo o foco na sustentabilidade socioambiental (JACOBI, 2003).



Silva, Souza e Leal (2012) descreveram a dimensão ambiental como várias intervenções da sociedade na construção do seu espaço, agindo com cautela na utilização dos recursos naturais (exemplo da água e do solo) como forma de precaver formas de ocupação em áreas sensíveis a modificações, provocando inúmeros riscos, em sentido ampliado, a vida. No que se refere a dimensão cultural da sustentabilidade, ela:

[...] contribui para nos informar a qualidade de vida pelo exercício da cidadania cultural, como um direcionamento na investigação sobre o cotidiano das pessoas, seus espaços frequentados, a qualidade das ações públicas locais, pois a praça, o teatro, as festas religiosas e populares, dentre outros, fazem hoje parte das necessidades culturais cotidianas. Nesse caso, a oportunidade de frequência aos espaços culturais e às expressões diversas, deve ser socializada sem discriminação, de forma espacializada para que todos possam ter acesso igualitário, sem restrição a grupos. (SILVA, SOUZA; Leal, 2012, p. 36).

O exercício da sustentabilidade está pondo em prática a cidadania que todos nós temos, e isso de forma igualitária e sem discriminação ou limitação de quais quer que seja a comunidade social. O conceito de sustentabilidade não se limita à ciência do direito, é multidisciplinar, e inserir esse conceito na gravidade jurídica é uma necessidade, pois o direito sendo ciência possui ferramentas socialmente eficazes para garantir a sustentabilidade em suas dimensões. Sendo assim, a dimensão ambiental possui ênfase na preservação do ambiente, através de um conceito transindividual (ANJOS; UBALDO, 2015).

Anjos e Ubaldo (2015) descrevem que a dimensão social da sustentabilidade direciona para o incentivo a políticas públicas para e pela efetivação dos direitos sociais, respeitando o ser humano, e esse respeite o ambiente e a utilização racional dos recursos naturais. No tocante à dimensão econômica da sustentabilidade, os autores discorrem que possui consciência que os recursos naturais são finitos, e a sua preservação permitirá que as gerações presentes e futuras usufruam e se satisfaçam das próprias necessidades e para a sua sobrevivência. A palavras-chave são: equilíbrio, respeito e empatia.

Das quatro dimensões da sustentabilidade descritas acima, três - ambiental, social e econômica - são pilares norteadores que devem servir de guias do pensamento moderno, buscando nos fenômenos sociais indícios pertinentes para o auxílio da continuação da humanidade (ANJOS; UBALDO, 2015).

A sustentabilidade envolve todos da comunidade (CAPRA, 2006). O uso sustentável da natureza é primordial para conservação do ambiente e garantia para que as próximas gerações a utilizem. De acordo com o artigo 3º, inciso III do Decreto nº 6.040/2007 endossa o descrito anteriormente, afirmando que o desenvolvimento sustentável é “[...] o uso equilibrado dos

recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras” (BRASIL, 2007, p. 1). Conservar o ambiente não é tarefa fácil, pelo fato de vivermos em uma sociedade consumista, sem empatia e possui aversão ao altruísmo (PEREIRA; DIAS, 2011).

É impossível refletir sobre conservação ambiental se não levarmos em consideração o ser humano e os impactos causados por ele, na utilização dos recursos naturais local (ALVES; GONÇALVES; VIEIRA, 2012). Os autores consideram que os planos de conservação têm que levar em conta o contexto social e ambiental dos moradores locais em questão, que são usuárias dos recursos naturais. Significa que a Etnobiologia está presente neste tipo de realidade.

A Etnobiologia, conceituado por Posey (1986, p. 15), “[...] é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes”. Em outras palavras, é o estudo da influência do ambiente sobre o homem e suas crenças no meio em questão.

A conceituação e categorização do conhecimento científico realizado por comunidades tradicionais - ou não - é algo que devemos considerar na Etnobiologia, não como errado ou certo, mas como uma ferramenta particular de classificação de um determinado fenômeno, seja ele social ou não. Posey (1986) descreve que o conhecimento dos indígenas, por exemplo, no que se diz respeito a classificação do conhecimento, não se encaixa em nada com o que a biologia, artificialmente, tenta organizar.

Porém, nem por isso devemos julgar como equivocado os saberes tradicionais, pois eles possuem métodos próprios de entender e se relacionar com o ambiente. Devemos considerar que “a Etnobiologia não é tão somente uma metodologia, mas sim, igualmente uma filosofia” (POSEY, 1986, p. 16).

Segundo Rocha-Coelho (c2021) esse conceito de Posey (1986) sobre Etnobiologia é um dos mais completos desta temática. A Antropologia já utilizava a Etnobiologia como objeto de estudo desde o século XIX (ROCHA-COELHO, c2021).

O termo Comunidade vem do latim *communitatis*, que significa “estado de vida em comum”. (SOARES, 2004, p. 95). Dependendo da área do conhecimento em questão, sofre alguns ajustes conceituais. Na Biologia, por exemplo, a comunidade é o “Conjunto de organismos de espécies diferentes que habitam o mesmo ecossistema [...]”. (SOARES, 2004, p. 95). Em relação a várias áreas do conhecimento, está relacionado a grupos de pessoas que compartilham da mesma cultura, ou seja, “[...] a ambiente, espaço geográfico, cultura, seres humanos e nas relações que se constituem entre si e com a natureza”. (CÓRDULA;

NASCIMENTO; LUCENA, 2018, p. 88). Os autores afirmam que esse termo possui similaridade, conceitual, com o termo Território, que por sua vez é estabelecido pelo espaço delimitado.

O conceito de ambiente é complexo, variando de acordo com uma determinada cultura (SEVERO; DIAS, 2015). Geraldino (2014) conceitua o ambiente como algo negativo e relativo, ou seja, depende do posicionamento do ser em questão. O mesmo autor pontua que nós modificamos o ambiente, e o ambiente nos modifica. Esta interação mútua - homem/meio - está em constante transformação para ambos os envolvidos, e nem sempre isso é respeitoso e equilibrado, claro, por parte do homem que é o causador desse desequilíbrio (LIMA, c2020). Estas colocações vão ao encontro de que “[...] o aproveitamento e a utilização racional dos recursos naturais, a ocupação demográfica e as práticas produtivas ocorridas durante a história da ocupação do território brasileiro nunca se deram de forma equilibrada” (MELAZO, 2005, p. 46). Isso, claro, na maioria dos casos, o ser humano agindo como predador e parasita do meio.

O conceito de meio é construído da relação homem, meio físico e biótico, ou seja, “[...] é uma noção multicêntrica”. (OLIVEIRA; CORONA, 2008, p. 56). No ponto de vista de Hoeffel, Sorrentino e Machado (2004), o problema ambiental deve ser analisado na “perspectiva histórica e que a compreensão dos problemas ambientais não é homogênea”, e sim multifatorial. O paradigma do social com o ambiental é algo que se deve levar em consideração.

O paradigma socioambiental da sociedade contemporânea, com os diversos problemas ambientais, tem início pela ausência de uma percepção do ser humano sobre si mesmo, a sociedade e o meio ambiente. [...] A antropologia e a psicologia vêm contribuindo desde o século passado com estudos alertando sobre as mudanças na forma como as entidades humanas percebem o mundo à sua volta. (CÓRDULA, 2014, p. 154).

A falta do ser humano de se incluir como parte do meio enfraquece a relação da temática socioambiental. Sugere-se que a percepção equivocada sobre o ambiente seja o motivo de nós estarmos passando por tantos problemas ambientais (PEREIRA; DIAS, 2011).

A Lei nº 6.938/81 da Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), em seu artigo 3º inciso I, conceitua ambiente como “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (BRASIL, 1981, p. 1). Esta lei dialoga harmoniosamente com o conceito que os autores Oliveira e Corona (2008) descrevem.

O ambiente possui o conceito em constante transformação, diversificando no passar do tempo. Independente do conceito, o poder público e todos nós temos o dever de cuidar do

mesmo. Afinal, “[...] todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida [...]”. (BRASIL, 2016a, p. 67). Além disso, cuidar é uma atitude altruísta.

A tradição é milenar na produção de loiça de barro - realizada predominantemente por mulheres. Elas também praticam agricultura de subsistência. Em ambos os momentos, os moradores utilizam do ambiente para sobreviver. Eles são guardiões da memória e dos saberes construídos intergeracionalmente. Acredita-se que os moradores da comunidade rural de Chã da Pia se inserem como parte integrante fundamental do ambiente, em uma relação mutualística, porque o homem faz parte do meio, e o meio parte do homem.

Dickmann e Carneiro (2021) no seu livro “Educação Ambiental Freiriana”, analisou as obras de Paulo Freire, e nessas obras, Freire afirmou que o ser humano está incorporado à natureza. O que concordo plenamente. Os autores discorrem que “A compreensão de ser humano pertencente à natureza permite entender, a partir de Freire, a vida como unitária, entender o ser humano e os outros seres do mundo como unidade interdependente e complexa.” (DICKMANN; CARNEIRO, 2021, p. 95). Isso dialoga com o que Pereira e Dias (2011) sugerem, que a percepção ambiental equivocada está levando a problemas ambientais.

Considerando o ser humano como parte do ambiente, é muito importante observar e ouvir, com atenção, os membros de uma determinada comunidade e escrever sobre o que observou e ouviu, em detalhes e com cautela, para evitar perder algum detalhe importante para a pesquisa (OLIVEIRA, 2000). Severo (2012) afirmou que “[...] fazemos parte de um ambiente fluido, em constante mudança”. Por tanto, perceber o ambiente onde está inserido é o primeiro passo para a conservação e a preservação ambiental. Dessa maneira, o indivíduo se enxergará como parte do mesmo, e tendo essa perspectiva, preservará racionalmente a natureza.

Portanto é primordial ressaltar que para criar e recriar, devemos estar em sintonia com o contexto sociocultural e o meio ambiente, dialogando com o universo simbólico, tecendo os fios da teia emaranhada da experiência humana aperfeiçoando e fortalecendo esta rede de ideias. (LIMA, 2011, p. 286).

O diálogo é a peça chave para encontrar o equilíbrio do social com o ambiental e cultural. A relação homem-ambiente é a origem do problema ambiental (VITTE, 2004). Nessa relação desigual mostra-se, muitas das vezes, o comportamento predatório e antropocêntrico em relação à natureza, além da falta de empatia e de atitudes altruístas com as próximas gerações. Assim, é pertinente resgatar “[...] laços que unem o ser humano com a natureza”, cujo mesmo deve “[...] sentir-se como natureza e não apenas mero espectador dela”. (BEZERRA;

FELICIANO; ALVES, 2008, p. 157; PEREIRA; DIAS, 2011, p. 2). Esse trabalho de sensibilização requer tempo, resiliência e coerência, pois não devemos apresentar algo que nem nós mesmos acreditamos ou realizamos. Se identificar com a temática é o primeiro passo.

## **CAPÍTULO 2**

### **PERCURSO METODOLÓGICO**

Neste capítulo, descreverei como se deu a organização das etapas da pesquisa. Nele, consta os procedimentos metodológicos, motivos que me fez escolher a comunidade rural de Chã da pia e como me aproximei dos moradores, a escolha dos participantes, até o planejamento da coleta dos dados. No tópico 2, compreende o tipo de pesquisa. O seguinte é a caracterização do local de estudo, subdividido em: o município de Areia-PB (origem e cultura), compreendendo a comunidade rural tradicional de Chã da Pia e a caracterização dos participantes desta pesquisa. A seguir, as categorias de análise dos dados, englobando as categorias teóricas e as empíricas. Por fim, não menos importante, o plano de Produto Acadêmico. Esse, produzido a parte em formato portfólio on-line e físico.

## **1 ORGANIZAÇÃO DAS ETAPAS DA PESQUISA**

### **1.1 Escolha do local e participantes da pesquisa**

A escolha da comunidade Chã da Pia se deu por ser uma comunidade tradicional ceramista paraibana e que pratica agricultura de subsistência. As pesquisas sobre percepção ambiental (PA) e Educação Ambiental (EA) de moradores de comunidades tradicionais são escassas. Estudar a PA é importante para entendermos melhor as relações entre o homem e o ambiente em que vivemos (MELAZO, 2005).

A escolha dos participantes foi feita intencionalmente, de acordo com o caminhar da etapa de inserção na comunidade. Dessa forma, em termos qualitativos, a amostragem torna a pesquisa mais rica (GIL, 2002). Após a escolha, foram convidados 11 moradores locais para participarem da pesquisa. Este foi um dos pré-requisitos para ser participante: ser residente de Chã da Pia. Os demais requisitos foram: responder ao questionário semiestruturado durante a entrevista; assinatura dos termos de consentimento da pesquisa. Eles aceitaram o convite de maneira espontânea e voluntária.

No decorrer da pesquisa, 4 não participaram (três desistiram, e uma não obteve contato para explicar sobre a pesquisa). Sendo ao todo 7 participantes. Esta etapa da escolha é fundamental em uma pesquisa, pelo fato de que os mesmos são representantes de uma realidade que respira tradição e cultura (MAROTI; SANTOS, 2004).

## 1.2 Planejamento da pesquisa

Os planejamentos dos encontros com os moradores da comunidade ocorreram em reuniões, na sala do grupo de pesquisa em que participo: GRECOMVIDA. Nela, a logística foi construída para a otimização do tempo, mitigando os pormenores.

As etapas da pesquisa na comunidade ocorreram de forma híbrida, com observações da rotina local como também conversas informais com os moradores, seja pessoalmente ou via redes sociais on-line: *WhatsApp* e *Google Meet*, cujo último é o “programa de videoconferências do Google, no qual todos podem participar e criar conferências com até 250 participantes” (SILVA; CHRIZOSTIMO, 2020) e demais redes sociais on-line. Este contato virtual e pessoalmente, que tenho desde 2019 com os moradores, é muito importante, porque quanto mais contato com eles, maior a fluidez na conversa e confiança dos participantes da pesquisa, que caracteriza a etnografia.

A abordagem dos participantes deste estudo foi realizada de maneira direta e naturalmente, sem “robotizar” a mesma, verbalizando o convite para que participem.

A parte presencial da inserção na comunidade foi através em idas ao encontro dela, que variaram a frequência de acordo com a disponibilidade dos moradores. Já durante a pandemia, foi cumprido rígidos protocolos de segurança, a exemplo do uso de máscaras, álcool 70% e distanciamento físico, de um metro e meio a dois metros, de todos os envolvidos nesta pesquisa. Tais recomendações estão em consonância com o Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Na etapa da entrevista, foram utilizados: gravador de áudio do celular, principalmente no momento das entrevistas semiestruturadas e alguns relatos do dia a dia dos participantes escolhidos; bloco de papel e caneta esferográfica para anotações das observações secundárias para complementação. Esta etapa foi realizada on-line, através do *WhatsApp* e *Google Meet*. O diário de campo também foi um dos instrumentos de coleta de dados pertinentes.

A câmera fotográfica do celular foi utilizada para fazer os registros visuais da rotina de confecção, cocção e demais momentos como um todo. Isso com a permissão dos participantes, através da assinatura do Termo de Autorização para Uso de Imagem e Vídeo (TCFV - Anexo B) e do Termo de Autorização para Gravação de Voz (TAGV - Anexo C). A aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Anexo A) foi apresentada aos participantes e assinada pelos mesmos, na presente etapa, assegurando o anonimato, como também a livre desistência em qualquer etapa da pesquisa.

Os dados obtidos foram submetidos a análise de conteúdo de Bardin (2016). Nesta etapa, *a priori*, foi realizada uma pré-análise, com a leitura flutuante, no intuito de organizar e sistematizar. Após isso, transcrevi na plataforma Microsoft Office Excel 2016, sendo assim, realizei a análise desta tabulação. Os participantes serão identificados através do código alfanumérico Lxx (L de loiceira; xx se trata da ordem dos participantes entrevistados, de 01 a 07), mantendo assim o anonimato. Descrevi as falas manualmente, sem auxílio de programa de transcrição de áudio.

O estudo em questão teve duração de sete meses, de junho a dezembro de 2021. O período e as etapas (até então) se mantiveram as seguintes, em três etapas: inserir-se na comunidade e reconhecimento dela, além da observação e escolha dos moradores para o estudo; submissão ao Comitê de Ética, assinatura do TCLE (e demais termos) pelos moradores escolhidos da 1ª etapa, coleta dos dados através da entrevista com a aplicação do questionário semiestruturado, com o objetivo de coletar os dados para análise *a posteriori*; análise dos dados adquiridos, com objetivo de alcançar os objetivos desta pesquisa, além de obter dados adicionais que venham contribuir com ela.

Cada etapa teria duração de dois meses, uma ida a comunidade a cada 15 dias. Agora, cada etapa da pesquisa foi distribuída da seguinte forma: 1ª etapa dois meses; 2ª etapa dois meses; 3ª etapa três meses. Os encontros foram híbridos, com o máximo de respeito às recomendações do Ministério da Saúde, da OMS e dos decretos estaduais e municipais de Campina Grande-PB e Areia-PB.

Devido à nova realidade imposta desse “novo normal” (particularmente não concordo com esse termo pelo fato de preferir que seja dito novos hábitos), os turnos e dias mais prováveis foram as sextas-feiras, sábados ou aos domingos. A minha permanência na comunidade de Chã da Pia - nesse dia - não foi determinada, pois vai variar de acordo com a disponibilidade dos moradores dessa comunidade, para não atrapalhar a rotina nesta localidade rural. Pelo fato desta pesquisa ser do tipo etnográfica, é de extrema importância a convivência frequente com a comunidade de Chã da Pia, porque quanto mais contado tiver, mais laços se estreitarão, e assim, as conversas fluirão mais, claro, conseqüentemente os dados serão mais fidedignos. Por isso não quantifiquei a minha frequência de contato que tive com os participantes e demais moradores.



## 2 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa em questão foi desenvolvida como abordagem etnográfica pelo fato de se voltar para o intuito de estudar uma determinada cultura, “[...] descrevendo-a para apreender seus significados”. (ROCHA; HANDEM; MATIOLI, 2009, p. 125). Os dados receberam tratamento qualitativo descritivo, pelo fato de se tratar de uma comunidade tradicional de artesãs que utilizam o barro para fabricarem as loiças, e produtores rurais que praticam a monocultura de subsistência. No sentido de descrever as “[...] características de determinada população ou fenômeno [...] de uma determinada realidade [...]”. (HANDEM *et al.*, 2009, p. 94).

A pesquisa qualitativa é a metodologia mais adequada para compreender a natureza de um fenômeno social, utilizando diferentes concepções filosóficas e estratégias de investigação (CRESWELL, 2010; RICHARDSON *et al.*, 1999). Goldenberg (2004) ressalta que, na pesquisa qualitativa, enfatiza-se a singularidade de um fenômeno. Ser neutro e objetivo são requisitos necessários para o pesquisador, sendo assim, não se deve permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 2004). Este tipo de pesquisa foi a mais adequada para alcançar os objetivos.

## 3 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO

### 3.1 Município de Areia-PB: origem e cultura

O Município de Areia, localizado na microrregião brejo paraibano, é conhecida como “Patrimônio Nacional, cujo Conjunto Histórico, Urbanístico e Paisagístico foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – em 2005, é emblematicamente retratada como terra da cultura.” (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014, p. 6). Consta uma divergência de datas desse tombamento. No site do IPHAN consta que o ano do tombamento foi em 2006 (BRASIL, 2014). É considerado nesta dissertação o ano 2006 o ano do tombamento, pelo fato de que foi o próprio IPHAN que outorgou tal honra.

Neste município nasceram vários artistas renomados, dentre eles o pintor Pedro Américo e o escritor José Américo de Almeida, cujo pintor possui várias réplicas dos quadros expostos no Museu de Pedro Américo, a mais famosa obra é “O Grito do Ipiranga, encomendada por Dom Pedro II” (AREIA, [20--], p. 1; BRASIL, 2014). Este município do

Brejo paraibano “é considerada a Suíça Paraibana, cenário do romance A Bagaceira e da Revolta do Quebra-Quilos”. (FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO, [20--], p. 1).

O município paraibano de Areia foi palco de muitos feitos que marcaram a história local, alguns desses foram: pioneiro na utilização do jornal impresso; ter sido a primeira cidade paraibana a libertar os escravos, em 3 de maio de 1988; ter sido segunda cidade do Brasil a decretar a abolição dos escravos (AREIA, [20--]).

Neste município rico em cultura e tradição, encontra-se a tradicional comunidade rural de Chã da Pia. Nela, a produção do artesanato e cultivo agrícola é sazonal. Se pratica agricultura de subsistência como principal atividade na época inverno (localmente conhecida como de maior precipitação de chuva), já na época seca (conhecido localmente como de menor precipitação de chuva) sendo a principal atividade a fabricação de cerâmicas de barro conhecidos como Loiça de Barro ou Loiça da Pia (ALVES, 2004; ALVES *et al.*, 2007; ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014).

O descrito no parágrafo anterior corrobora com a afirmação de Córdula (2013, p. 11), que “a convivência do artesanato com a agricultura é perfeita”. Isso porque não existe tempo ocioso, pelo fato que sempre estarão trabalhando com alguma atividade, garantindo renda aos mesmos. Sobre as coordenadas geográficas e morfologia da comunidade rural Chã da Pia:

O relevo é ondulado a suavemente ondulado, a altitude varia entre 484 e 552m, a latitude entre 6° 54' 15" e 6° 55' 6" Sul e a longitude entre 35° 46' 39" e 35° 47' 41" Oeste de Greenwich. A área faz parte da mesorregião Agreste Paraibano, sobre o Planalto da Borborema. Pela classificação de Köppen, o clima é As' (quente e úmido com chuvas no período de outono inverno), com precipitação estimada em 700 mm ano<sup>-1</sup>. (ALVES *et al.*, 2005, p. 380-381).

Algumas artesãs relatam que Chã da Pia fica entre os municípios de Remígio de Arara. Nesta comunidade rural, a altitude varia entre 484 e 552 m, com clima quente e úmido, e precipitação chuvosa estimada de 700 mm/ano (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014). Mesmo essa comunidade se localizando em um município na mesorregião Agreste e microrregião Brejo, possui características do Bioma Caatinga, a exemplo da vegetação original hipoxerófila (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014).

Chã da Pia (ou simplesmente Pia) pode ser considerada comunidade tradicional pelo fato dos conhecimentos na produção das loiças de barro serem transmitidos de geração a geração, pela tradição, e a transmissão do que aprendem é perene (ALVES, 2004; ALMEIDA; DANTAS, 2020; BRASIL, 2007). Eles ocupam e utilizam “[...] territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando

conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição [...]”. (BRASIL, 2007, p. 1). Silva (2020, p. 98) descreve que “os conhecimentos artesanais podem ser perpetuados e repassados através da memória coletiva [...]”, não existindo nada escrito, só a transmissão via oral e prática.

### **3.2 Caracterização dos participantes da pesquisa**

Os participantes são moradores da comunidade rural tradicional de Chã da Pia, localizada no município de Areia-PB. Esses possuem descendência indígena e/ou quilombolas. Eles utilizam o barro retirado do solo da comunidade - e arredores - como matéria prima principal para a produção das loiças, com finalidades de, por exemplo, utilização doméstica (preparo de alimentos) e estocar água para beber. Os moradores também vendem estas peças de barro em feiras na própria comunidade, a céu aberto no próprio município e em municípios limítrofes.

As artesãs e os artesãos, além de produzirem peças utilitárias (loiça), também produzem peças figurativas (zoomórficas e antropomórficas) de decoração feitos de barro, a exemplo de aves, mamíferos e répteis (MARCONI; PRESOTTO, 2010). Isso significa que são artesãos e artistas. Eles também criam pequenos animais e praticam agricultura de subsistência, sendo as culturas principais o milho e o feijão (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014).

Os participantes desta pesquisa me fizeram compreender que os artefatos de barro não são só produtos para comercializar, e sim saberes tradicionais agregando significados bem particulares do local e de cada um. Através da Educação Ambiental não formal, com a oralidade e prática deles, possibilita entender o conhecimento que se produz nesta comunidade rural tradicional, que transpira cultura e arte.

Os moradores deste local são verdadeiros guerreiros, pois lutam muito para sobreviver e manter esta tradição que é milenar. Desta luta geram sonhos, dentre esses a esperança de dias melhores, lutando hoje para um amanhã diferente do ontem, porque “[...] o futuro não pode repetir o ontem [...]” (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p. 21). Vencendo obstáculos, alguns deles dolorosos, mas sempre seguindo em frente e mantendo o olhar saboroso de vitória no horizonte, temperada com suor das lutas diárias.

## 4 CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Dias (2008, p. 138), Categorias de Análise são “[...] as categorias empíricas que se prestaram às análises dos dados e ao alcance dos resultados de uma pesquisa”. A autora, na sua tese de doutorado, ressalta que elas emergem dos autores adotados na pesquisa, assim como das reflexões e discussões do referencial teórico adotado. Segue abaixo as categorias geradas, juntamente com a respectiva descrição, a partir das etapas desta dissertação.

### 4.1 Categorias Teóricas de Análise

#### 4.1.1 *Percepção Ambiental*

Esta categoria surgiu na leitura do referencial teórico e da análise dos dados. A percepção é a utilização dos sentidos (visão, olfato, paladar, tato e audição) para reconhecer o objeto e responder a estímulos (MARIN, 2008), sendo ela individual e subjetiva (ANSELMO; XAVIER, 2014; GIL, 2002). Melazo (2005) também relata esta percepção, acrescenta a associação com o cognitivo.

A percepção ambiental são as sensações e conhecimento prévio que o ser humano possui acerca do ambiente em questão. Sendo assim, compreender os fenômenos da natureza nos deixa mais próximos, como sujeito, dos seus processos (SEVERO, 2012). Ela se articula com a preservação do ambiente dentro das comunidades tradicionais (BARROS, 2018).

Cada morador de uma determinada área, reagem e respondem de maneiras distintas sobre o ambiente em questão, cujos mesmos são resultados das percepções, coletivas e/ou individuais, e expectativas de cada um (BARROS; DIAS, 2018). A percepção ambiental está correlacionada com a cultura, experiência de vida e o espaço físico onde cada pessoa está inserida (LERMEN, 2008). Nas leituras e análise dos resultados, surgiram as subcategorias naturalista e antropocêntrica.

##### 4.1.1.1 *Naturalista*

Esta categoria surgiu da análise dos dados. A percepção ambiental naturalista, segundo Carvalho (2017), é baseada na visão do meio como fenômeno rigorosamente biológico e autônomo, onde as ideias de um mundo natural se opõem ao mundo humano. Com isso, o ser

humano não se inclui como parte do ambiente. Aqui, o ambiente é evidenciado como intocável e natural, ou seja, o meio sendo visto de forma romantizada (WOLLMANN; SOARES; ILHA, 2015).

#### 4.1.1.2 *Antropocêntrica*

Esta categoria surgiu da análise dos dados. De acordo com Scherwitz (2015), na percepção ambiental antropocêntrica, o ser humano é o único a resguardar e preservar o ambiente. Nesta visão, “[...] o bem ambiental está voltado para a satisfação das necessidades humanas[...]”, protegendo tortuosamente outras formas de vida (SCHERWIZ, 2015, p. 12). Isso remete que o ser humano é o cerne em relação a todas as formas de vida. Os autores Wollmann, Soares e Ilha (2015) afirmaram que esta percepção dá ênfase na utilização dos recursos naturais para a própria sobrevivência do homem, não considerando a biodiversidade.

#### 4.1.1.3 *Preservação ambiental*

Esta categoria surgiu da leitura do referencial teórico. O ambiente é a relação do meio físico com o biótico (BARROS, 2018). Por mais que se assemelham, preservação e conservação ambientais possuem conceitos diferentes. A preservação ambiental é a proteção mais rígida e total da natureza, não importando seu valor econômico e nem utilitário, ou seja, não usufrui do meio ambiente (LIMA, c2020). Ela é “intocável”, utilitária para admiração e observação.

#### 4.1.1.4 *Conservação ambiental*

Esta categoria surgiu da leitura do referencial teórico. A conservação ambiental é o uso racional da natureza e “manejo criterioso [...] executando um papel de gestor e parte integrante do processo”. Esse uso racional pode ser através das trilhas ecológicas, aulas de campo e educação ambiental, por exemplo. Esta utilização responsável da natureza não gera tanto impacto ao ecossistema, a fauna e nem a flora do ambiente em questão (LIMA, c2020, p. 1).

Os moradores da comunidade rural de Chã da Pia fazem parte do ambiente, e o ambiente faz parte deles. Eles utilizam os recursos naturais disponíveis para a sobrevivência, não só deles, mas da cultura tradicional, praticando assim a conservação da tradição, através da conservação ambiental. O ambiente, por sua vez, fornece condições de plantio de culturas variadas, além de

matéria-prima para a fabricação das loiças de barro e demais artefatos de barro. Tudo está ligado em uma teia vital para todos que fazem parte. Esse hibridismo dos saberes da tradição com o ambiente é algo que perdura a milênios.

Conservar o ambiente não é tarefa fácil, pelo fato de vivermos em uma sociedade consumista, sem empatia e possui aversão ao altruísmo (PEREIRA; DIAS, 2011).

#### 4.1.2 *Cultura*

Esta categoria surgiu na leitura do referencial teórico. O conceito do termo Cultura é polissêmico. Chauí (2000) corrobora com tal afirmação. Cultura pode significar o cuidar do homem com a natureza. Cultura nos remete a criação coletiva de ideias, valores e símbolos de uma determinada sociedade. Os seres humanos são culturais, e acrescenta os animais como seres naturais, isso no contexto do século XIX. As leis de causa e efeito governa a Natureza, a cultura é a prática da liberdade. É através da cultura que dita o agir do homem sobre o ambiente, assim, produzindo cultura (CHAUÍ, 2000).

Cultura é continuidade, mudança e transformação, ou seja, o conceito de cultura é mutável e adaptável, passível de mudanças (SAMPAIO, 2003). Cultura são agrupamentos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que retratam uma sociedade, abrangendo “[...] as formas de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”. (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION - UNESCO, 2002).

#### 4.1.3 *Saberes da Tradição*

Esta categoria surgiu na leitura do referencial teórico e análise dos dados. Os saberes da tradição são transmitidos, dos que possuem mais idade aos mais novos, de forma experimental e pela oralidade (ALMEIDA *et al.*, 2013). Na perspectiva da comunidade rural de Chã da Pia, a oralidade é o cerne dessa transmissão. Isso é pelo fato de que não existe nada escrito ensinando o saber-fazer da tradição milenar da fabricação de loiças de barro e de como seja o manuseio na agricultura. Sendo assim, o ato de aprender requer uma teia de estímulos diários na base da memória, sejam eles da visão, audição ou tátil, como também os estímulos internos, a exemplo dos pensamentos e reações emocionais (CURY, 2003).

Os saberes da tradição é o saber próprio da comunidade em questão. É uma cultura que receberam como herança (SEVERO; ALMEIDA, 2011) indígena, tendo como “prática enraizada no saber-fazer da cultura e identidade local [...]”. (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014, p. 6). Seus modos próprios de nomear a matéria prima, assim como a utilização de instrumentos para modelagem das peças de barro utilitárias e figurativas que fazem, respectivamente o barro de loiça e a loiça de barro são próprios, em um saber-fazer local.

## **4.2 Categorias Empíricas**

### **4.2.1 *Atividade ocupacional***

#### **4.2.1.1 *Agricultor***

Esta categoria surgiu da análise dos dados. Ela vai destacar os moradores que praticam agricultura de subsistência. A cultura de subsistência pode significar o cultivo suficientemente para a sustentação da vida, seja para autoconsumo ou não (COSTA, 1984). Seguindo esse raciocínio, agricultura familiar é a produção organizada, baseando-se no trabalho de todos da família, com a finalidade da subsistência da mesma (JESUS; JESUS, 2004). Carvalho (2013) descreve o principal objetivo da agricultura de subsistência como sendo o cultivo de alimentos, possibilitando a manutenção da família e do grupo, baseado em um sistema cultural plural. No que se refere a agricultura familiar, só terá sucesso se tiver a iniciativa da comunidade rural em questão, sendo que, alguns autores, tomam como sinônimos os termos agricultura familiar e agricultura de subsistência (CARVALHO, 2013; CORREIA, 2013).

#### **4.2.1.2 *Artesão***

Esta categoria surgiu na leitura do referencial teórico. Ela vai destacar a profissão artesão, tendo como resultado do seu trabalho o artesanato. Machado (2016) afirma que os artesanatos tinham a função de suprir uma determinada necessidade do cotidiano. Esse produto era produção de um grupo que não tinham identificação do artesão em si, e por isso, vários artefatos encontrados por arqueólogos não possuem identificação do autor (MACHADO, 2016). É descrito que, com o passar do tempo, “[...] o artesão torna-se o sujeito possuidor do

conhecimento de um ofício manual e da capacidade de transmiti-lo para seus aprendizes” (MACHADO, 2016, p. 53). Sendo assim, constando a assinatura do autor na peça fabricada.

Córdula (2013) assim como Machado (2016), conceitua artesanato como a obra do artesão, fruto do seu trabalho, carregado de expressão da cultura. Assim, carrega também com a identidade e tradição cultural do autor, realizado em grupos sociais (CÓRDULA, 2013).

A desvalorização da identidade cultural - até perversa - tem sido estratégico desde o tempo neoliberal, saindo das nossas vidas (econômico, social e cultural) a palavra artesanato, assim, desprezando a cultura de um povo (CÓRDULA, 2013).

O artesanato leva em conta a estética, a morfologia da peça produzida (CÓRDULA, 2013). O artesão sabe fazer, o artista o que “[...] cria, inventa, concebe [...] um depende do outro”, para de fato conceber a obra física, tátil, “arte artesanal” pode ser entendida como algo autêntico de uma cultura local (CASTILHO *et al.*, 2017; CÓRDULA, 2013, p. 11).

#### 4.2.1.3 *Artista*

Esta categoria surgiu na leitura do referencial teórico. A categoria vai evidenciar o artista, tendo como resultado do seu trabalho a arte, cuja compreensão é subjetiva (CÓRDULA, 2013). Córdula (2013) ressalta que ela é abstrata e sem importância estética, valendo mais o significado. De acordo com Chauí (2000, p. 413), “o artista é um ser social [...]”, buscando se expressar sua relação com o mundo, juntamente com outros humanos, refletindo sobre o contexto da sociedade em que se inserem. Mesmo sendo palavras morfologicamente semelhantes e mesma origem, não se pode confundir arte com artesanato. O artesanato é uma atividade apolínea, estética, do bem feito, já a arte independe disto, é mais ligada ao ético do que o estético (CÓRDULA, 2013). A produção das peças zoomórficas e antropomórficas são consideradas artes.

#### 4.2.2 *Saber da tradição e cultura*

Esta categoria surgiu da leitura do referencial teórico e da análise dos dados. Os modos singulares de nomear a matéria prima, assim como a utilização de instrumentos para modelagem das loiças e o artesanato que fazem, respectivamente o barro de loiça e a loiça de barro são próprios, em um saber-fazer local.



Os saberes da tradição é o saber próprio da comunidade em questão, no caso desta pesquisa, a comunidade rural de Chã da Pia. É uma cultura que receberam como herança (SEVERO; ALMEIDA, 2011), muito agregada no saber-fazer, isso na identidade e cultura local (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014). As peças de barro que os moradores artesãos produzem são expressões da tradição e cultura deles.

As loiças de barro não são as únicas peças que expressam cultura e tradição local. Os moradores também produzem duas peças figurativas de barro: zoomórficas e antropomórficas, com finalidade decorativa. Marconi e Presotto (2010) confirmam isso, a questão da existência de dois tipos de cerâmica: utilitária e a figurativa. Esta produção é expressão cultural.

A cultura nos remete a criação coletiva de ideias, valores e símbolos de uma determinada sociedade (CHAUÍ, 2000). Ela, para se tornar como tal, precisa de uma série de fatores que envolve o modo dos seres humanos se relacionarem entre si e com o meio, diferenciando-se, interagindo sobre o ambiente, causando modificações. Disso, surge as organizações sociais, e a transmissão é pela tradição.

## **5 PLANO DE PRODUTO ACADÊMICO**

Produzi, juntamente com a professora Dra. Márcia Adelino da Silva Dias como coautora, o Plano do Produto Acadêmico, cujo está vinculado (não no apêndice) a esta dissertação, que é uma produção a parte. Este produto contém um plano de trilhas ecológicas de visitaçao aos “Quintais de Chã da Pia”, com o objetivo de reforçar e valorizar a tradição entre os moradores da comunidade.

Este Produto consiste de um portfólio físico (também na versão digital), de natureza acadêmica. Segundo o dicionário on-line Michaelis (2015, p. 1), portfólio é o “[...] conjunto de trabalhos desenvolvidos por profissionais de diversas áreas [...]”. Vindo da área da arte, o portfólio é uma modalidade de avaliação muito utilizada nos Estados Unidos da América e no Canadá, com objetivo de ser mais um instrumento avaliativo do corpo discente (VIEIRA, 2002).

Nas Normas da ABNT de 2020 está descrito três conceitos do que seja portfólio, porém não se encaixa com a proposta do Produto Acadêmico que apresentamos aqui. Mas um termo agregado a esses se destaca: conjunto (ROVER; MELLO, 2020). Este termo é a chave para o entendimento e elaboração deste produto, porque reúne um conjunto de realizações, dos autores do produto, no que se refere a comunidade rural de Chã da Pia.

Não podemos confundir portfólio com currículo: o primeiro é uma reunião de amostras de trabalhos já realizados; o segundo é a apresentação do profissional, juntamente com as suas

experiências (COELHO, 2020). A autora ressalta que, de acordo com o formato, pode ser físico ou digital, já em relação à natureza, pode ser de fotografia, artes, design ou acadêmico.

A estrutura do portfólio está baseada de acordo com Coelho (2020): capa, folha de rosto, sumário, conteúdo e conclusão. Na versão física, a capa deste portfólio é do tipo brochura. A estética rústica é primordial, focado no público alvo: moradores da comunidade rural tradicional de Chã da Pia, Areia-PB. Assim, remete a tradição e cultura local. Não podemos esquecer da linguagem, que é objetiva e mesclado entre a formal e a coloquial, com o objetivo de facilitar a leitura e a compreensão do público em geral, incluindo os moradores da comunidade.

A execução das etapas de produção do Produto Acadêmico teve início em 2021, finalizada em 2022. Iniciada com a confecção do Croqui das trilhas culturais, onde mostra os Quintais em Chã da Pia. Esboçado por uma moradora local, e aprimorado pelos autores do Produto Acadêmico. Para facilitar o diálogo com os moradores desta comunidade, será denominado de “mapa”. Ele foi impresso em banner e colocado - em definitivo - na Casa da Cultura, durante a III Feira Gastronômica e Cultural de Chã da Pia, realizada no mês de dezembro de 2021.

Após isso, houve a confecção da capa do Produto Acadêmico e o design das demais páginas, cuja etapa foi realizada através do aplicativo denominado Canva. A versão utilizada é a on-line. Este editor gratuito permite criar artes de imagens, assim como texto e imagem em arquivo único, a exemplo de criação de convites, capas de revistas e redes sociais ou currículo (BIJORA, 2018). O processamento do texto foi através do software Microsoft Word 2010.

As histórias dos Quintais foram contadas por cada loiceira do seu respectivo Quintal, e inserida no Produto Acadêmico. As fotografias retiradas do banco de imagens dos autores desta produção acadêmica e outras enviadas pelas loiceiras, assim como retiradas por terceiros.

Este Produto Acadêmico consta de: breve história e descrição da cultura e tradição desta comunidade; “mapa” das Trilhas Ecológicas “Quintais de Chã da Pia”, evidenciando a cultura tradicional local. Além do já descrito, consta também o QR Code neste produto para acesso a versão on-line e de todos os quintais.

Até aqui estou me referindo o termo “Mapa” sempre entre aspas, pelo fato de facilitar a comunicação com os moradores da comunidade de Chã da Pia. Assim será denominado no Produto Acadêmico. O que foi produzido, de fato, é um Croqui. Afinal, qual a diferença entre Mapa e Croqui?

No decorrer do tempo, as representações cartográficas foram tendo diversas terminologias, cada uma com sua singularidade. Na maioria das vezes, os mapas, cartas e

plantas são utilizados como sinônimos, e isso devemos tomar cautela. Dependendo do país, os termos mapas e cartas são conceituadas diferentes. No Brasil, mostra-se certa tendência em utilizar o termo mapa quando o documento for mais simples ou diagramado, ao contrário da carta, documento mais complexo e detalhado ou até um tipo de mapa (FITZ, 2008; OLIVEIRA, 1993)

Mapa é “[...] uma representação em superfície plana de determinado espaço geográfico, seja de um terreno, um estado, seja de um país ou território”. (ROVER; MELLO, 2020, p. 169). Já o Dicionário online Michaelis (2015, p. 1) conceitua mapa - cujo conceito é mais completo - como “Representação gráfica, em escala reduzida, geralmente em cartolina, papel ou tela, de dados relativos à superfície total ou parcial da Terra, com representação de acidentes físicos e culturais de sua superfície”.

Fitz (2008) conceitua Croqui como a apresentação de um esboço, em forma de desenho, da topografia de uma região, em outras palavras, é a representação esquemática de um terreno. O autor endossa que essa representação deve ser vista como um levantamento expedito de pouca precisão. De acordo com a NBR 13133 (1994, p. 3), levantamento topográfico expedito consiste no “Levantamento exploratório do terreno com a finalidade específica de seu reconhecimento, sem prevaleceram os critérios de exatidão”.

O Produto Acadêmico é finalizado com um pouco sobre cada Quintal da comunidade rural de Chã da Pia. Finalizando com o tópico Considerações Finais, no intuito de conversar com o leitor sobre esta comunidade fantástica e rica em cultura e tradição. A distribuição deste produto ocorrerá na comunidade de Chã da Pia, e será entregue para ficar na Casa da Cultura.

### CAPÍTULO 3

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - de acordo com o último senso realizado em 2010, afirma que a população do município de Areia (localizado na microrregião do brejo paraibano, a 122,5 km da capital João Pessoa, no estado da Paraíba, região Nordeste do Brasil) era de 23.829 habitantes (com a estimativa para 2020 de 22.656 de habitantes), com densidade demográfica de 88,42 hab/km<sup>2</sup> (BRASIL, c2017). Esse município possui clima e vegetação - Mata Atlântica - diferenciados, nomeado Brejo de Altitude, formando “[...] ilhas de floresta úmida em plena região semiárida, cercadas por vegetação de caatinga [...]”. (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014, p. 10).

O último senso do IBGE foi em 2010. Por tanto, há uma dificuldade em obter dados mais precisos da população deste município, porque 12 anos é um tempo que devo considerar.

O Brasil, antes do “descobrimento”, era habitado por vários grupos indígenas. No estado da Paraíba não é diferente. Os nativos que habitavam o território paraibano pertenciam a dois grupos linguísticos: os Tupis (ocupavam o litoral do estado) e os Cariris (habitavam várias áreas do sertão) (EGLER; MOREIRA, 1985). Os mesmos autores afirmam que a agricultura de subsistência foi a atividade econômica que determinou a ocupação da mesorregião do Agreste paraibano.

Os indígenas Potiguaras habitam no litoral paraibano. Eles “[...] aceitavam a gerontocracia (autoridade dos mais velhos), tinham uma família matrilinear (descendência estabelecida pela mulher)”. (LIRA, 2018, p. 2). Na Paraíba:

Ainda hoje, encontram-se tribos indígenas Potiguaras localizadas na Baía da Traição, mas em apenas uma aldeia, a São Francisco, onde não há miscigenados, pois a tribo não aceita a presença de caboclos, termo que eles utilizavam para com as pessoas que não pertencem a tribo. (LIRA, c2021, p. 6).

Além de características indígenas, os moradores da comunidade rural de Chã da Pia possuem traços e costumes de quilombolas. No tocante a origem, sugere-se a híbrida: indígena e quilombola. Nenhum referencial teórico sobre Chã da Pia abordou esta questão de origem desta comunidade, mas a autora Barros (2018), em sua dissertação de mestrado, afirmou que a atividade com o barro possui fortes sinais das culturas indígenas. Já o autor Alves (2004), em sua tese de doutorado, relatou que é difícil a possível influência africana na manifestação cultural nas loiças produzidas em Chã da Pia.

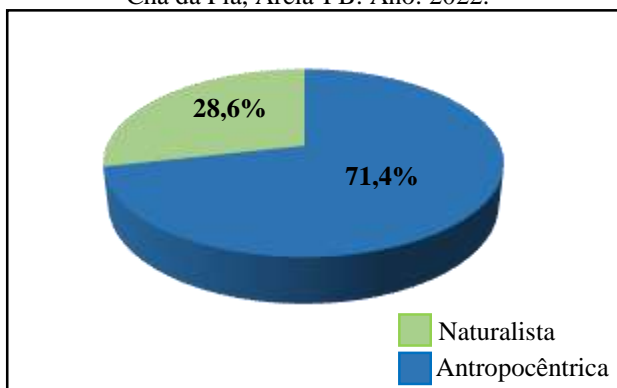
O Estado da Paraíba tem como capital João Pessoa. Esta cidade é a terceira mais antiga do país (PARAÍBA, [20--]).

No final do século XVII e início do século XVIII, no povoamento do interior paraibano, o Município de Areia era conhecido como Sertão dos Buxaxás (“terra onde canta a cigarra”), pelo fato que nesta localidade habitavam - primitivamente - os indígenas Buxaxás (BRASIL, c2017; BRASIL, 2014). Este local era um ponto estratégico por onde passavam os tropeiros vindos do sertão em direção ao litoral, com finalidade de comercializar seus produtos (BRASIL, 2014).

O movimento comercial nesse local foi um atrativo, e rapidamente foi povoada e elevada para categoria vila - em 18 de maio de 1815 - passando a chamar-se Brejo de Areia (ou Brejo d’Areia), devido a correr o riacho de nome Areia nas suas proximidades (BRASIL, c2017; BRASIL, 2014). Areia passou a ser considerado de cidade e sede de município no ano de 1846 (BRASIL, 2014).

O município paraibano citado, segundo o artigo 3º da Lei nº 863/2014 – Título I, Capítulo I – mostra que “A cultura é um direito fundamental do ser humano, devendo o Poder Público Municipal prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício, no âmbito do Município de Areia.” (AREIA, 2014, p. 2). Esta mesma lei, em seu artigo 6º, inciso I, discorre que cabe ao Poder Público Municipal “[...] assegurar os meios para o desenvolvimento da cultura como direito de todos os cidadãos, com plena liberdade de expressão e criação”. Em Chã da Pia, a Cultura e tradição é expressa de maneira livre e garantida. O que falta a ela é ser mais vista e valorizada pela população municipal e estadual.

Gráfico 1 - Percepção ambiental dos participantes, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2022.



Fonte: o autor.

Após a análise, no que remete a categoria de análise Percepção Ambiental, constatei que as percepções do ambiente, que foram relatados, são a naturalista e a antropocêntrica (GRÁFICO 1). A prevalência é da última, com 71,4%. São essas, com seu respectivo participante: “O lugar onde moramos [...]” (ENTREVISTADO L01); “[...] a gente deve preservar e cuidar bem do nosso meio ambiente né! Porque a gente depende também do meio ambiente né!” (ENTREVISTADO L03); “[...] onde a gente mora”. (ENTREVISTADO L04); “e pra Ser bem cuidado pois nos precisamos [...]” (ENTREVISTADO L06); “[...] a natureza é tudo. [...] é dela que eu extraio a matéria prima para confecção das peças de Barro”. (ENTREVISTADO L07).

As autoras Barros e Dias (2018) afirmaram, que cada pessoa reage e responde de maneiras singulares com o meio. A partir disso, cria-se um diálogo com o que os autores Pereira e Dias (2011) relataram, que os problemas ambientais podem ter origem da percepção ambiental equivocada. Os dados sugerem que a prevalência da visão antropocêntrica esteja relacionada com o que os autores relataram.

Esta prevalência da percepção ambiental antropocêntrica é previsível e preocupante. Estamos falando de um local que respira e transpira cultura e tradição. Em pesquisas futuras, terei que continuar a trabalhar com cautela, empatia e respeito, porque dialogar sobre outras percepções de ambiente pode causar estranheza de cara, mas necessário a ser feito, cuja interferência não deve, em hipótese alguma, interferir negativamente na cultura e tradição local. Este processo é lento, realizado com parcimônia.

Quando questionei sobre a relação com o ambiente através do barro, as respostas foram positivas em relação ao cuidar do ambiente. A relação, por mais que seja antropocêntrica, é de gratidão. Os participantes compreendem que o barro faz parte do meio, que por sua vez faz parte da vida deles. Em suma: o barro faz parte do meio, o meio faz parte da vida deles, por mais que achem desastrosa. O barro é vida, é viver, sobreviver, faz parte de uma relação muito próxima que perdura a centenas de anos. A seguir, as falas dos participantes mostram muito bem isso:

[...] o barro faz parte do meio ambiente [...] (ENTREVISTADO L01).

[...] faz parte das nossas vidas né! (ENTREVISTADO L02).

A gente cava o barro, depois fecha o buraco [...] (ENTREVISTADO L03).

Minha relação com o ambiente é meia desastrosa [...] acho que não é prejudicial não ao solo não [...] faz muito tempo que o povo já faz louça [...]. (ENTREVISTADO L04).

Eu agradeço muito a natureza! [...] tudo que a gente quer encontra na natureza [...] uma das coisas que ela nos oferece é o barro. (ENTREVISTADO L05).

[...] cuidar bem do ambiente [...]. (ENTREVISTADO L06).

uma ótima relação. (ENTREVISTADO L07).

As falas dos participantes anteriormente descritas remetem também as categorias de análise Preservação Ambiental e Conservação Ambiental, pois mostra-se relação mútua e harmônica entre os envolvidos.

A conservação e preservação dos saberes tradicionais dependem da percepção de como esses são transmitidos e aprendidos. Marin (2008) afirma que a percepção depende dos cinco sentidos humanos. E nesta questão tem algo fascinante: a singularidade. Cada pessoa aprende e percebe os estímulos externos do seu jeito. Cada indivíduo é singular, ocorrendo diferentemente a percepção em cada um, sendo essa subjetiva (ANSELMO; XAVIER, 2014; GIL, 2002). A subjetividade e individualidade foram levadas em consideração (ANSELMO; XAVIER, 2014; GIL, 2002) nas análises desta dissertação.

No tocante à categoria de análise Cultura, manifestação cultural é um direito de todos. A cultura é a identidade de um povo e devemos valorizar. Fazendo isso, as próximas gerações serão respeitadas também. Todos possuem o direito e o dever de saber da história cultural do ambiente onde estão inseridos, como também de conservar suas raízes. Valorizando a cultura, valorizará também a nós mesmos.

Por outro lado, longe do prestígio dos bens elencados, se encontra um patrimônio de tradição popular de excepcional valor: a arte secular desenvolvida pelas loiceiras do município de Areia, na comunidade de Chã da Pia. Prática enraizada do saber-fazer da cultura e identidade local, que representa uma memória coletiva, um aprendizado ancestral e uma expressão cultural composta por elementos materiais e espirituais produzidos ao longo do tempo. (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014, p. 6).

O município de Areia é considerado como terra da cultura, por que Chã da Pia ainda não consta no mapa cultural deste município? Até alguns habitantes da cidade de Areia me relataram não conhecer esta comunidade e nem sabem o que fazem. Lamentável não conhecerem as artes em forma de barro que é modelado em mãos caprichosas e produzidos com amor e cuidado. Artesanato é pura poesia, tão único quanto o amor pela cultura.

O conhecimento gerado na percepção ambiental é construído através da “soma e associação das sensações na percepção”, e isso depende “da frequência, da repetição e da sucessão dos estímulos externos e de nossos hábitos”. (CHAUI, 2000, p. 152).

A citação de Chauí (2000) anteriormente visto é o *link* para analisar os saberes da tradição, se eles são ensinados e como são repassados à geração seguinte. Compreende o segundo objetivo específico desta minha dissertação e a categoria de análise Saberes da Tradição.

No final desta pesquisa, alguns frutos foram gerados. Um desses foram o aumento de relatos de pessoas que já ouviram falar da comunidade de Chã da Pia, por conta das três feiras culturais e gastronômicas realizadas dentro desta comunidade e duas participações na feira agroecológica na Universidade Estadual da Paraíba, assim como o lançamento das trilhas culturais a serem percorridos nos quintais de Chã da Pia. Uma das pessoas que, anteriormente, nunca tinha ouvido falar desta comunidade, agora soube da existência dela. Isso já foi um avanço considerável. Continuar a realizar pesquisas em Chã da Pia é sinônimo de valorizá-la e fazer ser notada como merece. Assim, quem sabe, ver esta comunidade tradicional da rota cultural caminhos do frio, aqui na Paraíba.

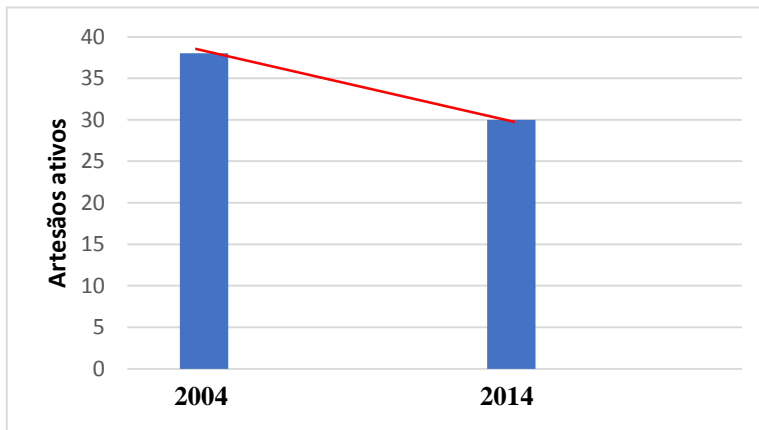
A comunidade rural Chã da Pia (ou Pia) está situada na porção noroeste do município paraibano de Areia. Estabelece limite com outros municípios, a exemplo de Remígio e Arara, e delimitada a oeste pela rodovia estadual PB-105 e ao sul pelo Rio Araçagi ou, comumente chamado, Rio da Pia (BRASIL, c2017; ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014).

Nas minhas primeiras observações e sendo um bom ouvinte em relatos informais dos moradores locais, eles praticam outras atividades, além da produção das peças de barro, a exemplo da agricultura de subsistência, gastronomia, customização de calçados e venda de roupas. As duas primeiras são as predominantes. Uma frase que resume a valorização da diversidade cultural é: “[...] a diversidade é o patrimônio maior da cultura humana [...]”. (ALMEIDA *et al.*, 2013, p. 6915).

Esta comunidade, até 2014, possuía aproximadamente 29 loiceiras e um loiceiro (30 ao todo) que produziam variadas peças de barro (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014). Comparando com a tese de doutorado realizada por Alves (2004) - 10 anos antes - que demonstrava ter 38 artesãos ativos. Nota-se um decréscimo (GRÁFICO 2) de pessoas envolvidas com a confecção desta arte milenar. Isso é preocupante, na perspectiva da tradição e do saber-fazer local. Nenhum dos autores trouxeram sugestões para este tipo de análise.



Gráfico 2 - Decréscimo dos artesãos ativos em 10 anos, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2022.



Fonte: Elaborado com base nos autores Alves (2004) e ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA (2014).

A Cultura local estava mostrando sérios sinais de estar doente, isso poderá dizimar algo fantástico, que demorou milênios para se manter: a tradição e o saber-fazer nesta localidade.

O receio de ensinar e o interesse em aprender esses saberes é algo que se deve levar em consideração. No contexto de vida destes moradores, manter a tradição não é algo simples, pois sofrem preconceito por serem artífices na fabricação de peças de barro. Outra dificuldade que foi constatado é o modo como as peças são fabricadas, desde a coleta até a comercialização, é pouco valorizado, diante de tantas tecnologias mais modernas.

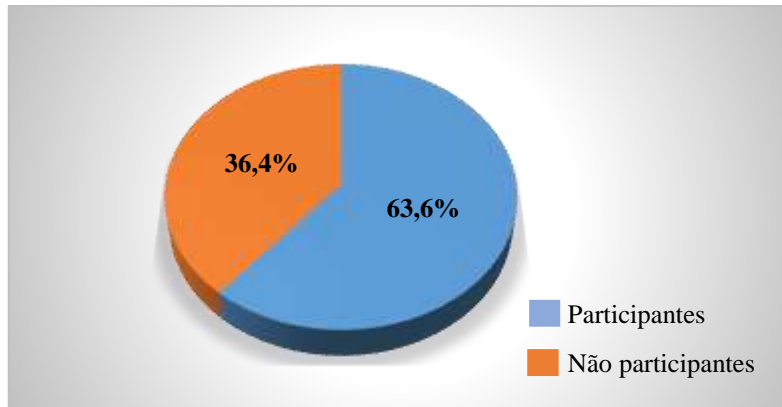
O que relatei não é convidativo para a geração mais jovem. Os que possuem mais idade não querem que seus filhos(as) e netos(as) passem por isso, e os de menos idade não querem passar pelo que os pais, avôs e avós passaram. Mesmo assim, com tantas dificuldades, a tradição permanece. A relação intergeracional e os saberes da tradição mantém o papel de guardiões do saber-fazer tradicional, ressignificando o barro, não como simples componente mineral no solo, mas o meio de sobrevivência e manutenção da vida cultural, tradicional e do povoado.

A interação de cada fiar na teia de conhecimento deve ser levada em consideração, porque faz parte de um todo. A perturbação ou a não estimulação de cada ponto, o aprendizado terá outro caminho, um pouco mais dificultoso, mas de certa forma seguirá o fluxo do conhecimento, rumo ao aprendizado. Isso na perspectiva da tradição.

A presente pesquisa, inicialmente, iria ser realizada com 11 moradores que fazem parte dos “Quintais de Chã da Pia”. Desses, um desistiu, a outra não obteve êxito no contato para conversar sobre a pesquisa. Mais para frente, outras duas não enviaram as respostas. Sendo assim, foi realizada com 7 moradores. Isso significa que, aproximadamente, 63,6% dos 11 participaram (GRÁFICO 3), dentre esses: 86% mulher e 14% homem, compreendendo as

idades entre 37 e 48 anos. Esta amostra foi escolhida intencionalmente, que de acordo com Gil (2002), isso torna a pesquisa qualitativa mais rica. A maioria dos participantes são mulheres pelo fato de que só existe um homem como artesão no universo de moradores dos quintais de Chã da Pia.

Gráfico 3 - Participantes da pesquisa dentre o universo de moradores da comunidade e os participantes do projeto “Quintais Culturais de Chã da Pia”, Areia-PB. Ano: 2022.



Fonte: o autor.

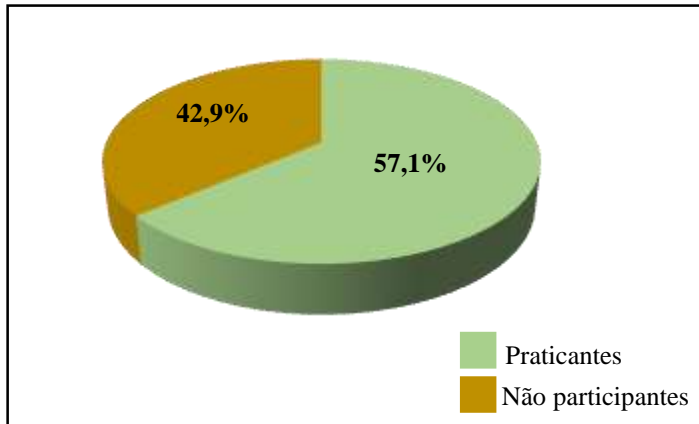
Entre observações e diálogos (*in loco*) com os moradores, observei também que pessoas mais jovens do que esta faixa etária relatada no parágrafo anterior, iniciou a caminhada de ser artesã. A exemplo da filha de uma das loiceiras. Ela tem 20 anos e estuda Medicina Veterinária na Universidade Federal da Paraíba, Campus localizado em Areia-PB. Ajuda a sua mãe a administrar o negócio familiar, chamado Dindartss. A mesma ganhou o prêmio Aldir Blanc em 2021. Artesão tão jovem e já premiada. Sobram motivos para comemorar este feito.

E durante a pesquisa, idosas de mais de 60 anos procurando saber se poderia participar do projeto. A inserção de novos jovens e idosas interessadas em conservar os saberes tradicionais é ponto positivo no tocante a manutenção da tradição local e mitigação do êxodo rural. Maridos das loiceiras teve maior interesse em acompanhar e participar lado a lado. Isso é mais um ponto positivo. O ponto negativo é ainda a pouca participação dos homens de Chã da Pia.

Nesta dissertação, todos os moradores possuem casa de alvenaria. Lamentável que ainda estejam sem água encanada. Entre eles, 57% afirmam que a renda mensal vem do bolsa família (atual Renda Brasil) e das peças de barro que produzem, esse não sabem precisar a renda, pois ela não é fixa. Dentre os 7 participantes, aproximadamente 57,1% praticam agricultura de

subsistência (GRÁFICO 4), cultivando mais milho e alguns tipos de feijão (a exemplo da fava e macassar). Esta análise me fez lembrar a categoria de análise Agricultor.

Gráfico 4 - Participantes que praticam agricultura de subsistência, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2022.



Fonte: o autor.

Uma participante relatou que a outra atividade (além de produzir peças de barro) é a comercialização de plantas ornamentais. Uma produz peças de barro, e outra produz essas com menos frequência. Segundo Córdula (2013), a sazonalidade das duas atividades já propicia uma convivência perfeita de ambas. Assim, o autor está corroborando com isso.

Em comparação com os resultados e discussão do artigo de Fernandes (*et al.*, 2016), entre as famílias entrevistadas (10 ao todo) não consta muitos aposentados e a maioria das famílias (80%) recebem auxílios do Governo Federal (Bolsa Família e Bolsa Escola). Os mesmos autores afirmam que todas as casas das famílias participantes dessa pesquisa são de alvenaria e sem água encanada, e 40% dos chefes de família são analfabetos. A maioria - 80% - praticam agricultura de subsistência e fabricam loiças de barro, sendo vendidas nas feiras livres do próprio município de Areia-PB e municípios limítrofes (FERNANDES *et al.*, 2016).

Foi visualizado, *in loco*, que alguns moradores confeccionam os dois tipos de peças, segundo Marconi e Presotto (2010), as utilitárias e decorativas de barro. As mulheres são predominantes na fabricação das loiças de barro, já os homens são predominantes na produção das peças zoomorfizadas e antropomorfizadas de barro. O descrito compreende as categorias de análise: Artesão e Artista.

Fotografia 1 - Peças zoomórficas (A e B - respectivamente 2019 e 2021) e antropomórficas (B) produzidas pelos homens da comunidade rural tradicional de Chã da Pia, Areia-PB.

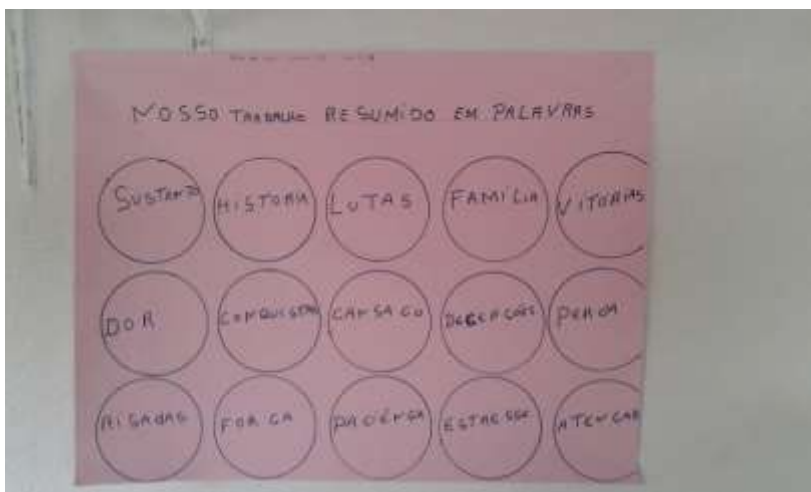


Fonte: o autor.

Os moradores da comunidade fabricam peças figurativas e utilitárias. Um detalhe observado foi que as peças zoomórficas e antropomórficas (FOTOGRAFIA 1) são fabricadas - manualmente - na maioria das vezes pelos homens da comunidade. Será que isso é hábito, rotina, costume, tradição ou todos esses juntos? Hábito é algo repetido que guia a uma prática, podemos chamar de rotina; Costume é a tradição habitual de um ato realizado frequentemente. Assim, “Se você repete um hábito, cria um costume, repetindo o costume, faz uma tradição.” (MICHAELIS, 2015; GLOBO RURAL, 2019).

As vozes em Chã da Pia (FOTOGRAFIA 2) remetem também as categorias artesão, artista e cultura. Elas devem ser levadas em consideração. A seguir consta as 15 palavras que, segundo as loiceiras(os), resumem o trabalho do artesão/artista e da cultura local:

Fotografia 2 - Cartaz produzido pelas artesãs de Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2019.



Fonte: o autor.

O termo Loiça aqui apresentado é uma variação do termo Louça que consta no dicionário on-line Michaelis (2015), que significa o “conjunto de artefatos de porcelana, barro etc., para serviço de mesa e de cozinha”. O termo louça é utilizado pelos Kariri-Xocó, um povoamento indígena (uma das atividades é a cerâmica) que vivem no Baixo São Francisco, no estado nordestino de Alagoas (ALMEIDA, 2003). Usei a palavra Loiça (e demais termos referentes e derivados) sem aspas, pelo fato de ser mais utilizado na comunidade da Pia, diferenciando-o de outras localidades (ALVES, 2004).

Os homens dessa comunidade rural possuem o conhecimento de moldar as peças de loiça no barro. As fazem em volume de quantidade menor. Com isso surgem perguntas: por que os homens da comunidade rural de Chã da Pia fabricam artesanato figurativo e não fabricam as peças utilitárias (loiças de barro)? Será este o hábito cultural e/ou tradicional? Tem algo místico ou simplesmente é machismo?

A etimologia das palavras Chã e Pia, no Dicionário online Michaelis (2015, p. 1): o primeiro é substantivo feminino, regionalismo da região Nordeste (rechã), do latim *planam*, “área de terra plana e elevada, limitada por terreno escarpado em pelo menos um dos lados: planalto, platô, rechano, rechão”; o outro é regionalismo (Bahia), rocha naturalmente de morfologia côncava, “onde se acumula água da chuva”.

Em sua tese de doutorado, Alves (2004) afirma esta mesma questão dessa condição da morfologia local, que nesta comunidade possui uma concavidade natural na superfície rochosa, chamada de tanque pelos moradores, podendo está relacionada - historicamente - com o nome dessa localidade. O mesmo descreve que o reservatório armazena água da chuva, usada para utilidade humana e animal. Os autores Fernandes (*et al.*, 2016) e Alves (2004) descrevem semelhante o termo Pia, vindo do Latim *pīlaae*, almofariz, que quer dizer “pedra cavada onde se deposita de água de chuva”.

Os moradores artesãos trabalham diretamente - e constantemente - as etapas de coleta e fabricação das peças de barro (ALVES *et al.*, 2003). A comercialização delas também poderá ser realizada pela parcela feminina, já que a queima ainda é majoritariamente função masculina (ALVES *et al.*, 2005; ALVES, 2004; ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA, 2014).

Isto estava prestes a ter um ponto final. Corria o risco de conhecermos só por museus. A comunidade continuaria a existir, mas não como é na atualidade. Por isso que a presente pesquisa veio para valorizar a cultura e tradição desta bela comunidade.

No Diário de Bordo que escrevi, vi a importância do convívio frequente para a pesquisa etnográfica. No início, os artesãos eram mais tímidos e silenciosos. Com o passar do tempo, as

observações que eu fiz eram mais eficientes, e as conversas com os moradores surgiam com mais naturalidade e fluidez. Isso foi de extrema importância na minha pesquisa, porque não estava sendo visto como estranho professor que veio junto com a professora Márcia, mais como um amigo deles. Eram feitas as observações, e a cada conversa com estes moradores (mesmo fora do momento da pesquisa), eles falavam com mais naturalidade sobre os saberes da tradição, cultura e a importância dela para a Chã da Pia.

Em algumas conversas, foi dito por eles que, se não fosse este projeto, já teriam desistido da cultura e tradição. O paradoxo paira em meus sentimentos. Isso me deixou muito feliz, pela gratidão deles para/com a equipe do projeto, mas triste por eles pensarem em abandonar algo tão belo que é a tradição local da produção dos artefatos de barro e da agricultura de subsistência.

Houve uma mudança significativa nos dizeres e atitudes deles. No início estavam desacreditados com a realidade que os afligia, sem expectativa de melhoras nisso. Hoje estão mais confiantes em si mesmos, que são importantes e fazem algo simples, porém grandioso: são guardiões de uma tradição milenar. O participante L03 demonstrou claramente a mudança positiva que esta pesquisa trouxe na conservação da cultura e tradição local:

Achava que isso não tinha valor sabe. A gente veio perceber que tinha um valorzinho [...] quando vocês começaram a andar por aqui, principalmente a professora Márcia, que ela começou a incentivar a gente... incentivou... incentivou... e a gente viu que tinha futuro. [...] a gente que viu que a gente tinha futuro. [...] Antes da professora incentivar a gente, era uma coisa sem valor [...] Era muita discriminação visse! Se soubessem que você trabalhava com barro era uma zombaria grande viu! Hoje, o pessoal que não queria nem saber de barro, hoje tão com a mão doendo do barro sabe. (ENTREVISTADO L03).

Esta discriminação relatada por L03 era mais forte com os homens. Pois dizem que não era serviço de homem mexer com barro. A queima destes artefatos de barro é considerada serviço realizado predominantemente por homens. Quanto a isso não observei e nem foi relatado discriminação. Muito pelo contrário: eram elogiados pelo trabalho bem feito. Devemos levar muito em consideração este fato, porque o *bullying* cultural poderá ser instrumento que pode minar o saber tradicional cultural de uma localidade.

Com o passar do tempo - desde 2019 estou convivendo com eles - os sorrisos tornaram-se mais frequentes, lágrimas só de gratidão, e a alegria voltou a ser sinônimo de expectativa de um futuro melhor. Isso é muito importante para a manutenção da tradição local. As participações em feiras (locais ou não) foram dando mais visibilidade à comunidade rural de Chã da Pia. A visibilidade e o orgulho de fazer parte desta tradição e cultura é primordial para

mitigar o êxodo rural e conservação da tradição. São instrumentos essenciais e imprescindíveis. A mitigação deve ser monitorada.

O êxodo rural nos países subdesenvolvidos se dá pelo ritmo menor da criação de novos empregos em relação ao crescimento demográfico (VESENTINI, 2005). De acordo com o último censo realizado pelo IBGE, em 2010, nos mostrou que 927.858 pessoas residiam na zona rural paraibana (12º lugar a nível Brasil), contrastando com os incríveis 2.838.678 de pessoas na zona urbana (14º lugar a nível Brasil), com a média de 3,47 moradores por domicílio particular (ocupando o 14º dentre os estados brasileiros). Lembrando que estes dados não levam em conta a proporção, porque são dados absolutos. Estes números são em relação aos 1.304.397 domicílios recenseados em 2010 na Paraíba.

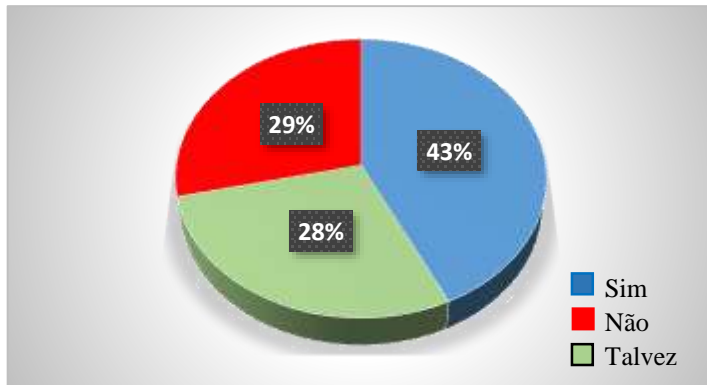
Muitos dos moradores da comunidade da Pia são alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos) da escola na comunidade. De acordo com a Lei nº 9.394, em seu artigo 37 da LDB - Lei de Diretrizes e Bases - descreve que o EJA é uma das modalidades de ensino que “[...] será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 1996, p. 18).

Entre os moradores participantes desta dissertação, o nível escolar varia entre o fundamental incompleto e o médio completo. Na perspectiva da comunidade de Chã da Pia, os saberes da tradição estão intimamente ligados de várias maneiras com a educação, uma dessas é a Educação Ambiental não formal. Isso não foi mencionado em nenhum dos autores no referencial que utilizei, nem foi encontrado material referente.

O que foi escrito no parágrafo anterior dialoga perfeitamente com o que a Lei nº 9.795/1999, em seu artigo 1º (conceito de Educação Ambiental - EA), e no artigo 13 (conceito de Educação Ambiental não formal) (BRASIL, 1999). Ambos descritos no subtópico 1.3 do capítulo 1 desta dissertação.

Segundo Leff (2009, p. 18), “O saber ambiental integra o conhecimento racional e o conhecimento sensível, os saberes e os sabores da vida”. Levando para o contexto da comunidade rural de Chã da Pia, a educação também caminha de mãos dadas com a tradição, pelo fato de estar em consonância com o artigo 3º da LDB, que discorre sobre 14 princípios do ensino, e desses, o inciso X destaca a “[...] valorização da experiência extraescolar [...]”, e o inciso XI que ressalta a “[...] vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”. (BRASIL, 1996, p. 1), ou seja, uma relação socioambiental.

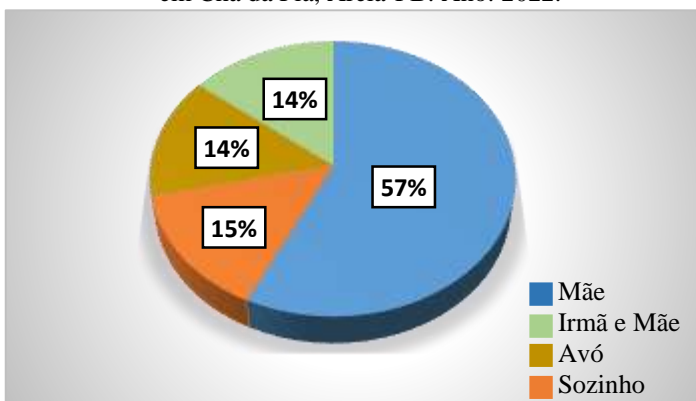
Gráfico 5 - Participantes que responderam se ensinariam os saberes tradicionais a outras pessoas, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2022.



Fonte: o autor.

Questionei os participantes em relação aos saberes repassados a eles. Dos 7 participantes, 29% não pretendem ensinar os saberes tradicionais a outras pessoas, e dos outros 71%, os 28% talvez ensinariam (GRÁFICO 5). Um dos que disse “não” só ensinaria se fosse em um local que as pessoas não conhecessem este saber tradicional. O entrevistado L03 disse: “Talvez se fosse num outro canto que o pessoal não conhecesse, talvez tivesse não sabe. [...] aqui todo mundo conhece esse negócio de barro [...]”. Isso demonstra que a tradição ganha fôlego para formar uma base cada vez mais sólida para a sua continuidade.

Gráfico 6 - Familiares que ensinaram os saberes aos participantes, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2022.



Fonte: o autor.

Esses ensinamentos do saber tradicional incluem, por mais que eles não saibam de forma consciente, a EA e a EA não formal. Ou seja, o saber tradicional local é ensinado de geração a geração, pela tradição, e uma educação oral e não formal. Dos 7 participantes (GRÁFICO 6), 57% afirmaram que aprendeu com a mãe, 14% aprendeu com a irmã e a mãe, 14% com a avó, e outro aprendeu sozinho. Este último foi uma surpresa. Não esperava que o conhecimento



tradicional pudesse ser aprendido dessa forma. Mas sugere-se que este participante seja autodidata, ou que ele tenha observado pessoas próximas e praticado sozinho em outro momento e local. Mesmo assim, não deixou de ser uma surpresa positiva.

O gráfico ainda mostra que 100% dos participantes aprenderam com mulheres. Isso demonstra a importância da mulher na conservação da tradição e cultura local. Sem elas, Chã da Pia continuaria a existir, mas não como conheço hoje.

A percepção e aprendizagem dos saberes da tradição, os sentidos mais utilizados pelos participantes desta pesquisa são: visão, tato e audição. Juntamente com eles, a oralidade e a prática são imprescindíveis na conservação e preservação do saber tradicional local. As falas abaixo são bem claras quanto ao uso dos sentidos nestes saberes locais, além da mudança sutil de um participante para outro quanto ao modo do saber-tradicional:

[...] quando eu nasci já via a minha mãe, minha vó fazendo, e as pessoas de idade. [...] aí ela pegava no couro e dizia 'é assim' [...]. Ela mesma pegava a pá e consertava para a gente ver. [...] A gente quando cava que que que pega aquele pedaço de barro, a gente olha se tem muita pedra, se não tiver muita pedra a gente coloca dentro de uma bolsa e traz [...]. (ENTREVISTADO L01).

A pessoa escolhe o barro que seja mai... menos pedra, aquele barro bem macio, bem ligenta... quando pegar você já sabe se é bom ou se é ruim. (ENTREVISTADO L02).

[...] for um barro puro a pessoa vê de olho nu mesmo... não precisa de lupa não precisa de nada. [...] Só olhando fazer. Nada de explicação, só olhar. (ENTREVISTADO L04).

Eu mesmo escolho um barro que não tenha muita pedra, que não seja muito... nem muito liso nem muito áspero, porque tem que ser a mistura dos dois, pegar o barro liso com o barro áspero e misturar. Aí é que dar a mistura homogênea e fica a peça boa, resistente. (ENTREVISTADO L05).

Os saberes da tradição estão ligados à percepção subjetiva de cada pessoa. Isso engloba as categorias de análise Saberes da Tradição e Saber da Tradição e Cultura. São ensinados de forma oral e prática, utilizando 3 dos 5 sentidos humanos: visão, audição e tato. Diferente da afirmação de Marin (2008), cuja percepção é utilizada através dos 5 sentidos humanos para reconhecer o objeto e responder a estímulos. Estes ensinamentos são repassados de geração a geração. As falas dos participantes constataam isso. Em conversa com outro participante, foi relatado que o entrevistado L04 também aprendeu a fazer peças de barro com a mãe. As falas são as seguintes:

[...] assim, a mãe da gente ia fazendo e a gente ficava também ao redor sentada no chão com a tábua na mão, e assim, quando a gente fazia um pratinho que ficava

desigual, aí a mãe também já tava fazendo, aí ela pegava e acertava... [Risos] [...] E só ela fazendo e ensinando ao mesmo tempo (ENTREVISTADO L01).

Quando a gente era criança, que tá ao redor da mãe, a mãe tá fazendo, a gente começa a se lambuzar com o de barro, pegar no barro sabe... aí vai inventando... vai inventando uma pecinha sabe... aí depois quando a pessoa vai ficando maiorzinha, a mãe da pessoa vai ensinando... a pessoa deixa toda aleijada, aí deixa no cantinho aí a mãe deixa bonita... apruma a peça (ENTREVISTADO L02).

[...] eu aprendi por mim mesmo, por mim mesmo que eu digo assim... eu comecei a pensar assim, eu pensei assim... olhando pro barro assim: ‘eu vou ver se eu sei fazer essa peça’. Aí, comecei tipo uma brincadeira sabe... aí fui fazendo (ENTREVISTADO L03).

Fugalero aprendi a fazer com uma das minhas irmã. Porque... acho que eu tinha mais ou menos uns 12 pra 13 anos. Aí ela começou a me incentivar... me incentivano pra a gente ver se aumentava mais o trabalho (ENTREVISTADO L04).

Aprendi com a minha vó [...] Era ela fazendo as panelas, eu pegando barro escondido dela e tentando, consegui moldar um pratinho. (ENTREVISTADO L05).

aprendi com minha mãe que tem 74 minha mãe aprendeu com minha vó de geração em geração. (ENTREVISTADO L06).

aprendi com a minha mãe. Ela me ensinou desde cedo com apenas 9 anos de idade (ENTREVISTADO L07).

A percepção ocorre de maneira diferente em cada ser humano, sendo ela subjetiva (ANSELMO; XAVIER, 2014; GIL, 2002). Isso se vê claramente nas falas dos participantes, no tocante a ao questionamento sobre o conceito de ambiente. A percepção de meio é o momento de consciência do ser humano em relação ao ambiente (BARROS; DIAS, 2018). Essa está correlacionada com a cultura, experiência de vida e o espaço físico onde cada pessoa está inserida (LERMEN, 2008). Portanto, a percepção dos moradores sobre o ambiente é mutável.

No que se refere a Percepção Ambiental (PA), foi perguntado sobre o conceito de ambiente (natureza) e a relação deles com o meio através da utilização do barro. Na primeira, os termos mais falados foram: “lugar onde moramos” e “árvore”, com três menções cada um deles. Porém, nenhum incluiu a si próprio no meio. Os termos que mais se aproximam de uma provável inclusão dos entrevistados no ambiente são: “seres vivos”, “universo” e “tudo”. Os três são termos bem genéricos. Relembro que o homem faz parte do ambiente, e o ambiente faz parte do homem, sem antropocentrismo, sem egoísmo.

Sugere-se que a divisão de tarefas na produção das loiças de barro (FOTOGRAFIA 3) é forte, e ainda permanecerá por um tempo considerável. Dentre os participantes desta pesquisa, não há divisão de papéis, entre homens e mulheres, na agricultura. No tocante a questão de gênero, não existe função segregada. Já na produção de peças de barro é diferente. É evidente a divisão de tarefas na produção destes artefatos. As mulheres participam de todas as etapas,

exceto a queima da peça de barro, cujo papel é predominante dos homens. Isso corrobora com a Associação dos Amigos de Areia (2014).

Fotografia 3 - Peças utilitárias produzidas por uma loiceira da comunidade rural tradicional de Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2021.



Fonte: o autor.

Ainda foi visualizado que, na divisão de tarefas, as mulheres nativas buscam e preparam o barro de loiça e buscam a lenha para servir de combustível para a queima das peças de barro. Os homens também buscam a lenha e o barro. Não foi visualizado e nem relatado que mulheres fizessem parte da construção dos fornos de barro. Sendo assim, sugere-se que isso seja papel exclusivamente masculino.

Não significa que as mulheres não participem e pratiquem a queima das peças, nem que os homens não modelem o barro de loiça ou que vendam elas, porque visualizei “*in loco*” algumas mulheres na etapa da queima das peças de barro, assim como relato de poucos homens que modelam o barro e o comercializam. O participante L05 afirmou que “[...] só não faço queimar, mas estou presente. Carregar as peças para o forno, arrumar no forno [...]”. L05 ainda afirmou que gostaria de aprender a queimar as peças.

Os entrevistados L05 e L06 ressaltaram que participam de todas das etapas da produção das peças de barro, mas disseram que não fazem a queima. L06, na questão 8 do questionário semiestruturado, marcou “sim” quando indagada se cavava o barro de loiça, mas descreveu que, que “quem retira o barro e pai ele tem mais experiência qual melhor tipo de barro para trabalha”.

Em suma, constata-se a questão de gênero nas etapas de produção destas peças de barro. Referente à questão histórica da origem, “não há provas de que tenha sido atividade masculina ou feminina” (MARCONI; PRESOTTO, 2010), mas de uma tradição.

Quanto ao processo de cavar o barro de loiça, o participante L03 disse que não cava. E durante o relato dele, tive outra surpresa positiva. Relatou que não é a força que conta nesta etapa, mais sim o jeito. O Entrevistado L03 disse que “Não é força... eu pensava que era força, mai não é força, é prática. [...] admiro muito a minha sogra cavando viu”. Esta fala mostra que a prática de cavar também é ensinada.

As trilhas culturais foram construídas e desenhada em forma de croqui, que está contido no Produto Acadêmico. Ele foi impresso em banner (FOTOGRAFIA 4) e ficará exposto na Casa da Cultura, em Chã da Pia.

Fotografia 4 - Banner exposto na Casa da Cultura, em Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2021.



Fonte: Kiara Dias.

Valorizar as artes e o artesanato que essas guerreiras(os) produzem é um ato de respeito não só a todos os(as) ceramistas e artesãos, mais da tradição regional nordestina, quiçá do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, sempre agi com ética e respeito, não só com os moradores da comunidade rural tradicional de Chã da Pia, mais também com a cultura e tradição local. O trabalho artesanal tradicional dos moradores é realizado com muito esforço e suor. A ameaça da existência desta atividade tradicional me motivou a realizar esta pesquisa, com estes nativos de descendência indígena e quilombola.

O motivo basal que fez esta pesquisa ser viável refere-se a característica receptiva e acolhedora dos moradores. Sendo assim, por mais elaborado fosse este estudo, ela não seria possível a sua execução se eles fossem de outra forma.

A justificativa para esta pesquisa ser realizada foi para a mesma servir de instrumento de valorização da cultura milenar local e dos moradores da comunidade. Ela possui importância tanto para a Ciência quanto para a comunidade rural tradicional de Chã da Pia (ou Pia) e a cultura paraibana, quiçá do Nordeste. Mesmo o município paraibano de Areia ser conhecido como a terra da cultura, porque Chã da Pia não está inclusa? Não consta, até então, algo concreto ou prática que a fizesse ser reconhecida como um importante berço cultural.

O objetivo geral da dissertação foi de pesquisar, em uma perspectiva socioambiental, os saberes da tradição dos moradores de Chã da Pia/Areia/PB, analisando a sua percepção ambiental na produção da louça e utensílios fabricados manualmente com barro e durante a prática da cultura de subsistência desenvolvidas pelos moradores da localidade.

O saber tradicional dos moradores da Pia me remete a uma relação homem-ambiente com respeito mútuo e gratidão pelo que o meio disponibiliza, mesmo sendo a percepção ambiental antropocêntrica a predominante. Este saber é transmitido oralmente e experimentalmente, de geração a geração, pela tradição e através das mães, avós, irmãs mais velhas: mulheres de fibra, firmes em resguardar e repassar o conhecimento transgeracional de perdura por centenas de anos.

Os moradores desta comunidade não só produzem peças de barro, é por elas que constroem e reconstroem a história da tradição e cultura local, em um processo da educação oral através da Educação Ambiental não formal. É Chã da Pia caminhando para frente, com a sua história sempre ao seu lado. São estes os saberes da tradição que são construídos intergeracionalmente na memória de cada um deles.

A elaboração das trilhas ecológicas foi cumprida, resultando no Produto Acadêmico intitulado: “Quintais de Chã da Pia: Amor, Cultura e Tradição”. Nele, encontra-se o Croqui

com a localização dos Quintais, sendo esse construído em parceria com a minha orientadora e com uma moradora nativa. Neste produto engloba também as histórias de cada loiceira e seu respectivo Quintal.

O modo como é repassado esses saberes também são educativos, através da Educação Ambiental não formal, pela oralidade. As mulheres são as responsáveis por esse processo ser viável. Além disso, elas participam de quase todas as etapas da fabricação das peças de barro, exceto a queima, pelo fato de que isso é serviço predominantemente masculino.

No tocante a estas etapas, mostra-se uma questão de gênero muito forte e evidente. O interesse das mulheres em aprender do processo da queima vem crescendo, tanto que uma das participantes desta pesquisa me relatou que tem vontade de aprender. Foi visualizado na comunidade uma mulher realizando tal tarefa.

A procura dos moradores locais para realizarem a fabricação dos artefatos de barro vem crescendo timidamente, porém constante, tanto mais jovens (20 anos) como mais idosos (60 anos). Gerações diferentes, mas de interesse em comum: fazer parte da própria história, e manter a tradição e cultura local vivas. Não é surpresa que a maioria desses fazem parte do público feminino da comunidade. Não foi evidenciado a procura do público masculino, o que me preocupa.

A surpresa veio do único participante homem. Ele disse que cavar o barro de loiça para fabricar artefatos de barro não é questão de força, mais sim jeito. Ele ainda relatou que admira a sogra e a esposa cavando, e quando usava a força, os torrões de barro de fragmentava muito, e isso não ocorria com as mulheres desta comunidade.

Os moradores da Pia, mesmo morando em casas de alvenaria, ainda não possuem água encanada. Fica aqui o meu pedido ao poder público: um plano que possibilite a Chã da Pia viver com mais dignidade a um direito básico. Mesmo assim, com todas as dificuldades, fazem artesanato e arte, além de praticarem agricultura de subsistência. Neste aspecto, não foi visualizado divisão de tarefas na agricultura, no que se refere ao gênero. Os cultivares mais comuns são o milho e alguns tipos de feijão. A água que eles utilizam vem de cisternas, tanques naturais formados naturalmente em rochas, e barreiros, que possibilitam acúmulo de água da chuva.

O que é importante para a comunidade é a mitigação da vontade de abandonar a tradição local e seguir outros rumos. Esta pesquisa é um instrumento para mitigar o êxodo rural, com incentivos ao turismo rural, aquecendo a oferta de geração de emprego e renda locais.

O ponto positivo que venho apontar aqui é a vontade de, aproximadamente 71,4% dos participantes, repassar os conhecimentos tradicionais a outras pessoas da comunidade e até de fora dela, inclusive a familiares. Assim, vai levar a manutenção cultural da tradição. A cultura é fluida e mutável, se ressignifica a cada nova geração.

As peças produzidas nesta comunidade são singulares, mesmo que aparentemente se pareçam. Isso porque envolvem emoções, momentos de inspiração e criatividade. Os artefatos de barro são comercializados em feiras locais e em municípios limítrofes, além de encomenda de todos os lugares de todo o país e mundo, a exemplo da Alemanha. Motivo de orgulho para os artesãos nativos.

Os artesãos de Chã da Pia produzem conhecimento, com seus valores sociais na educação e na dimensão humanista. Isso tudo em meio ao Bioma Caatinga, rodeada por Brejo. São os artistas do povo paraibano.

Através das narrativas dos participantes desta pesquisa, me permitiu enxergar que os saberes desta comunidade são ancestrais, lidando com a memória de cada um e de todos os moradores nativos, ou seja, é coletiva e familiar.

O momento pandêmico reduziu consideravelmente com o avanço da vacinação. O que me deixou mais tranquilo para realizar, de maneira híbrida, esta pesquisa. Mas durante as etapas desta dissertação, Deus me deu forças para superar todas as dificuldades que me afligiu.

A pesquisa que realizei não é aleatória, a erno. É para e pelos integrantes desta comunidade rural tradicional se sentirem respeitados e valorizados como seres humanos íntegros que são.

## REFERÊNCIAS

- ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 13133**: Execução e levantamento topográfico. Rio de Janeiro, 1994.
- ALEXANDRE, Agripa Faria. Etnoconservação como política de meio ambiente no Brasil: desafios políticos de resistência e integração ao mundo globalizado. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 55-64, jul./set. 2002. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/sistemas/administracao/tmp/416357777.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2021.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de. As ceramistas indígenas do São Francisco. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 255-270, set./dez. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300015>. Acesso em: 26 dez. 2020.
- ALMEIDA, Maria da Conceição. Cultura, reforma de la educación y auto-formación docente. **Revista Paradigma**, Ribeirão Preto, v. 39, n. Extra 2, p. 25-37, Dic. 2018. Disponível em: <http://revistaparadigma.online/ojs/index.php/paradigma/issue/view/65>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de; DANTAS, Eugenia Maria. Edgar Morin, educação e complexidade: para além do pragmático, o paradigmático. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, v. 21, n. 1, p. 3-26, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/10742/7364>. Acesso em: 4 jan. 2021.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de *et al.* Saberes da tradição e diversidade cultural: cartografias de uma ética para um ensino educativo. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO - SIRSE, 2.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE - SIPD/CÁTEDRA UNESCO, 4.; CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 11., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 23-26 set. 2013. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/10616\\_6206.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/10616_6206.pdf). Acesso em: 5 jan. 2021.
- ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves. **Do “barro de loiça” à “loiça de barro”**: caracterização etnopedológica de um artesanato camponês no Agreste Paraibano. 2004. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.
- ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves *et al.* Caracterização etnopedológica de planossolos utilizados em cerâmica artesanal no agreste paraibano. Seção V - Gênese, morfologia e classificação do solo. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, Viçosa, v. 29, n. 3, p. 379-388, maio/jun. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-06832005000300008>. Acesso em: 28 dez. 2020.
- ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves *et al.* Sodium-affected alfisols of the agreste region, state of Paraíba, Brazil, as known by potter-farmers and agronomists. **Scientia Agricola**, Piracicaba, v. 64, n. 5, p. 495-505, Sept./Oct. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-90162007000500007>. Acesso em: 22 jan. 2021.



ALVES, Rômulo Romeu Nóbrega; GONÇALVES, Maria Betânia Ribeiro; VIEIRA, Washington Luiz Silva. Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro. **Tropical Conservation Science**, v. 5, n. 3, p. 394-416, sept. 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/toc/trca/5/3>. Acesso em: 28 jun. 2021.

AMATO, Claudio Patrick; NEVES, Irlei Soares das. **Livro das moedas do Brasil: 1643 até 2015**. São Paulo: Claudio Amato Numismata, 2015. 448 p.

ANJOS, Rafael Maas dos; UBALDO, Antonio Augusto Baggio e. O desporto como elemento indutor da sustentabilidade na sociedade em risco. *In*: SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes; ARMADA, Charles Alexandre (orgs.). **Sustentabilidade, meio ambiente e sociedade: reflexões e perspectivas**. Umuarama: Universidade Paranaense – UNOPAR, 2015. E-book. p. 278-303. Disponível em: [https://pos.unipar.br/files/publicacao\\_academica/9d5a3a3d7ba6979f415c36893428525d.pdf](https://pos.unipar.br/files/publicacao_academica/9d5a3a3d7ba6979f415c36893428525d.pdf). Acesso em: 18 ago. 2021.

ANSELMO, Alexandre Flavio; XAVIER, Danilo Anselmo. A Percepção Ambiental através dos mapas mentais aplicados aos estudantes do ensino fundamental (EJA), Patos-PB. *In*: ABÍLIO, Francisco José Pegado; FLORENTINO, Hugo da Silva (orgs.). **Educação Ambiental: Da Pedagogia Dialógica a Sustentabilidade no Semiárido**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2014. cap. 21, p. 452-462.

AREIA: Prefeitura Municipal. **História: Sobre Areia**. [20--]. Disponível em: <https://areia.pb.gov.br/historia/>. Acesso em: 27 jan. 2021.

AREIA (PB). **Lei nº 863/2014**. Dispõe sobre o Sistema Municipal de Cultura de Areia, seus princípios, objetivos, estrutura, organização, gestão, inter-relações entre os seus componentes, recursos humanos, financiamento e dá outras providências. Areia, PB. 2014.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE AREIA - AMAR. **O saber e fazer das loiceiras de Chã da Pia**. 1. ed. João Pessoa, 2014.

AUGUSTYN, Adam *et al.* **Benjamin Seebohm Rowntree**: British sociologist. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/B-Seebohm-Rowntree>. Acesso em: 19 abr. 2021.

AVELAR, Idelber. Sobre o conceito de cultura. **Revista Fórum**. 99. ed. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/sobre-o-conceito-de-cultura/>. Acesso em: 8 set. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422>. Acesso em: 29 set. 2020.

BARROS, Laís da Silva. **Percepção ambiental de um grupo de mulheres loiceiras da comunidade Chã da Pia/Areia – PB**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

BARROS, Laís da Silva; DIAS, Márcia Adelino. Percepção Ambiental: um olhar peculiar das lojeiras de Chã da Pia - Areia-PB. **Mnemosine Revista**, Campina Grande, v. 9, n. 2, p. 102-114, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://mnemosinerevista.com/index.php/revista/issue/view/28>. Acesso em: 24 jun. 2021.

BEZERRA, Tatiana Marcela de Oliveira; FELICIANO, Ana Lícia Patriota; ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves. Percepção ambiental de alunos e professores do entorno da Estação Ecológica de Caetés – Região Metropolitana do Recife-PE. **Biotemas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 147-160, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7925.2008v21n1p147>. Acesso em: 13 maio 2021.

BIJORA, Helito. **Como usar o Canva para editar imagens pelo celular**. 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/05/como-usar-o-canva-para-editar-imagens-pelo-celular.ghtml>. Acesso em: 26 mar. 2022.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos, Telmo Mourinho Baptista. Porto, Portugal: Porto editora, 1994.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Organizado pelo Senado Federal. Brasília. 2016a. 119 p.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF: Presidência da República, [2007]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm). Acesso em: 26 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. **IBGE / Paraíba / Areia**. c2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/areia/panorama>. Acesso em: 26 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. **IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: História - Areia (PB)**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1441/>. Acesso em: 23 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 6.968, de 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1981]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6938.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm). Acesso em: 19 nov. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Esclarece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 28 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1999]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm). Acesso em: 31 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017.** Institui a Lei de Migração. Brasília, DF: Presidência da República, [2017]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm). Acesso em: 4 maio 2021.

\_\_\_\_\_. **Portal Ypadê.** Extrativistas. 2016b. Disponível em: <http://portalypade.mma.gov.br/extrativistas>. Acesso em: 5 fev. 2021.

CAMPOS, Darnley Dias; DIAS, Márcia Adelino da Silva. **Quintais de Chã da Pia: Amor, Cultura e Tradição.** 2022.

CAPRA, Fritjof. Falando a linguagem da natureza: Princípios da sustentabilidade. *In:* STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia (orgs.). **Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável.** Tradução: Carmem Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Agostinho de. Agricultura Familiar, Nutrição e Segurança Alimentar nos Países em Desenvolvimento. *In:* LIMA, Sônia Centeno *et al.* (orgs.). **Segurança Alimentar e Nutricional na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: Desafios e Perspectivas.** Rio de Janeiro, 2013. p. 33-46.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Repensando nosso olhar sobre as relações entre sociedade e natureza. *In:* CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez, 2017. E-book. cap. 1, p. 37-46. Disponível em: <https://amz.onl/fmdDVa3>. Acesso em: 12 maio 2022.

CASTILHO, Maria Augusta *et al.* Artesanato e saberes no contexto do desenvolvimento local. **Interações**, Campo Grande, v. 18, n. 3, p. 191-202, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.interacoes.ucdb.br/interacoes/issue/view/107>. Acesso em: 29 set. 2020.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2000.

COELHO, Beatriz. **Portfólio Acadêmico: o que é, como fazer e qual sua importância.** 2020. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/portfolio-academico/>. Acesso em: 7 jul. 2021.

COELHO, Douglas Cristian; FABRINI, João Edmilson. Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio. **Revista NERA - Núcleo de Estudos pesquisas e projetos de Reforma Agrária**, Presidente Prudente, ano 17, n. 25, p. 71-87, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/2812/2739>. Acesso em: 18 abr. 2021.

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. Percepção e formação do sujeito ambiental: mudanças no paradigma atual. **Gaia Scientia**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 150-155, jan. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/20812/11485>. Acesso em: 13 maio 2021.

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena; NASCIMENTO, Glória Cristina Cornélio do; LUCENA, Reinaldo Paiva Farias de. Comunidade, meio ambiente e etnociência: saberes locais na conservação dos recursos naturais. **Revista Brasileira de Educação Ambiental – RevBEA**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 85-103, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2551/1586>. Acesso em: 11 fev. 2021.

CÓRDULA, Raul. Afinal, o que é artesanato? **Segunda Pessoa**, João Pessoa, ano 3, n. 1, p. 9-14, 2013.

CORREIA, Augusto Manuel. A Agricultura Familiar versus a Agricultura de Subsistência no Âmbito da Segurança Alimentar no Espaço dos Países da CPLP. *In*: LIMA, Sónia Centeno *et al.* (orgs.). **Segurança Alimentar e Nutricional na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: Desafios e Perspectivas**. Rio de Janeiro, 2013. p. 119-133.

COSTA, Alfredo Bruto da. Conceito de pobreza. **Estudos de Economia**, Lisboa, v. 4, n. 3, p. 275-295, abr./jun. 1984. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/9738/1/ee-abc-1984.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução: Magda França Lopes. 3. ed. Porto Alegre: artmed, 2010. 296 p.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, Professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 171 p.

DIAS, Márcia Adelino da Silva. **Dificuldades na aprendizagem dos conteúdos de Biologia: evidências a partir das Provas de Múltipla Escolha do Vestibular da UFRN (2001-2008)**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa. **Michaelis**. Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultura/>. Acesso em: 9 set. 2020.

DICKMANN, Ivo; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. **Educação Ambiental Freiriana**. Chapecó: Livrologia, 2021. (Coleção Paulo Freire; 05).

EGLER, Cláudio Antônio G.; MOREIRA, Emília de Rodat F. Ocupação territorial. *In*: GOVERNO do Estado da Paraíba. **Atlas Geográfico do Estado da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 1985. p. 16-19.

FERNANDES, Fernanda Liégina da Silva *et al.* **Água e saúde em comunidades da zona rural do semiárido nordestino: o caso de Chã da Pia**. 2016. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conidis/2016/TRABALHO\\_EV064\\_MD1\\_SA5\\_ID367\\_24102016125135.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conidis/2016/TRABALHO_EV064_MD1_SA5_ID367_24102016125135.pdf). Acesso em: 21 dez. 2020.

FITZ, Paulo Roberto. **Cartografia básica**. São Paulo: Oficina de Texto, 2008. 143 p.  
FREITE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. 23. reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONSECA, Wéverson Lima *et al.* Causas e consequências do êxodo rural no Nordeste Brasileiro. **NUCLEUS**, Ituverava, v. 12, n. 1, p. 233-240, abr. 2015. Disponível em: <https://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/1422/1774>. Acesso em: 2 maio 2021.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 26-34, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652004000300004>. Acesso em: 25 ago. 2022.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Claude Lévi-Strauss**. 2019. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/claude\\_levi\\_strauss/](https://www.ebiografia.com/claude_levi_strauss/). Acesso em: 21 jun. 2021.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **QUE FAZER: Teoria e Prática em Educação Popular**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO. **Areia, berço de José Américo**. [20--]. Disponível em: <https://fcja.pb.gov.br/cidade-de-areia-pb>. Acesso em: 27 jan. 2021.

GERALDINO, Carlos Francisco Gerencsez. Uma definição de meio ambiente. **GEOUSP: Espaço e Tempo** (online), São Paulo, v. 18, n. 2, p. 403-415, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/84540>. Acesso em: 6 out. 2020.

GERMANO, Marcelo Gomes. **Uma nova ciência para um novo senso comum**. Campina Grande: eduepb, 2011. 400 p. (Coleção Substractum). Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788578791209>. Acesso em: 8 abr. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GLOBO RURAL. Conheça a tradicional produção de torresmos no sul de Minas Gerais. 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8184700/>. Acesso em: 4 maio 2021.

GODOY, Elenilton Vieira; SANTOS, Vinício de Macedo. Um olhar sobre a cultura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 15-41, jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v30n3/v30n3a02.pdf>. Acesso em: 9 set. 2020.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia, Estudos Culturais e Educação: desafios da modernidade. **Pró-posições**, v. 19, n. 3 (57), p. 47-82, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v19n3/v19n3a04.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2021.

HAI DUKE, Ivonete. Educar para a sustentabilidade: alfabetização ecológica. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO – SIRSSSE, 2.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFSSIONALIZAÇÃO DOCENTE – SIPD/CÁTEDRA UNESCO, 4.; CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 11., 2013, Curitiba, 23-26 set. 2013. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8597\\_7203.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8597_7203.pdf). Acesso em: 18 ago. 2021.

HANDEM, Priscila de Castro *et al.* Metodologia: interpretando autores. *In: FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de (Org.). Método e metodologia na pesquisa científica.* 3. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2009. cap. 6, p. 91-118.

HOEFFEL, João Luiz; SORRENTINO, Marcos; MACHADO, Micheli Kowalczuk. **Concepções sobre a natureza e sustentabilidade:** Um estudo sobre percepção ambiental na bacia hidrográfica do Rio Atibainha – Nazaré Paulista/SP. 2004. Disponível em: [http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro2/GT/GT10/luis\\_hoffel.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT10/luis_hoffel.pdf). Acesso em: 6 out. 2020.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. Extrativismo vegetal ou plantio: qual a opção para a Amazônia? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 74, p. 167-186, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v26n74/a12v26n74.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2021.

IAQUINTO, Beatriz Oliveira. A sustentabilidade e suas dimensões. **Revista da ESMESC**, Florianópolis, v. 25, n. 31, p. 157-178, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/revistadaesmesc.v25i31.p157>. Acesso em: 18 ago. 2021.

INFED.ORG. **Charles Booth – mapping the impact of poverty and acting to improve things.** 2020. Disponível em: <https://infed.org/mobi/charles-booth-and-jacobs-island/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189-205, mar. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/kJbkFbyJtmCrfTmfHxktgnt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2021.

JACOBI, Pedro. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/jun. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/ZV6sVmKTydvnKVNrqshspWH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. Meio Ambiente e Sustentabilidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba. 1999. Disponível em: <http://michelonengenharia.com.br/downloads/Sutentabilidade.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

JESUS, Edilza Laray de; JESUS, Cláudio Portilho de. Percepção ambiental e sustentabilidade nos espaços de produção dos agricultores familiares do baixo Amazonas. **OLAM - Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 703-715, abr. 2004. Disponível em: [www.olam.com.br](http://www.olam.com.br). Acesso em: 14 maio 2021.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos modernos:** Ensaio de Antropologia Simétrica. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34. 152 p. (Coleção TRANS).

LEFF, Enrique. **Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes.** Tradução: Tiago Daniel de Mello Cargnin. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9515/6720>. Acesso em: 28 jun. 2019.

LERMEN, Helena Salgueiro. **Percepção ambiental dos moradores da Vila Parque Santa Anita – Porto Alegre**. 2008. Especialização (Especialização em Saúde Pública) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini. 3. ed. Campinas: Papirus, 1989. 320 p.

LIMA, Mariana Araguaia de Castro Sá. **Preservação e Conservação Ambiental**. c2020. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/preservacao-ambiental.htm>. Acesso em: 11 nov. 2020.

LIMA, Norma Maria de. Arte, Cultura e Meio Ambiente. *In*: ABÍLIO, Francisco José Pegado (org.). **Educação Ambiental para o semiárido**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. Cap. 6.

LIRA, Leandro de Lima. **História da Paraíba**. c2021. Disponível em: [https://www.pm.pb.gov.br/arquivos/Historia\\_da\\_Paraiba.pdf](https://www.pm.pb.gov.br/arquivos/Historia_da_Paraiba.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. **História da Paraíba: Primórdios da História da Paraíba**. 2018. Disponível em: <https://www.algosobre.com.br/historia/historia-da-paraiba-primordios-da-historia-da-paraiba.html>. Acesso em: 26 jan. 2021.

LUCENA, Mycarla Míria Araujo de. **Percepção ambiental por uma comunidade rural do entorno de uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), semiárido brasileiro**. 2010. Dissertação (Mestrado no Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

LUIZ, Mariana Lombardi; LEITE, Raquel Lujan Hissa. A construção da antropologia na superação da modernidade. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 7, n. 2, p. 219-228, jul./dez., 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/11662/8271>. Acesso em: 18 ago. 2022.

MACHADO, Juliana Porto. O conceito de artesanato: uma produção manual. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 52-72, set/dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Missoes/article/view/1035/215>. Acesso em: 29 set. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia: Uma Introdução**. 7. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

MARIN, Andreia Aparecida. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 203-222, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pea/article/view/30047>. Acesso em: 15 maio 2021.

MAROTI, Paulo Sérgio; SANTOS, José Eduardo dos. Percepção ambiental de antigos trabalhadores da Fazenda Jatahy (região de Ribeirão Preto - atual Estação Ecológica de Jataí): mudanças topofílicas ao longo do tempo provocadas por diferentes ciclos econômicos. **OLAM - Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 182-200, abr. 2004. Disponível em: [http://arquivo.ambiente.sp.gov.br/cea/2011/12/Paulo\\_Maroti.pdf](http://arquivo.ambiente.sp.gov.br/cea/2011/12/Paulo_Maroti.pdf). Acesso em: 14 maio 2021.

MASSONI, Neusa Teresinha; MOREIRA, Marco Antonio. A visão etnográfica de Bruno Latour da ciência moderna e a antropologia simétrica. **RBECT - Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 61-80, 2017. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rbect/article/view/3776>. Acesso em: 18 ago. 2022.

MATOS, Daniel Abud Seabra; JARDILINO, José Rubens Lima. Os conceitos de concepção, percepção, representação e crença no campo educacional: similares, diferenças e implicações para a pesquisa. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 3, p. 20-31, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/9513>. Acesso em: 9 maio 2021.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e Tradução: Cristina Magro; Víctor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 203p.

MELAZO, Guilherme Coelho. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, ano 6, n. 6, p. 45-51, 2005. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/olharetilhas/article/view/3477/2560>. Acesso em: 24 fev. 2021.

MENEZES, Pedro. **Senso Comum**. 2022. Disponível em: <https://www.significados.com.br/senso-comum/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

MINTZ, Sidney Wilfred. **Cultura: uma visão antropológica**. Tradução: James Emanuel de Albuquerque. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf>. Acesso em: 9 set. 2020.

MOEDAS DO BRASIL. **Catálogo das Moedas Brasileiras**. c2021. Disponível em: <http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/catalogo.asp?s=1&xm=7>. Acesso em: 19 maio 2021.

NOVAES, Thais de Sá Gomes; GOLSALVES, Letícia Maria Montoia; PEREIRA, Letícia Busquim. O conceito de imaginação em Vigotski. *In*: PEREIRA, Denise; SANTO, Janaína de Paula do Espírito Santo (orgs.). **Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas 1**. Ponta Grossa: Atena, 2020. PDF. cap. 10, p. 85-90. Disponível em: <https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/ebookPDF/3422>. Acesso em: 17 mar. 2021

OLIVEIRA, Cêurio de. **Curso de cartografia moderna**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. 152 p.

OLIVEIRA, Kleber Andolfato de; CORONA, Hieda Maria Pagliosa. A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais. **Revista Científica ANAP Brasil**, ano 1, n. 1, p. 53-72, jul. 2008. Disponível em: [https://amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/anap\\_brasil/article/view/4/5](https://amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/anap_brasil/article/view/4/5). Acesso em: 10 nov. 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000. 220 p.



\_\_\_\_\_. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 39, n. 1, p. 13-37. 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579/109656>. Acesso em: 3 fev. 2021.

OLIVIERI, Antonio Carlos. **Pau-Brasil**: Extrativismo foi a primeira atividade econômica da colônia. 2014. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/pau-brasil-extrativismo-foi-a-primeira-atividade-economica-da-colonia.htm>. Acesso em: 8 fev. 2021.

PARAÍBA. **Porque a Paraíba...**: Descubra uma cidade que vai além de sol e mar, em um estado cheio de possibilidades. [20--]. Disponível em: <http://cecon.pb.gov.br/pt-br/porque-a-paraiba/>. Acesso em: 29 set. 2020.

PEREIRA, Ádson Bruno Costa; DIAS, Márcia Adelino da Silva. Percepção de alunos de uma escola pública de Campina Grande (PB) acerca do meio ambiente. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS - ENPEC, 8.; CONGRESSO IBEROAMERICANO DE INVESTIGACIÓN EN ENSEÑANZA DE LA CIÊNCIAS - CIEC, 1., 2011, Campinas. **Anais [...]**. Campinas, 5-9 dez. 2011. Disponível em: [http://abrapecnet.org.br/atas\\_enpec/viiiienpec/resumos/R0731-1.pdf](http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viiiienpec/resumos/R0731-1.pdf). Acesso em: 12 maio 2021.

PINHEIRO, Luciana. Da ictiologia ao etnoconhecimento: saberes populares, percepção ambiental e senso de conservação em comunidade ribeirinha do rio Piraí, Joinville, Estado de Santa Catarina. **Acta Scientiarum. Biological Sciences**, Maringá, v. 26, n. 3, p. 325-334, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciBiolSci/issue/view/108>. Acesso em: 11 jan. 2021.

POSEY, Darrel Addison. Etnobiologia: teoria e prática. *In*: RIBEIRO, Darcy (editor); RIBEIRO, Berta Gleizer (coord.). **Suma etnológica brasileira**: edição atualizada do Handbook of South American Indians. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. v. 1, p. 15 – 25.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa social**: Métodos e Técnicas. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: Atlas, 1999. 334 p.

ROCHA-COELHO, Fabiane Borges. **Etnobiologia**. c2021. Disponível em: <http://docplayer.com.br/66314837-Etnobiologia-sumario-i-etnobiologia-o-que-e-isso-ii-quais-os-metodos-utilizados-em-etnobiologia-iii-principais-abordagens-etnobiologicas.html>. Acesso em: 8 mar. 2021.

ROCHA, Romilson Golçanves; HAMDEN, Priscila de Castro; MATIOLI, Caroline Pavlú. Abordagens Metodológicas. *In*: FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de (Org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. 3. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2009. cap. 7, p. 119-129.

ROVER, Ardinete; MELLO, Regina Oneda. **Normas da ABNT**: Orientações para a produção científica. 1. ed. Joaçaba: Editora Unoesc, 2020. E-book. 222 p.

SAMPAIO, Helena. A experiência do artesanato solidário. *In*: CANCLINI, Nestor *et al.* **Políticas culturais para o desenvolvimento**: uma base de dados para a cultura. Brasília: UNESCO Brasil, 2003. cap. 2, p. 43-50.

SANTOS, Maria José dos; SILVA, Bernardo Barbosa da; OLIVEIRA, Edinete Maria de. Analogia entre desmatamento e êxodo rural no Nordeste do Brasil. **Qualitas Revista Eletrônica**, Campina Grande, v. 8, n. 1, p. 1-14, 2009. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/464/284>. Acesso em: 2 maio 2021.

SCHERWITZ, Débora Perilo. As visões antropocêntrica, biocêntrica e ecocêntrica do direito dos animais no Direito Ambiental. **Revista Direito e Sociedade**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 1-23, 2015. Disponível em: <http://revista.zumbidospalmares.edu.br/index.php/edicoes-antiores?layout=edit&id=81>. Acesso em: 12 maio 2022.

SEVERO, Thiago Emmanuel Araújo. **Ecologia também é Educação ambiental? Um estudo sobre as necessidades formativas do professor educador ambiental**. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO - ENDIPE, 16. 2012, Campinas, p. 2-13, 2012.

SEVERO, Thiago Emmanuel Araújo; ALMEIDA, Marias da Conceição Xavier de. Ensino de Biologia e saberes da tradição. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO - SIRSSSE, 1., 2011, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 7-10 nov. 2011. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/6465\\_3858.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/6465_3858.pdf). Acesso em: 06 jan. 2021.

SEVERO, Thiago Emmanuel Araújo; DIAS, Márcia Adelino da Silva. Representações sobre o conceito de natureza: um estudo com professores de Ciências Biológicas em formação. **Bio-grafia**, ed. Extraordinária, p. 957-969, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17227/20271034.vol.0num.0bio-grafia957.969>. Acesso em: 9 maio 2021.

SILVA, Amanda Ramiro Gomes da; CHRIZOSTIMO, Miriam Marinho. **Plataformas essenciais para o ensino remoto**. ed. 1, v. 1. Niterói: GESPRO, 2020. 22 p. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SILVA, Sérgio Sousa da; ANTONIAZZI, Elisiane Ap.; NOVAK, Maricléia Aparecida Leite. O Pronaf como instrumento de fixação do agricultor familiar no campo, evitando o êxodo rural. **Revista Desenvolvimento Socioeconômico em Debate – RDSD**, Criciúma, v. 5, n. 2, p. 66-93, 2019. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/RDSD/article/view/4545/5015>. Acesso em: 2 maio 2021.

SILVA, Antonio Sergio da; SOUZA, José Gilberto de; LEAL, Antonio Cezar. A sustentabilidade e suas dimensões como fundamento da qualidade de vida. **GeoAtos**, Presidente Prudente, v. 1, n. 12, p. 22-42, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/1724/sergiosilva>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SILVA, Talita Maria Soares da. Pedagogias que curam com os/as pescadores/as artesanais de Ipapissuma. In: PEREIRA, Denise; SANTO, Janaína de Paula do Espírito Santo (orgs.). **Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas 1**. Ponta Grossa: Atena, 2020. PDF. cap. 11, p. 91-101. Disponível em: <https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/ebookPDF/3422>. Acesso em: 17 mar. 2021.

SOARES, José Luís. **Dicionário etimológico e circunstanciado de Biologia**. 1. ed. 3. impr. São Paulo: Scipione, 2004. 534 p.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Tradução: DIFEL - Difusão Editorial S. A. São Paulo: DIFEL, 1980.

UNESCO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Educação de qualidade, equidade e desenvolvimento sustentável: uma concepção holística inspirada nas quatro conferências mundiais sobre educação organizadas pela UNESCO em 2008-2009**. nov. 2008. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000181864\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000181864_por). Acesso em: 4 set. 2021.

UNESCO - ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA EDUCACIÓN, LA CIENCIA Y LA CULTURA. **Estrategia a Plazo Medio para 2008-2013**. 2007. Disponível em: [https://www.uv.es/infosud/estrategia\\_UNESCO\\_plazo\\_medio\\_2008\\_2013.pdf](https://www.uv.es/infosud/estrategia_UNESCO_plazo_medio_2008_2013.pdf). Acesso em: 4 set. 2021.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. 2002. Disponível em: [http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration\\_cultural\\_diversity\\_pt.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf). Acesso em: 22 jun. 2021.

VESENTINI, José William. **Sociedade e espaço: Geografia geral e do Brasil**. 44. ed. 3. impr. São Paulo: Ática, 2005. 472 p.

VIEIRA, Vânia Maria de Oliveira. Portfólio: uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 149-153, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/9TFSpL6r85RKPCXy7qKN5dD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jul. 2021.

VINHAES, Alan da Silva; ROCHA, Tamires Regina. O papel e as características da agricultura urbana em Porto Ferreira-SP. In: PEREIRA, Denise; SANTO, Janaína de Paula do Espírito Santo (orgs.). **Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas 2**. Ponta Grossa: Atena, 2020. PDF. cap. 16, p. 173-184. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/574269>. Acesso em: 1 maio 2021.

VITTE, Antonio Carlos. Modernidade, técnica e subjetividade nas relações homem-natureza. **OLAM - Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 110-119, abr. 2004. Disponível em: [www.olam.com.br](http://www.olam.com.br). Acesso em: 8 mar. 2021.

WOLLMANN, Ediane Machado; SOARES, Félix Alexandre Antunes; ILHA, Phillip Vilanova. As percepções de Educação Ambiental e Meio ambiente de professoras das séries finais e a influência destas em suas práticas docentes. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 387-405. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4319/2884>. Acesso em: 12 maio 2022.

**APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA**

1) Nome (e apelido): \_\_\_\_\_

2) Idade: \_\_\_\_\_

3) Sexo:     ( ) Masculino     ( ) Feminino

4) Escolaridade: \_\_\_\_\_

5) Renda familiar (R\$): \_\_\_\_\_

6) Para você, o que é ambiente (natureza)?

---

---

---

7) Qual a sua relação com o ambiente (natureza) a partir da utilização do barro?

---

---

---

8) Você cava o barro de loiça? ( ) Sim   ( ) Não

Se sim, como e onde você escolhe e cava o barro de loiça? Caso não, como e quem o retira?

---

---

---

9) No processo desde cavar o barro até a produção e venda das peças de barro, você participa de todas as etapas?     ( ) Sim   ( ) Não

Caso não, cite quais são as etapas que você participa e quem ajuda você nas etapas de produção da loiça?

---

---

10) Você aprendeu a fazer a loiça de barro com quem? Como te ensinaram?

---

---

---

11) Pretende ensinar esses saberes tradicionais para outras pessoas da comunidade?

( ) Sim ( ) Não ( ) Talvez

Se sim ou talvez, para quem? \_\_\_\_\_

12) Além da atividade com o barro, você pratica qual(quais) outra(s) atividade(s)?

---

---

---

## ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado,

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: SABERES DA TRADIÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE CHÃ DA PIA, AREIA-PB, sob a responsabilidade de: **Darnley Dias Campos** e do orientador **Profa. Dra. Márcia Adelino da Silva Dias**, de forma totalmente voluntária.

Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem.

A justificativa para esta pesquisa ser realizada foi para a mesma servir de instrumento de valorização da cultura milenar local e dos moradores da comunidade. Esta pesquisa é muito importante tanto para a Ciência quanto para a comunidade rural de Chã da Pia e a cultura paraibana, quiçá do Nordeste. Será um instrumento para mitigar o êxodo rural, com incentivos ao turismo rural, aquecendo a oferta de geração de emprego e renda locais. O objetivo geral deste trabalho consiste em pesquisar, em uma perspectiva socioambiental, os saberes da tradição dos moradores de Chã da Pia/Areia/PB, analisando a sua percepção ambiental na produção da louça e utensílios fabricados manualmente com barro e durante a prática da cultura de subsistência desenvolvidas pelos moradores da localidade. Os objetivos específicos são: Identificar aspectos da percepção ambiental entre os moradores da comunidade de Chã da Pia, em seu fazer laboral; Analisar como os saberes da tradição são ensinados de geração a geração entre as pessoas da comunidade; Elaborar um plano de trilhas ecológicas de visitação aos “Quintais da Chã da Pia”, com o intuito de reforçar a tradição entre os moradores da comunidade. Esse plano será o Produto Acadêmico. A obtenção dos dados será através da pesquisa, de cunho etnográfico, de método qualitativo descritivo através do questionário semiestruturado aplicado (durante a entrevista) de maneira híbrida, ou seja, de acordo com a disponibilidade e vontade do participante em questão. Serão utilizados o gravador de áudio e a câmera fotográfica do celular nas entrevistas dos participantes que concordarem em serem gravados. Para isso, assinarão os termos: Termo de Autorização para Uso de Imagem e Vídeo (TCFV) e o Termo de Autorização para Gravação de Voz (TAGV). A observação e o diário de campo também serão instrumentos de coleta de dados pertinentes. Devido ao momento pandêmico atual, a aproximação será de modo híbrido, ou seja: virtual, através do Google *Meet*

e/ou *WhatsApp*, e presencial através de visitas à comunidade rural de Chã da Pia, que serão previamente combinadas e agendadas com os membros da comunidade, na finalidade de não atrapalhar a rotina social local, como também de evitar aglomeração. Visto posto, conforme a Resolução CNS 466/12/ CNS/MS. A aproximação presencial seguirá rígidos protocolos de segurança, a exemplo do uso de máscaras, álcool 70% e distanciamento físico, de um metro e meio a dois metros, de todos os envolvidos nesta pesquisa. Isso para realizar a pesquisa SABERES DA TRADIÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE CHÃ DA PIA, AREIA-PB. Tais recomendações estão em consonância com o Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Apenas com sua autorização realizaremos a coleta dos dados.

De acordo com a Resolução nº 466/2012, esta pesquisa terá risco mínimo, pois não se realizará nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos participantes deste estudo. Na entrevista, será utilizado questionário semiestruturado, que não vai ser invasivo à intimidade dos participantes. Esta pesquisa trará benefícios tanto para o incentivo do turismo rural no intuito de gerar emprego e renda quanto para a valorização da cultura milenar ceramista da localidade, incentivando a permanência dos moradores no ambiente rural e a valorização da cultura local, pessoal e profissional. Os benefícios estão alinhados com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) de nº 466/2012 - Ministério da Saúde. Todas as recomendações e protocolos do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS) serão rigidamente seguidos por todos os envolvidos nesta pesquisa, a exemplo do uso de máscaras, álcool 70%, distanciamento físico. De acordo com o item III.1 c (CNS, 466/12), garantia que os danos previsíveis serão evitados. Visto posto, está em conformidade com a Resolução CNS 466/12/ CNS/MS.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados aos moradores da comunidade rural de Chã da Pia, e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O voluntário poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo.

O participante terá assistência e acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa de acordo com Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto e será garantida a privacidade dos participantes, antes, durante e após a finalização do estudo. Será garantido que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Fica garantida a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, além da garantia de ressarcimento a eventuais despesas dos participantes da pesquisa.

Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas. (Res. 466/2012, IV. 3. g. e. h.)

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com Darnley Dias Campos, através do telefone (83) 99165-3222 (também é *WhatsApp*) ou através do e-mail: darnleycampos@gmail.com, ou do endereço: Rua Pedro Ivo Leal, nº 60, casa, Bairro Presidente Médici, Campina Grande-PB. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, Telefone 3315 3373, e-mail: cep@uepb.edu.br e da CONEP (quando pertinente), e da CONEP (quando pertinente).

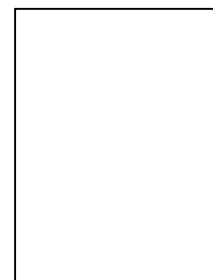
## CONSENTIMENTO

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa SABERES DA TRADIÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE CHÃ DA PIA, AREIA-PB, e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu, \_\_\_\_\_, autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Campina Grande-PB, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador





**ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VÍDEO  
(TCFV)**

Eu, \_\_\_\_\_, **AUTORIZO** o(a) Prof(a) Márcia Adelino da Silva Dias, coordenador(a) da pesquisa intitulada: **SABERES DA TRADIÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE CHÃ DA PIA, AREIA-PB**, a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de FOTO, com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Márcia Adelino da Silva Dias, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio eletrônico, sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

**Campina Grande-PB, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2021**

---

**Assinatura do participante da pesquisa**

---

**Assinatura e carimbo do pesquisador responsável**

### ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ (TAGV)

Eu, \_\_\_\_\_, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada SABERES DA TRADIÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE CHÃ DA PIA, AREIA-PB, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, os pesquisadores Darnley Dias Campos e prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Adelino da Silva Dias a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988;
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a) da pesquisa Profa. Dra. Márcia Adelino da Silva Dias, e após esse período, serão destruídos;
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande-PB, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2021

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável

## ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA (CE)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA  
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E  
PESQUISA / UEPB - PRPGP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** SABERES DA TRADIÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE CHÃ DA PIA, AREIA-PB

**Pesquisador:** DARNLEY DIAS CAMPOS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 53054921.3.0000.5187

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.181.861

#### **Apresentação do Projeto:**

Esta pesquisa contribuirá como instrumento de valorização da cultura milenar local e dos moradores da comunidade. Será também um instrumento para mitigar o êxodo rural, com incentivos ao turismo rural, aquecendo a oferta de geração de emprego e renda locais. A comunidade rural de Chã da Pia é um espaço importante e primordial na produção e conservação da cultura e conhecimento tradicional, e eles também são educativos, pois possibilitam a Educação Ambiental.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Pesquisar, em uma perspectiva socioambiental, os saberes da tradição dos moradores de Chã da Pia/Areia/PB, analisando a sua percepção ambiental na produção da louça e utensílios fabricados manualmente com barro e durante a prática da cultura de subsistência desenvolvidas pelos moradores da localidade; Identificar aspectos da percepção ambiental entre os moradores da comunidade de Chã da Pia, em seu fazer laboral; Analisar como os saberes da tradição são ensinados de geração a geração entre as pessoas da comunidade; Elaborar um plano de trilhas ecológicas de visitação aos “Quintais da Chã da Pia”, com o intuito de reforçar a tradição entre os moradores da comunidade.

**Endereço:** Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário

**Bairro:** Bodocongó

**CEP:** 58.109-753

**UF:** PB

**Município:** CAMPINA GRANDE

**Telefone:** (83)3315-3373

**Fax:** (83)3315-3373

**E-mail:** cep@setor.uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA  
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E  
PESQUISA / UEPB - PRPGP



Continuação do Parecer: 5.181.861

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Este tópico foi alinhado com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) de nº 466/2012 - Ministério da Saúde. De acordo com a mesma resolução, esta pesquisa terá risco mínimo, pois não se realizará nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos participantes deste estudo.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Encontra-se adequação dos instrumentos à metodologia.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos encontram-se anexados.

**Recomendações:**

É importante rever o instrumento da pesquisa para adequá-lo à metodologia

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1838706.pdf	26/11/2021 17:11:57		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_revisto.pdf	26/11/2021 17:08:37	DARNLEY DIAS CAMPOS	Aceito
Outros	Tai_chadapia.pdf	26/11/2021 17:07:45	DARNLEY DIAS CAMPOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Darnley_projeto_CE_revisto.pdf	26/11/2021 17:06:27	DARNLEY DIAS CAMPOS	Aceito
Outros	TermoCompromisso.pdf	27/10/2021 01:41:03	DARNLEY DIAS CAMPOS	Aceito
Declaração de concordância	Decl_Conc.pdf	27/10/2021 01:36:03	DARNLEY DIAS CAMPOS	Aceito
Outros	TAI.pdf	27/10/2021 01:27:53	DARNLEY DIAS CAMPOS	Aceito
Outros	Instrumento.pdf	27/10/2021 00:50:40	DARNLEY DIAS CAMPOS	Aceito

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário

Bairro: Bodocongó

CEP: 58.109-753

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)3315-3373

Fax: (83)3315-3373

E-mail: cep@setor.uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA  
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E  
PESQUISA / UEPB - PRPGP



Continuação do Parecer: 5.181.881

Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	27/10/2021 00:37:29	DARNLEY DIAS CAMPOS	Aceito
----------------	--------------------	------------------------	------------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAMPINA GRANDE, 21 de Dezembro de 2021

Assinado por:

**Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino  
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário

Bairro: Bodocongó

CEP: 58.109-753

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)3315-3373

Fax: (83)3315-3373

E-mail: cep@setor.uepb.edu.br